



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Ciências Sociais - ICS

Departamento de Antropologia - DAN

Programa de Pós-Graduação em Antropologia social – PPGAS



Castelo de Shuri, Naha, Okinawa

Suupa Uchinaanchu: a construção

da rede transnacional okinawana

Yoko Nitahara Souza

Brasília

2016

Yoko Nitahara Souza

Suupa Uchinaanchu: a construção
da rede transnacional okinawana

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor em Antropologia Social.
Orientador:

Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro

Brasília

2016

Yoko Nitahara Souza

Suupa Uchinaanchu: a construção da rede transnacional okinawana

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor em Antropologia Social.
Orientador:

Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro

Banca Examinadora:

Presidente:

Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro – DAN - Universidade de Brasília

Examinadores:

Profa. Dra. Sonia Cristina Hamid – Instituto Federal de Brasília

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva – CEPPAC – Centro de Pesquisa
e Pós-Graduação sobre as Américas – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva DAN – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Juliana Braz Dias – DAN – Universidade de Brasília

Suplente:

Profa. Dra. Cristina Patriota – DAN - Universidade de Brasília

Brasília

2016

Aos meus filhos Athos Yohan e Ana
Keiko, aos meus pais Fino e Maiumi
A todas as minhas famílias
Aos uchinaanchu

Tinsagu nu Hana

Tinsagu nu hana ya chimi sachi ni sumiti
Uyanu yushi gutu ya chimu ni sumiri
Uyanu yushi gutu ya chimu ni sumiri

Tin nuburi bushi ya yumiba yuma rishiga
Uyanu yushi gutu ya yumin naran
Uyanu yushi gutu ya yumin naran

Yuruha rasu funi ya ninu fua bushi miati
Wan na cheru uyaya wandu miati
Wan na cheru uyaya wandu miati

Takaradama yatin migaka niba sabisu
Asayu chimu migachi ychiyu watara
Asayu chimu migachi ychiyu watara

Makutu suru hitu ya atuya ichi madin
Umuku tun kanati chiyunu sakai
Umuku tun kanati chiyunu sakai

Nashiba nani gutun nairu gutu yashiga
Nasan yui karadu naran sadami
Nasan yui karadu naran sadami

Flores de Bálsamo

Assim como as minhas unhas estão manchadas com o pigmento das flores bálsamo, meu coração é pintado com os ensinamentos de meus pais.
Embora as estrelas no céu são contáveis, os ensinamentos de meus pais não são.
Assim como os navios que navegam durante a noite são orientados para a segurança pela estrela do Norte, eu sou guiado pelos meus pais que me deram à vida e cuidam de mim.
Não há nenhum sentido em possuir joias magníficas se você não mantê-las, pessoas que cuidam de seus corpos, vivem a vida maravilhosamente.
Os desejos da pessoa que vive sinceramente funcionarão sempre e, como resultado ela vai prosperar.
Você pode fazer tudo se quiser, mas é impossível se você não tentar.

Resumo

Iniciei a pesquisa sobre o cenário das migrações nipônicas especificamente pela migração de retorno, denominada *dekassegui* (Nitahara Souza, 2004). Comparando as trajetórias da migração *nikkey* (japoneses emigrados e seus descendentes) e *okinawana* (Nitahara Souza, 2009), chego ao ponto inicial da pesquisa sobre a qual desenvolvo esta tese. A existência de uma rede transnacional étnica conectando a diáspora *uchinaanchu* foi percebida como a principal característica deste grupo, comparativamente aos *nikkey*. O intenso fluxo global de pessoas, conhecimentos, práticas, crenças e emoções mobiliza os sentimentos, afetos e relações dos スウパ ウチナアンチュ *suupa uchinaanchu* (conceito nativo, revelado pela antropóloga e curadora do museu Haeburu Bunka Center). As práticas de intercâmbio em diversas áreas, acadêmicas e artísticas, principalmente, mas também intercâmbios culturais têm o objetivo explícito de conectar familiares e conterrâneos. A rede formada por instituições como as associações diaspóricas em países como Brasil, Argentina, Peru, Bolívia, Estados Unidos chamadas *shi cho sonjinkai* (associações por vilas e bairros de *Okinawakenjinkai* juntamente às prefeituras em Okinawa fomentam um intenso fluxo de visitas e intercâmbio, tanto dos países onde os *uchinaanchu* se fixaram para Okinawa como em sentido inverso. A prática de visitas e envio de *sensei* (professores) às comunidades que vivem em outros países, “*overseas*” por parte de *okinawanos* é frequente e fortalece os laços da rede transnacional. Além de apresentar o contexto geopolítico de Uchinaa / Ryukyu / Okinawa e etnografar a rede de instituições nos dois primeiros capítulos, a construção das redes artísticas centradas no *sanshin* (instrumento tricórdio) e no *odori* (dança), bem como as conexões familiares em trânsitos globais constituem o corpo da tese. O termo スウパ ウチナアンチュ *suupa uchinaanchu* surge para definir pessoas que constroem esta rede transnacional tanto quanto são produto desta rede étnica formada entre Okinawa e a diáspora. Os *suupa uchinaanchu* exaltam sua identidade e cultura, opondo-se a quem nasceu em Okinawa, mas consideram não conferir o devido valor ao seu legado cultural ao se identificarem como japoneses. Compartilhar o espírito *uchinaanchu*, cuja concepção é bastante ampla e abrangente, incluindo solidariedade, maleabilidade, socialização ou mesmo facilidade em estabelecer amizade ou a própria rede transnacional, é segundo os *suupa uchinaanchu* exaltar seu pertencimento e identidade étnica cultural.

Abstract

I started the research about the scenery of Japanese migration specifically by the return migration, which is named *dekassegui* (Nitahara Souza, 2004). Comparing the trajectories of nikkey migration (Japanese émigrés and their Okinawan descendants) and Okinawan (Nitahara Souza, 2009) I get to the initial point of the research about I've been developing this thesis. The existence of an ethnic transnational net connecting the diaspora uchinaanchu was perceived how the main feature of this group, comparing to the nikkey. The intense global flow of people, knowledge, practices, beliefs and emotions mobilizes the feelings, affections and relations of the スウパ ウチナアンチュ suupa uchinaanchu (native concept revealed by the anthropologist and curator of the museum Haeburu Bunka Center). The practices of interchange in several academic and artistic areas mainly, but also cultural interchanges have the explicit objective of connect relatives and countrymen. The net formed by institutions like the diasporic associations in countries like Brazil, Argentina, Peru, Bolivia, United states called shi cho sonjinkai (associations by villages and neighborhoods from Okinawa) together with the prefectures in Okinawa foment a intense flow of visits and interchanges, from the countries where the Uchinaanchu fixed themselves for Okinawa as much as in the inverse sense. The practice of visits and travels of sensei (teachers) to the communities that live in other countries "overseas" by part of Okinawans is frequent and reinforces the transnational net. Beyond of presenting the geopolitical context of Uchinaa / Ryyukyu / Okinawa and ethnography the institution net in the two firsts chapters, the construction of the artistic nets focused in sanshin (A traditional instrument with three strings) an in the odori (the traditional dance) as well as familiar connections in global transits build the body of the thesis. The term スウパ ウチナアンチュ suupa Uchinaanchu comes up to define people who build this transnational net as well they are product of this ethnic net formed between Okinawa and the diaspora. The suupa Uchinaanchu exalt their identity and culture opposing themselves to who was born in Okinawa, but consider don't check the deserved valor to their cultural legacy when they identify as Japanese. Share the Uchinaanchu spirit, which the conception is pretty big and covers, including, solidarity, malleability, socialization or even facility in stablsh friendship or the own transnational net, is following the suupa Uchinaanchu exalt their belonging, ethnic and cultural identity.

Agradecimentos

イッペニイフェデビタン (ippeniifedebitan)

*Caminhos do coração
Gonzaguinha*

*Há muito tempo que saí de casa
Há muito tempo que caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
Foi assim que eu quis
E assim eu sou feliz
Principalmente por poder voltar
A todos os lugares onde já cheguei
Pois lá deixei um prato de comida
Um abraço amigo
E um canto pra dormir e sonhar*

*E aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que a gente pense estar*

*É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão
Nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate
Bem mais forte o coração
O coração
Ah! O coração*

Agradeço às instituições que me apoiaram nesta jornada e pessoas inseridas nelas, que no fundo as constituem. À UnB, sem a qual nem existiria, pois meus pais se conheceram na fila do RU. Ao DAN que me formou em uma relação que completou maioria em 2016 (em 1998 entrei na graduação, ou seja, metade da minha vida). Agradeço às professoras Andrea Lobo e Ellen Woortmann pelos preciosos comentários e sugestões após acurada leitura do projeto de pesquisa na qualificação e da dissertação de mestrado. Ao professor Stephen Baines pela oportunidade de apresentar a pesquisa nas reuniões do LAGERI. Aos professores do DAN. Aos companheiros de turmas e da Katakumba. A Rosa, Paulo, Adriana, Jorge, Branca e demais membros da administração. Agradeço às professoras Kelly Cristiane da Silva,

Juliana Braz Dias, Cristina Patriota e Sonia Hamid e ao professor Leonardo Cavalcanti por participarem da banca. Aos sensei de nihongo Vinicius, Alice Joko, Rebeca, Hermínio, Kaoru, Yuko e Ronan Pereira do departamento de Letras Japonês. Em especial agradeço ao meu orientador Gustavo Lins Ribeiro, pela paciência, generosidade, pronta e acurada leitura e principalmente pela parceria e ensinamentos em longos anos de graduação, mestrado e doutorado.

Agradeço à SEE – GDF - Secretaria de Educação – da qual obtive afastamento remunerado para estudo. Aos diretores Afonso e Cecília, pelo apoio e demais professores com quem lecionei. Também à EAPE – Escola de Aperfeiçoamento do Pessoal de Educação. Agradeço ao CNPq pela bolsa recebida. A FAP DF que em duas oportunidade financiou minha participação, no IUAES 2008 (Kunming, China) e Metrópolis 2011 (Açores, Portugal) e também ao DPP e ICS por financiar minhas passagens para apresentar trabalho no 54th ICA (Viena, Áustria). Agradeço ainda ao Banco do Brasil, BRB e Itaucard Mastercard que viabilizaram créditos e possibilidades on line de pagamentos, assim vivi fora do país sem precisar aderir aos sistema bancário do Japão.

Agradeço à Universidade de Osaka, ao GLOCOL – Global Collaboration Center que me recebeu como pesquisadora visitante - *Research Fellow* entre outubro de 2013 e julho de 2014. Em especial a Junji Koizumi e Gyo Miyahara, indicado a ser meu orientador e responsável por mim no GLOCOL. Agradeço a Shizuyo Yoshitomi, Megumu Aoki e demais pessoas em Osaka. O *Support Office for International Students and Scholars*, na figura de Tomoko Okita, diretor do *Center for International and Exchange Osaka University* providenciaram o documento necessário ao pedido de visto, *Certificat of Eligibility for Status of Residence* (CESR) com uma celeridade impressionante.

Ao governo de Okinawa e prefeituras de Naha e Nago em especial suas divisões de intercâmbio na figura de Susumu Inamine (Prefeito de Nago), Taketsugu Miyazato (prefeito de Kushi) Eiki Senaha (Reitor da Meio daigaku) Junjie Sumie, Kinuko Yamazato, Sakie Oshiro, Kanako Oishine, Yasushi Tamanaha, Naomi Sanjo, Yoshisaburo Kugai (OHIF – Okinawa International Exchange and Human Resource Development Foundation) Takahiko Yokohama san, Yuka Makabe, Sakiko Nagatsuka, Aimi Kinjo, Mariko Cook, Izumi Inoue, Arturo Toyama, Tadashi Hirai, Goya san.

Agradeço à minha família nuclear: meu pai Fino, minha mãe Maiumi, meus filhos Athos Yohan e Ana Keiko, meu companheiro Marco Polo. A meus irmãos Akira e Akemi. A meus sobrinhos Naomi, Thales, Hasumi, Izumi, Midori, Isao, Sayuri, Yudi, Yoshio. Aos tios Pedro Tadayoshi, Nelson Fujiyoshi e Roberto Moriyoshi, tias Cecília Harumi, Amélia Nanami e Terezinha Fumie, seus companheiros Célia, Marisa, Rose, Carlos. Meus primos Hugo, Daniele, Karla, Cristiano, Kenji, Douglas, Robson, Daniel, Andreas. Meus avós Carmita e Petronilio, Chuji e Teiko, bisavó Kano (todos in memoria). Agradeço a oportunidade de conhecer no Japão o irmão de meu avô, Yoshito Fujiwara, em Minamata onde mora sua filha Hideka, na casa de quem passamos a noite, em companhia de sua outra filha Kazuko, me acolheram e me deram a história da família, com a incumbência de completar com a parte da história e pessoas do Brasil. Meus compadres Fred Hofman, Cláudio Jacinto, Lila (in memoria), Sérgio Duboc e Atawalpa e comadres Erika, Malena, Pauline, Alba e Alessandra (in memoria). Meus afilhados Yan Neves, Beatriz Miranda e Arian Mesquita Coelho. Amigos do Liga Tripa. Minha família em Okinawa Toshiko Nozato san, Isao Chinen san, Takeshi Toshi san, Minori Oshiro e família, Swan san, Onna san, Akitoshi Fujiki, Iha kun, Ken Shinzato, Shoko Oshiro, Keiko Nagata, Shinko chan e seu pai Kumihara sensei, que me acolheram em Okinawa como a uma filha e irmã.

Agradeço o contato no Japão de Hélio Nitahara e sua companheira Ana, sua filha Jeniffer pela acolhida. A família Sugimoto, Monica, Milton, Rosely e Alberto, amigos de meu companheiro Marco Polo que fui ao encontro em Shiga ken. Por coincidência, Seigo Kikuchi e sua esposa Olga residem perto e encontrei a todos em Shiga. Seigo, primo em segundo grau que reside há mais de vinte anos trabalhando no Japão, se empenhou o quanto pode em me ajudar a obter o visto. Ele possui e administra uma “empreiteira”, como são chamadas as empresas de RH entre os *dekasegui* brasileiros e trabalha diretamente com burocracias de visto e colocação de estrangeiros em empregos. Traduzindo e preenchendo inúmeros formulários e documentos, Seigo tentou muitas maneiras de me ajudar com o visto. No entanto faltava sempre uma instituição a se responsabilizar por mim no Japão. Caso eu fosse para trabalhar em fábricas ou *bentoya* (preparo de comidas prontas em marmitas) em jornadas longas Seigo Kikuchi facilmente conseguiria uma empresa que seria minha empregadora e responsável nos formulários para o visto. Após meses de tentativas, meu orientador Gustavo Ribeiro buscou uma solução entre universidades com Junji Koizumi, um colega da diretoria da IUAES – *International Union of Anthropological*

and Ethnological Sciences, e graças à aceitação do GLOCOL o visto foi obtido rapidamente.

Agradeço ao East West Center e WUB na figura de Bob Nakasone e John Tasato e estudantes Ayane Ish, Jakob Meir, Mariko Miyahira, Michelle Taminato, Rachel Mamiya Hernández, Dave Nguyen, Shinako Oyakawa, Saho Suzuki, Dave Jones, Suzuna Uehara, Saho Suzuki e Diana sanovic. Agradeço ao HUOA na figura de Jane Serikaku e Bonnie Miyashiro. Ao Genealogy Club, na figura de seu presidente Warren Higa que me convidou para me apresentar a Bessie Nitahara em sua reunião. O sobrenome em comum não era de nascimento, mas por casamento e seu marido nunca lhe dissera que tinha parentes no Brasil.

Agradeço ao COS, Center for Okinawa Studies em Honolulu, Universidade do Havaí em Manoa na figura de sua presidente Joyce Chinen, Lynnete Teruya, os professores Kiyoko Hijirida, Jonathan Okamura, Alexander Vovin, Lony Carlile, Gay Satsuma, Mark Mc Nally, Patricia Steinhoff, Dennis Ogawa, Katsuhiko Justin Ota, Stewart Curry, Masato Ishida. Estudantes Saha Sakihana, Darin Miyashiro, Cody Murushige que me receberam para conversas em Honolulu.

Agradeço ao grupo de artes de Okinawa no Havaí Ukwanshin Kabudan na figura de seus fundadores Eric Wada sensei, Norman Kaneshiro sensei e Keith Nakaganeku sensei por seu grande empenho e paixão em construir a rede transnacional e compartilhar o espírito uchinaanchu. Agradeço o convite a participar de inúmeras atividades como aulas de culinária, *sanshin*, uchinaaguchi em março de 2013 e principalmente poder compartilhar a programação da viagem de estudos do grupo em Okinawa, em março de 2014.

Agradeço a WYUA na figura de sua fundadora e presidente Minami Tamamoto e membros como Andrés Hida, Andrés Tadashi Ysa. Agradeço ao Urizun e seus membros, em especial Karina Satomi Matsumoto e Camila Sato. Agradeço à Academia Nipo Brasileira de Escritores na figura de seu presidente Akira Chinen, membros Alexandre Takara, André Kondo e Paulo Moriassu Hijo, além de seu grande incentivador e mentor Içami Tiba (in memoria). Agradeço aos pesquisadores Lais Miwa Higa, Victor Hugo Kebbe, Gil Vicente, Erika Rosa, Victor Kanashiro, Fábio Ribeiro, Hsinju Sung, Shinko Kumihara, Shoko Oshiro e Nádia Luna Kubota.

Agradeço aos artistas em Okinawa, em especial a Michiko Takase, que me apresentou a Masao Teruya e esposa, Yamajima e companheira Katsura Tokunaga, que acompanhava, com Michiko, o sensei Masao Teruya tocando *sanshin*, Kazuaki

Kouchi, Kouei Tsuha, Hajime Nakasone, Uehara san, Eiichi Tamaki, esposa Etsuko e filha Aichan (Robuchan), Rinken Teruya, Rie Sueyoshi, Ansei Yoshida, Saki Nakamura Madalena Muramoto, Eliza Miyuki Miyagi, Fernando Ezequiel Higa. Agradeço a Jason Garcia, Byron Fija sensei, Tokuichi Nishihara (Consulado honorário dem Naha, Okinawa Basil) Akihiro Yonashiro (rede de amigos Brasil – Okinawa) Red Agena e Miharuru Ray Ishimine, Yukari Akamine (Okinawa hands-on npo). Ryukyukan de Okinawa e Tóquio, na figura de Yoko Shimabukuro, Professor da Ryudai Munehiro Machida, Kenichiro Miyazato (professor de *uchinaaguchi* na Meio Daigaku, morador de Kushi), Teruhiko Nakasone. Agradeço a Ayane Ish, Diana Stojanovic e esposo, Dan Yamada, Yae Takahashi e Kiichi Nakamoto, sensei de karate.

Agradeço ao RKMD – Ryukyu Koku Matsuri Daiko, na figura de Hiroki Maeda em Okinawa, Melissa Ching em Honolulu e toda a filial Brasília. Agradeço aos Okinawa kenjinkai de Brasília, a ACNBVB – Associação Cultural Nipo Brasileira de Vargem Bonita na figura de Eduardo Akira Uema, Fabrício Otsubo, Nelson Uema, Luisa Masae, Liza Uema e toda família Uema, família Ono, Família Higa, Neusa Hiyane, Marta Hiyane, Katsuhiko Hiyane e Hiyane san (In memoria) e família. Família Hanashiro, Christiane, Thiago, Fábio, Olímpio, Marina. A Okinawa Kenjinkai de Curitiba na figura de seu presidente Hélio Higa, esposa Irene e filhas Thaís e Priscila.

Agradeço imensamente aos entrevistados em Okinawa que participaram de forma fundamental para a realização desta pesquisa: Lucila Etsuko Gibo, Larissa Asami Uezato, Nicole Saori Miyagi, Jéssica Lumy Gushiken, Masayuki Sesoko, Tetsumi Takara, sensei da Ryudai, Kenji Yamakawa, Tomohiro Yara, Miyuki Maeda Hsu, Melisa Nakasone, Celso Akihide Shiroma, Camila Sato Kanashiro, Yasukatsu Matsushima, fundador da ACSIL – Associação para os estudos compreensivos para a independência de Lew-Chew, Misaki Kudaka, Natsuki Uehara sensei na Meio, Carlos Akiyo Inoue, Horoyuki kinjo sensei na Ryudai, Eliana Tanabe, Tomohito Yara, Naomi Noiri sensei na Ryudai, Keiko Taira, Toshiko Taira, Tsugiko Taira, Julia Saori Takaesu, Liana Sayuri Nakahoodo, Família Oshiro, Patrícia Matayoshi, Sebastian Oshiro, Sadaki Maeda, Kikuyo Yamamoto, Luzia Miyuki Teruya, Kiyomori Nakayoshi, Satoru Inagaki e Manami Matayoshi, Hiroshi Aoyagi sensei em Tóquio, Janete Uyemura Toguchi e esposo Takeshi Toguchi, Miguel Kamiunten, Chikako

Yamawaki sensei em Tsukuba, Daniel Chinen, Minori Oshiro, Gabriela Makigusa, Maria Soledad Nerome, Megumi Chibana.

Sem a existência de vocês certamente esta tese não seria possível. Agradeço a força, apoio, carinho e acolhida de cada um nesta longa jornada. Assumo falhas e imprecisões e peço que as apontem. Muito Obrigada! Domo arigatougozaimashita! Ippeniifedebitan!

Sumário

Resumo -----	5
Abstract -----	6
Agradecimentos -----	7
Sumário -----	13
Imagens -----	17
I) Introdução -----	20
1 - Cenário da migração nipônica -----	22
Diferentes trajetórias diaspóricas -----	28
2 - Etnografia Multisituada e troca de bens simbólico -----	33
Brasil -----	38
Havaí -----	40
Okinawa -----	31
Eventos -----	45
Internet e redes sociais -----	48
3 – Antropologia do Transnacionalismo -----	51
Fluxos e conexões construindo uma rede transnacional -----	56
II) Capítulo 1 - Panorama histórico e geopolítico: Articulação e Mobilização -----	60
1 –Reino Ryukyu -----	65
Trânsitos e rotas -----	68
Invasão do reino pelo clã Satsuma (1609) -----	70
Ryukyu se torna Okinawa -----	72
2 – Diáspora -----	75
Havaí, a primeira comunidade uchinaanchu fora de Okinawa -----	75
Uchinaanchu no Brasil, a maior comunidade <i>nikkey</i> fora do Japão -----	75
Emigração pós guerra -----	79
Histórico de fluxos e intercâmbios -----	80
Uchinaaguchi – língua, engajamento, história -----	82
3 - Imperialismo, Democracia e Militarização em Okinawa -----	88
A batalha de Okinawa (1 de abril 1945 a 23 de junho de 1945, com o suicídio do general Mitsuru Ushijima) -----	88
Ocupação americana e reversão ao Japão (1945-15 de maio 1972) -----	89

“A guerra não acabou em Okinawa” - Mudança na constituição japonesa -----	90
Henoko e Takae (ampliação da presença militar): Protestos, Eleições e Política ----	94
“Geography is Destiny” século XX e XXI -----	98
4. Mídia ante a ocupação: <i>Ryukyu Shimpō</i> , <i>Okinawa Times</i> , e seu especialista para bases Tomohiro Yara -----	102
III) Capítulo 2 - Panorama institucional fomentando a construção da rede transnacional -----	105
1 – Festivais afirmando pertencimento identitário global -----	106
<i>5th Sekai no Uchinaanchu Taikai</i> , 第5回 世界のウチナーンチュ大会 outubro de 2011, Naha, Okinawa -----	107
Centenário da Imigração japonesa e okinawana no Brasil, junho e agosto de 2008, Brasília, Diadema e São Paulo -----	109
Participação e identidade globalizada -----	110
2 – Associações, os nós de uma rede transnacional -----	112
Brasil - AOKB – Associação Okinawa Kenjin do Brasil - Liberdade, São Paulo, SP, e CCOB - Centro Cultural Okinawa Brasil - Diadema, SP -----	112
HUOA – <i>Hawai United Okinawa Association</i> , <i>Waipahu</i> , <i>Hawai</i> -----	114
WUB - <i>Worldwide Uchinaanchu Business Association</i> -----	116
WYUA – <i>Worldwide Young Uchinaanchu Association</i> -----	119
Rede transnacional de instituições, conexões glocais -----	121
3 – Programas de intercâmbio – construção da rede transnacional por meio de fluxos - -----	123
<i>Urizun</i> e Associação Brasileira de Ex-bolsistas de Okinawa e ASEBEX -----	125
<i>Okinawa Kenpiryugakusei</i> – programa de bolsa para os descendentes da província ----	128
<i>Kenshusei</i> , intercâmbio <i>Shi Cho Son</i> – programa de bolsas para os descendentes das vilas -----	132
<i>Daidousoukai</i> - encontro dos vários programas de intercâmbio -----	136
<i>Sensei</i> e historicidade -----	138
4 – Universidades onde a rede transnacional é construída -----	141
<i>Hawaii University</i> em Manoa -----	141
Ryudai – Ryukyu University 琉球大学 -----	145

Meio Daigaku 名桜大学 Universidade Meio -----	146
Convênios com UEL (Universidade Estadual de Londrina, PR) e Escola <i>nikkey</i> de Lima, Peru -----	149
Geidai Okinawakenritsugeijutsudaigaku 沖縄県立芸術大学 ou Universidade de Arte de Okinawa -----	152
Fluxo global acadêmico -----	155
5. A construção da comunidade transnacional imaginada e sua identidade -----	155
 IV) Capítulo 3 - Panorama artístico e cultural: construindo a rede transnacional --	157
1 - Museus, Monumentos e Patrimônio Cultural -----	158
Três gerações de mulheres tecendo a rede <i>uchinaanchu</i> -----	163
Centro Kijoka Bashofu Ogimi - Matriarca Toshiko Taira, tesouro vivo do patrimônio imaterial da técnica do tecido <i>bashofu</i> -----	164
Museu e memorial Tsushima Maru - Keiko Taira, sobrevivente do navio Tsushima Maru torpedeado pelo submarino americano <i>Bowffin</i> -----	167
Centro Haebaru Bunka – curadora Tsugiko Taira -----	171
那覇市歴史博物館 Museu histórico da cidade de Naha – Curador Kina, <i>kakezu</i> e a negação da história -----	175
Memória e conexões locais -----	180
2 – Música, dança e identidade -----	181
Rede de <i>sanshin</i> e de <i>odori</i> , fluxo global artístico -----	186
Estilos <i>kooten</i> e <i>miyo</i> -----	189
Michiko Takase e <i>sensei</i> Masao Teruya: “destino” -----	194
Madalena Muramoto <i>sensei</i> -----	198
Eliza Miyuki Miyagi <i>sensei</i> e Fernando Ezequiel Higa -----	200
Música, dança e o espírito <i>uchinaanchu</i> construindo a rede transnacional -----	204
3 - Ukwanshin Kabudan grupo de artes de Ryukyu/Okinawa no Havaí: conexões locais construindo a rede transnacional -----	206
Viagem de estudos reforçando laços e proporcionando conhecimentos -----	209
Luta política, linguística e territorial dos nativos havaianos como inspiração -----	211
 V) Capítulo 4 - <i>Ichaariba choode</i> : família e o espírito <i>uchinaanchu</i> -----	219

1 - <i>Shiimii</i> e <i>Obon</i> (cerimônias), <i>Ohaka</i> (Túmulo familiar) e <i>Totome</i> (templo doméstico familiar) -----	221
Cerimônias <i>shiimii</i> na ilha -----	222
Minori Oshiro, duas cerimônias <i>shiimi</i> , adoção e família -----	225
Nozato san e a cerimônia de <i>shiimii</i> -----	231
Patricia Matayoshi e Sebastián Oshiro: encontro na <i>ohaka</i> -----	235
Andrés Higa e trajetória marcada pela obrigação de rezar ante a <i>ohaka</i> -----	237
2 - Trânsitos familiares globais -----	238
Takeshi Toguchi e Janete Uyemura: herança, migração e ritual funerário -----	240
Luciana Mika Oshiro: Guerra e família em trânsito -----	244
<i>Obon</i> (cerimônia em homenagem aos mortos) -----	246
Ano novo, <i>choonan</i> (primogênito) e calendário chinês -----	249
3 - <i>Yuin maru, tanomoshi</i> -----	255
4 – Vínculos afetivos e emocionais construindo uma rede transnacional -----	260
しまんちゅぬたから <i>Shimanchu nu Takara</i> , Conterrâneos são um tesouro -----	262
 VI) Conclusão - スウパ ウチナアンチュ <i>Suupa Uchinaanchu</i> construindo a rede transnacional -----	265
Idas e vindas da construção de uma rede transnacional por meio de fluxos de conhecimentos, pessoas e sentimentos -----	265
Rede étnica <i>Uchinaanchu</i> Transnacional -----	270
Bibliografia -----	275

Imagens

Castelo de Shuri, Naha, Okinawa -----	1
Mapa de Okinawa -----	20
Navios que transportavam migrantes entre Japão e Brasil, chamados Argentina Maru e Brasil Maru. Exposição no V Uchinaanchu Taikai, 2011-----	22
Material enviado por emigrantes a Okinawa, foto em exposição no V Uchinaanchu Taikai -----	30
Abertura do <i>V Uchinaanchu Taikai</i> , pessoas escrevendo Okinawa, Naha, outubro de 2011 -----	33
Center for Okinawan Studies, Universidade do Havaí, Manoa, fevereiro de 2013 --	35
Centro de Convenções, Ginowan, Okinawa, outubro de 2011 -----	47
Festival de Eisa, Okinawa 2011 -----	50
Sonohyan Utaki Ishimon, um portal sagrado da família real de Uchinaa, Castelo de Shuri, Okinawa -----	60
Rotas comerciais dos <i>uchinaanchu</i> entre os séculos XIV e XVI -----	68
Cartaz de recrutamento para a América do Sul, exposto no <i>V Sekai no Uchinaanchu Taikai</i> - outubro 2011 -----	76
O sensei de <i>uchinaaguchi</i> e musicista Byron Fija e estudantes, à direita Michiko Takase -----	83
Byron Fija ao centro, Dudu à direita, ao seu lado um amigo linguista holandês estudioso do <i>uchinaaguchi</i> . Festa de Shoguati, ano novo lunar, tocando <i>sanshin</i> , <i>paranku</i> , um <i>taiko</i> ou tambor pequeno e <i>sanba</i> , três placas. Em primeiro plano dançando <i>kachyashi</i> . Fevereiro de 2014, Okinawa -----	85
Cartazes e protestos se intensificam em Henoko. Cerca da base Camp Schwab e ao fundo o mar na baía Oura, que pretendem aterrar para novas instalações militares –	94
Manifestantes na <i>Kensho</i> (Prefeitura) acompanham o anúncio do governador Nakaima, que de Tókyo permite a nova base, 27 de dezembro de 2013 -----	96
Prefeito de Nago (onde pretendem contruir a nova base) Susumu Inamine e deputada de Okinawa no parlamento japonês Keiko Itokazu apoiam os manifestantes na <i>Kensho</i> . 27 de dezembro de 2013 -----	97
Participantes do Fórum -----	100
Coronel Gregson a direita, ao lado de Tomo Yara, a esquerda Tetsumi Takara. Honolulu, 10 de março de 2013 -----	101

Passistas e samba no Uchinaanchu Taikai, Naha, 2011 -----	106
Abertura do evento, plateia no estádio -----	107
Os dois prédios do HUO, Waipahu, Oahu, Havaí, Março de 2013 -----	114
Reuniões onde se criou a WYUA, Ginowan, 2011 -----	119
Urizun no desfile que antecede a abertura do Uchinaanchu Taikai, outubro de 2011 --- -----	125
<i>Shiriashiki</i> dos bolsistas <i>kenpiriyugakusei</i> , Naha, Março de 2014 -----	130
Miyuki, Melisa e Inamine, o prefeito de Nago -----	134
Minami Tamamoto e Tadashi Hirai na reunião -----	138
Certificados entregues por autoridades no <i>Shiriashiki</i> dos bolsistas <i>kenpiriyugakusei</i> 2013/2014, em Naha, março de 2014 -----	141
Andrés Higa, o prefeito Susumu Inamine e eu, foto tirada pela assessoria do prefeito com a máquina de Andrés, que postou no facebook -----	148
Tadashi Andrés Ysa Urbina expõe sua pesquisa de graduação -----	151
Júlia Saori toca <i>sanshin</i> , acompanhada do <i>koto</i> -----	152
Muros de Shuri, onde se percebe a parte reconstruída e a antiga -----	159
Heiwa no Ishiji, ou pilares da paz, muros escritos com o nome de todos os mortos na II Guerra, erguido próximo aos penhascos do suicídio -----	159
Tamaudun, no castelo de Shuri -----	161
Interior da caverna Chibichiri gamu, onde se pode ver ossos humanos -----	162
Toshiko Taira emenda fios da fibra de bananeira, março de 2014, Ogimi, norte de Okinawa -----	164
Keiko Taira em seu Relato, Ogimi, março de 2014 -----	167
Reprodução dos botes salva-vidas no memorial Tsushima Maru em Naminoue, Naha - -----	171
Painel no Haeburu Bunka Center, Haeburu, abril de 2015 -----	171
Tsugiko Taira, em seu trabalho, abril de 2014 -----	173
Curador Kina e Liana no museu histórico, Naha, março de 2014 -----	175
Carro de som pró militares e a favor da construção da base em Henoko que circulava diariamente em Naha, março de 2014 -----	177
Sala do trono do castelo de Shuri -----	180
Masao Teruya sensei e sua esposa em seu lar, estúdio e fábrica de <i>sanshin</i> , parte central de Okinawa -----	186
Kooten, estilo clássico de música e <i>odori</i> ou Ryukyu buyo no castelo de Shuri ---	189

Miyo, estilo popular de odori ou Ryukyu buyo, Shuri -----	189
O casal Saki Nakamura e Ansei Yoshida performan sanshin, odaiko e shime no girls bar de propriedade de Onnasan -----	191
Jantar dedicado ao dia das mães, com apresentações de Miyo -----	192
Chandaara, o bufão de Ansei Yoshida e sua mãe, Kazuko Mori -----	193
Platéia do <i>Sanba no hi</i> , ou dia do <i>sanba</i> , 8 de março de 2014, Okinawa -----	194
Michiko com o instrumento na mão e Masao <i>Teruya sensei</i> , <i>Sanba no hi</i> -----	196
Desfile reproduzindo a corte em Shuri, Madalena participou como rainha no ano que chegou a Okinawa -----	198
Madalena Muramoto dançando Ryukyu buyo e tocando yotsudake -----	200
Fernando Ezequiel Higa dançando no castelo de Shuri, maio de 2014 -----	203
Ao fundo, dourado, o totome de Eric Wada <i>sensei</i> e seus alunos de odori Mana e Brendt, Honolulu, março de 2013 -----	208
Teatro nacional de Okinawa -----	209
Ryukyukan de Okinawa onde Eric Wada palestrou -----	210
Eric recebe o governador de Okinawa ken Takeshi Onaga -----	213
Keiko Itokazu, parlamentar de Okinawa -----	215
Keiko Itokazu e companheiras -----	216
Aula de culinária com Eric Wada Sensei, Honolulu, 2013 -----	217
<i>Shiimii</i> da família Nozato, onde se vê o <i>shinda okane</i> , o <i>awamori</i> ao canto no copo e o <i>senko</i> na caixa plástica -----	224
Ohaka da família Oshiro, após o <i>shiimii</i> , ainda com flores e <i>awamori</i> , que lá permanecem depois de retiradas as lonas e limpeza -----	228
O choonan da família Oshiro oficia a cerimônia <i>shiimii</i> -----	229
A cerimônia <i>shiimii</i> da família do pai de Yoshiharu Oshiro -----	230
Presidente da ONG 306 no local em que o caça caiu -----	233
Obon – comida no <i>butsudan</i> ou totome -----	248
Festa de ano novo da família Kazuhiro dançando <i>kachiashi</i> em frente ao totome --	252
<i>Te odori</i> e <i>taiko</i> – <i>Eisa</i> -----	254
Anotações e a nota de mil ienes no encontro de <i>tanomoshi</i> -----	255
A mesa (baixa) escolhida para a reunião mensal de <i>Tanomoshi</i> -----	258
Reunião preparatória <i>daidousoukai</i> , Okinawa, 2014 -----	271

I) Introdução



Mapa de Okinawa

Ao longo da tese se observa o modo como se constrói esta rede transnacional a partir de diversas perspectivas e entradas etnográficas. A pesquisa de campo multisituada (Marcus, 1995) se desenrolou no Brasil, que abriga a maior comunidade de japoneses e okinawanos fora do Japão, Havaí, que recebeu a mais antiga comunidade diaspórica, e Okinawa, Japão. Iniciei a pesquisa em Londrina, Oeste do Paraná em 2003, Associação Okinawa kenjinkai de Brasília a partir de 2007, São Paulo durante as duas comemorações do centenário da imigração japonesa e Okinawana, em julho e agosto de 2008; nos Estados Unidos, em O’ahu, no Havaí em fevereiro e março de 2013; no Japão em Okinawa em outubro de 2011, durante o V Sekai no Uchinaanchu Taikai (encontro mundial) e entre dezembro de 2013 e junho de 2014 vivi na capital Naha, participando de atividades por muitas outras cidades e ilhas do arquipélago que hoje formam a prefeitura Okinawa ken. Convivi com uchinaanchu nascidos em diversos países da América, como Bolívia, Peru, Argentina, além dos países onde desempenhei a etnografia de fato. A emigração marca de modo amplo os uchinaanchu, sendo comum a afirmação de que todas as famílias possuem membros emigrantes. Os jovens participantes das associações em Okinawa, utilizam

este dado como um incentivo a pensar sua identidade e buscar saber sobre os familiares, para onde emigraram, considerando fazerem parte de uma família transnacional.

Início a tese contextualizando histórica e geopoliticamente a situação de Okinawa. Procedo a uma etnografia do cenário formado pelas instituições como associações, prefeituras, universidades e eventos por onde os fluxos globais se efetivam. Etnografar as práticas artísticas e a formação de redes e genealogias que cruzam fronteiras nacionais revelam que a arte fundamenta grande parte do que hoje é visto como cultura de Okinawa tanto no contexto nacional maior do Japão onde é amplamente consumida, como na rede diaspórica onde angaria praticantes e articula pertencimento e identidade uchinaanchu. Os trânsitos, conexões e reconfigurações familiares, os ritos do culto dedicados aos ancestrais, envolvem elementos importantes como o *totome*, o templo doméstico e a *ohaka*, o túmulo, como um sistema de obrigações que reforçam ou recriam laços familiares. Assim observo como ocorre a contrução da rede transnacional uchinaanchu em âmbitos institucionais, artísticos e familiares, trespassados por afetos e laços que constituem, segundo eles, a identidade ao compartilhar o espírito uchinaanchu.

Okinawa, por sua trajetória histórica e localização, encontra-se inserida geopoliticamente em relações supra locais com China, Japão e Estados Unidos, três das maiores potências mundiais. Além disso, as relações entre Okinawa e a sua diáspora em diversos países e continentes proveem um excelente cenário para pensar questões postas pela globalização, migração, transnacionalismo, poder imperialista do Japão e Estados Unidos, sob forte presença da China em um ponto estratégico do Oceano Pacífico. As relações estabelecidas entre os uchinaanchu (como são chamados em sua própria língua os okinawanos) são um exemplo etnográfico a ilustrar como uma postura tradicionalmente cosmopolita foi responsável por construir uma rede transnacional étnica por meio de fluxos globais acadêmicos, culturais e afetivos. A habilidade de estabelecer conexões, tradicionalmente incentivada sob o termo 揃う *soroo*, construiu a rede transnacional uchinaanchu.

1 - Cenário da migração nipônica



Navios que transportavam migrantes entre Japão e Brasil, chamados Argentina Maru e Brasil Maru. Exposição no V Uchinaanchu Taikai, 2011

Em 2015 se completaram 120 anos do tratado de amizade entre Brasil e Japão. Mais do que estabelecer relações diplomáticas, o tratado fez do Brasil o destino do maior contingente de japoneses migrantes e seus descendentes fora do Japão. O Japão estava passando por um turbulento período de grandes transformações históricas com a abertura de seus portos forçada pelos americanos, com o envio do comandante Mathew Perry e sua esquadra em 1853. A Restauração Meiji (1868 – 1912) é também considerada uma revolução onde se unificou o moderno Estado japonês, se aboliu o sistema feudal do *shogunato* (sistema político militar baseado na figura do *shogun*, os líderes de feudos e seus guerreiros *samurai*) e se restabeleceu os poderes da família imperial. O moderno Estado japonês surgia em meio a sérios conflitos geopolíticos, superpopulação, escassez de alimento que, segundo Woortmann (1995), impulsionaram a emigração nipônica para as Américas. A emigração de japoneses por contrato de trabalho para atuar nas *plantations* de cana de açúcar no Havaí começa em 1885. Apenas quinze anos mais tarde os okinawanos se engajam neste fluxo

migratório, a saída de Okinawa do pequeno grupo aconteceu em dezembro de 1899, sendo sua chegada nestas ilhas do Pacífico o marco histórico da emigração okinawana, em janeiro de 1900.

O Brasil, por seu lado, lidava com uma escassez de mão de obra e assim recebia imigrantes europeus a quem foram doadas terras. A escravidão findara oficialmente em 1888 e a imigração europeia tinha o claro sentindo de embranquecer a população brasileira. Nucci (2010) analisa o racismo anti-nipônico no início do século XX. Com atraso em relação aos demais estrangeiros devido à discussão sobre a serventia do japonês ao embranquecimento, o navio Kasato Maru chega a Santos em 18 de junho de 1908. A chegada das primeiras famílias japonesas marca uma iniciativa do governo do Japão que adquiriu terras em São Paulo para a empresa colonial japonesa. Falou-se do “perigo amarelo”, um termo que refletia o receio dos chamados enquistamentos.

Entre duas guerras mundiais e uma grande crise (1929), o fluxo emigratório a partir do Japão e Okinawa variou. Por exemplo, intensificou-se para o Brasil quando os Estados Unidos impediram a entrada de migrantes japoneses e, na sequência, foram para outros países como Argentina e Peru quando o Brasil deixou de recebê-los. Durante a Segunda Guerra, campos de internamento forçado onde japoneses foram confinados, sequestrados inclusive de países da América Latina, foram mantidos nos Estados Unidos continental e no Havaí. Após a Guerra Mundial, Okinawa passa a ser administrada pelo governo dos Estados Unidos que estabelece bases militares e iniciativas como a parceria com a Bolívia para a instalação das colônias Okinawa 1, 2 e 3 na região rural de Santa Cruz de la Sierra.

Em pouco mais de um século estabelecidos fora do Japão, os chamados *nikkey*, grupo formado por *isei*, japoneses imigrantes (que incluem também os okinawanos, isto é, os *uchinaanchu*, subsumidos neste etnônimo) e seus filhos *nisei*, netos *sansei*, bisnetos *yonsei*, tataranetos *gosei*, fazem parte das camadas de classe média e média alta do Brasil. Em locais com grande concentração de *nikkey*, como os estados do Havaí nos Estados Unidos, São Paulo e Paraná no Brasil, e a região de Santa Cruz na Bolívia, os *nikkey* experimentaram uma rápida ascensão social e desenvolvimento econômico regional. Por vias educacionais, devido ao sistema de educação superior gratuita no caso do Brasil, a formação ocorreu concomitantemente à melhoria econômica, impulsionando-a. É um motivo de orgulho entre os *uchinaanchu* o fato do primeiro “japonês” a se formar no Brasil, em odontologia ser

parte de seu grupo¹. Por vias econômicas e produtivas, no Havaí passaram de empregados nas plantações a proprietários de pequenos comércios e restaurantes além de fazendas. A elevação da formação educacional aconteceu após a ascensão econômica. Hoje o Havaí, o único estado americano de maioria etnicamente asiática, tem os “japoneses” junto aos caucasianos com os melhores rendimentos e escolaridade. Em todos os locais onde se fixaram, as comunidades *nikkey* ascenderam às classes médias em pouco mais de um século.

Seu relativo sucesso não ocorreu sem relatos dolorosos de muita privação, pobreza, dificuldade de adaptação, comunicação, moradia, violência, fuga das fazendas de café no Brasil onde foram escravizados por dívidas, sofreram agressões, repressão e prisões durante a guerra, fechamento de meios de comunicação e escolas. Como parte desta comunidade *nikkey* no Brasil, racialmente marcada segundo Tsuda (2010), eu sempre ouvi estórias sobre as relações familiares que cruzaram oceanos. Em Nitahara Souza (2009, 2013) apresento minha inserção como *nikkey*, sendo *ainoko* (mestiça, termo pejorativo) na prática etnográfica. Relato também os arranjos familiares ocorridos em minha própria família, comparativamente a outras trajetórias familiares.

A partir dos anos 1980, o movimento migratório de retorno das colônias *nikkey* da América para trabalhar como mão de obra braçal em solo japonês passa a ter amparo legal. Nesta época, o Brasil experimenta uma transformação em suas características de mobilidade populacional, passando de país receptor de imigrantes estrangeiros a enviar emigrantes. Em poucas décadas, a entrada de divisas representada pela remessa de emigrantes brasileiros passou a ser muito expressiva. A comunidade brasileira chegou a atingir trezentos mil trabalhadores estrangeiros no Japão. *Dekassegui* é o termo japonês cuja tradução literal é trabalhar fora de casa e pejorativamente utilizado para designar migrantes. Inicialmente foi aplicado aos próprios japoneses provenientes de áreas menos favorecidas economicamente como Hokkaido, Sapporo, Aomori, ao norte, e Okinawa, Kumamoto, Kagoshima, ao sul. São pessoas que se mudam sazonalmente para as áreas industrializadas centrais como Tokyo, Hamamatsu, Saitama, Nagoya, Yokohama, Aichi, Shiga, Osaka. Com a ida e regulamentação legal da imigração de descendentes de japoneses no exterior, elegeram-

¹ Como se verá ao longo desta tese, os okinawanos (*uchinaanchu*) não são exatamente o mesmo que japoneses.

² *Naichi* = *nihonjin* = japonês – o primeiro em *uchinaaguchi*, o segundo em japonês.

³ O que se segue baseia-se em Keer (2000 [1958]), Yamashiro (1993), Wade (2007) e em conversas

se a ampla colônia *nikkey* para morar e trabalhar em território japonês. A partir de então, o termo *dekasegui* designa também os *nikkey* que realizam um movimento de retorno ao Japão, bem como a própria dinâmica migratória de retorno.

Para concluir a graduação em Antropologia Social realizei pesquisa de campo em 2003 na cidade de Londrina, Paraná, onde há uma grande colônia nipo-brasileira e parcela significativa de seus membros havia migrado ao Japão em busca de trabalho melhor remunerado do que no Brasil. Convivi com os *dekasegui* e seus familiares. Entrevistei pessoas que vivem em uma dinâmica circular entre o Brasil, seu lar, e o Japão onde trabalham. Desta pesquisa resultou a monografia “*Dekassegui: representações e falas de nipo-brasileiros em Londrina – PR* (Nitahara Souza, 2004). Abordei a maneira como estas pessoas vivem e como veem a si próprios neste processo migratório, como compreendem a sua identidade neste trânsito entre duas diferentes culturas e, principalmente, a forma como acontecem muitas negociações identitárias neste fluxo.

Ao se engajarem como trabalhadores nas fábricas japonesas e viver variados tipos de preconceito na segmentada sociedade japonesa o migrante nipo-brasileiro se vê reconhecido como cidadão apenas pelo Estado brasileiro e suas relações sociais se reduzem ao ambiente de trabalho. Quanto ao pertencimento identitário, os migrantes *dekasegui* se descobrem brasileiros ao viverem do lado oposto do globo terrestre. Neste fluxo, permanecem japoneses no Brasil e no Japão são brasileiros. (Fukasawa, 2002; Kawamura, 1999; Sasaki, 1999; Capuano de Oliveira, 1999; Nitahara Souza, 2004; Moriya, 2000; Lesser, 2003, Woortman 1995; Galimbert, 2002).

Uma década antes desta primeira etapa da pesquisa, o campo das migrações internacionais mudava sua abordagem teórica. Basch, Glick Schiller e Blanc (1994) rejeitam as abordagens vigentes até então, abundantes em estudos sobre assimilação, e também das condições em cena nas sociedades receptoras e nas sociedades de envio, dentro de abordagens conhecidas como *push-pull*. Propuseram uma nova perspectiva sobre os chamados transmigrantes, “imigrantes que desenvolvem e mantêm relações múltiplas - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - que cruzam fronteiras” (Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc, 1994: 7), apontando para o desenvolvimento de uma nova esfera de experiência: “um mundo formado pelas interconexões que os próprios transmigrantes forjaram” (idem, 1994:8).

In contrast to the past, when nation states were defined in term of a people sharing a common culture within a bounded territory, this new

conception of nation state includes as citizen those who live physically dispersed within the boundaries of many other states, but who remain socially, politically, culturally and often economically part of the nation state of their ancestors. [...] As transmigrants operate in the national arena of both their country of origin and country (or countries) of settlement, they developed new spheres of experiences and new fields of social relations. In their daily activities transmigrants connect nations states and then live in a world shaped by the interconnections that they themselves have forged. There is currently a gap between the daily practices of transmigrant and the ways both transmigrants and academics represent these practices. (Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc 1994: 8-9).

Pensando em alguma medida suprir esta lacuna, busquei as representações dos transmigrantes sobre as suas práticas, trânsitos, experiências de vida e relações familiares bem como sociais, políticas e econômicas. Na minha pesquisa de graduação em Londrina, conheci uma família cuja trajetória se mostrou bastante diferenciada e possuía uma peculiaridade interessante. As interconexões entre a família extensa criou uma rede familiar migrante entre Brasil e Japão onde rearranjos domiciliares eram feitos para o cuidado e continuidade dos estudos das crianças e jovens. Trata-se de uma família descendente de migrantes provenientes de Okinawa que compartilhava laços de pertencimento à comunidade *uchinaanchu* de Londrina. O termo *uchinaanchu* se refere à autodenominação das pessoas que compartilham pertencimento étnico e identitário como o povo descendente direto dos habitantes de Uchinaa. É principalmente um nome íntimo, usado internamente ao grupo. Uchinaa ou Ryukyu (nome utilizado para se referir ao reino em conversas com estrangeiros) foi um reino independente até 1879 (quando foi anexado ao Japão passando a ser denominado Okinawa) conhecido como a terra da cortesia pela posição de entreposto comercial e pela reputação de um povo que navegava e negociava pelo Pacífico até o Índico (voltarei a este tema detalhadamente durante a tese).

O convívio extremamente caloroso que tive com esta família levou-me a investigar mais a fundo, ainda no âmbito da minha pesquisa de mestrado, a especificidade cultural e étnica *uchinaanchu*. Com aquela convivência, percebi uma construção identitária contrastiva em relação aos *naichi*, como chamam aos *nihonjin* ou japoneses. A família, em conversas informais, declarou que não era japonesa. Muitos deles propalaram uma maior afinidade cultural e identitária entre eles e os brasileiros. Afirmaram que seus temperamentos expansivos, comunicativos e

calorosos tinham origem em uma cultura bem mais aberta e cosmopolita do que a do Japão. Muitos membros da família okinawana citaram a valorização dos laços de família e do carinho entre seus membros como mais uma afinidade entre a cultura uchinaanchu e a cultura brasileira. Este elemento cultural, segundo eles, os distancia do jeito de ser dos japoneses, considerados frios, rígidos, que colocam o trabalho e os amigos em precedência com relação à família. Citou-se inclusive o clima subtropical de Okinawa, propício ao cultivo de produtos agrícolas tais como banana, melão, abacaxi, cítricos, como um fator que os dotou de um temperamento mais caloroso. Okinawa é um arquipélago ao sul do Japão, possui belas praias, constituindo-se no balneário “tropical” daquele país.

Percebi, então, a existência de dois “mundos paralelos” para utilizar o título do livro de Fukasawa (2002) “Um Mundo Paralelo: a vida da comunidade brasileira em Oizumi, Japão” onde o autor relata sua própria experiência como *dekassegui* nas fábricas japonesas. Nascido, crescido e atuando profissionalmente como jornalista, o sociólogo Fukasawa se desiludiu com a vida no Japão. Após se casar com uma *nikkey* brasileira, mudou-se para o Brasil e retornou ao Japão como *dekassegui*. Descreve a cidade de Oizumi como um reduto onde residem apenas brasileiros. Os japoneses evitam estar na cidade, uma verdadeira colônia brasileira no Japão, um mundo paralelo. Assim considero a existência de “dois mundos paralelos”: a segmentada comunidade *nikkey* e, como uma minoria internamente a uma minoria, os uhinaanchu ou okinawanos.

A acentuada divergência no pensar e negociar pertencimento encontrado entre uchinaanchu e *naichi* resultou na formação de uma comunidade diaspórica transnacional uchinaanchu em contraponto a uma segmentada e compartimentada colônia *nikkey*. Ambas encontram membros em múltiplos locais dispersos pelo globo, no entanto a certeza do pertencimento e reconhecimento da identidade uchinaanchu contrasta com a intensa categorização operante entre japoneses. A representação do pertencimento por ambos os grupos se mostrou, em campo, um pilar a distinguir radicalmente as trajetórias uchinaanchu e *nikkey* inseridas na era da globalização. O tão falado espírito uchinaanchu simboliza, segundo eles próprios, uma unidade com a qual seus membros se identificam e na qual têm seu pertencimento reconhecido. É um modo privilegiado do despertar do pertencimento à identidade étnica e ocorre, como veremos, impulsionado pelo fluxo dinâmico de saberes e pessoas internamente a uma rede transnacional.

As trajetórias diaspóricas *nikkey* e *uchinaanchu* resultaram em interconexões afetivas e principalmente em grupos que compartilham o pertencimento identitário de modo radicalmente distinto. Percebi a profundidade histórica, principalmente familiar, criando e recriando laços entre a diáspora *uchinaanchu* e Okinawa. Por outro lado, muitos *nikkey* retornam ao Japão e jamais retomam o contato com familiares que lá permaneceram ou, quando o fazem, não são recebidos como imaginavam. Frases como “não parecia nem que a gente tinha o mesmo sangue” são usadas para descrever a falta de afinidade nos encontros dos *nikkey* com parentes japoneses. Os *nikkey* em geral percebem que os japoneses cujos parentes retornam ao Japão sentem desprezo e vergonha ante o fato de seus parentes precisarem migrar para desempenhar trabalhos braçais. Como veremos na etnografia que baseia a tese, os laços familiares entre os *uchinaanchu* se expande aos conterrâneos tradicionalmente. Com a diáspora *nikkey*, os *uchinaanchu* se estabeleceram entre seus pares, em locais como Havaí, Los Angeles, Cuba, região de Santa Cruz na Bolívia, Campo Grande e bairros como Carrão, Casa Verde, Ipiranga, Santo André, em São Paulo, no Brasil, Argentina, Peru, mas sempre de maneira separada dos demais *nikkey*. Os laços familiares, fluxos e interconexões entre os conterrâneos, os *shimanchu*, vivendo em distantes locais, formaram assim uma família transnacional (Almeida Santos, 2013). Ao “viver no mundo formado pelas interconexões que eles mesmos forjaram”, (Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc 1994: 8) os *uchinaanchu* ou *suupa* (super) *uchinaanchu* construíram a sua rede transnacional.

Diferentes trajetórias diaspóricas

A partir de 2007, direcionei a pesquisa etnográfica para pensar a construção identitária contrastiva (Barth, 1969) observada entre *uchinaanchu* e japoneses oriundos das demais províncias (*ken*) do Japão. Analisando diversos âmbitos como parentesco, comensalidade, sociabilidade, identidade e pertencimento, pude concluir que a trajetória e atual conformação da comunidade *uchinaanchu* se distingue sobremaneira se comparada à comunidade *nikkey* mais ampla. (Nitahara Souza, 2009) A principal diferença se mostrou na coesão, amplitude do pertencimento, no dinâmico e intenso fluxo de pessoas e informações na rede transnacional *uchinaanchu* em flagrante contraste com a multissegmentada população *nikkey*. O fervor étnico em

torno do propalado espírito uchinaanchu fez com que se construísse uma sólida rede de contatos entre os uchinaanchu, um terço dos quais se encontra vivendo “*overseas*”.

Em uma perspectiva comparativa, minha dissertação de mestrado discorreu sobre o modo como as identidades contrastivas uchinaanchu e *naichi* implicaram a construção de duas comunidades cujas características são distintas. A configuração da sociedade japonesa, juntamente com os emigrantes japoneses e seus descendentes que se instalaram em diversos países, os *nikkey*, apresenta uma rígida divisão e hierarquização entre as muitas categorias ou sub categorias dos que são chamados “japoneses”: *isei*, *nisei*, *sansei*, *yonsei*, *gosei* (de primeira geração, nascidos no Japão, até a quinta geração, os tataranetos dos *isei*), *hafu*, *ainoko* (do inglês *half*, metade e literalmente filho do amor, ambos termos pejorativos para mestiço), *gaikokujin*, *gaijin* (estrangeiro, o termo formal e a abreviação pejorativa também usada no Brasil para não *nikkey*, no Japão é aplicada para qualquer *nikkey* não nascido no Japão, mesmo sendo seu sangue considerado *hiyaku percento*, 100%, ou ainda aos de fisionomia diferente, mesmo mestiços nascidos no Japão), *okinawajin*, *nihonjin* (jin é a leitura do kanji 人 ou pessoa). Já a comunidade uchinaanchu se apresenta enquanto grupos dispersos pela diáspora, multilocalizados, porém articulados em uma rede dinamicamente fluente de informações, pessoas, relações familiares e de amizade, valores, ajudas, reciprocidade e pertença identitária que está estabelecida a nível global. Conectam-se entre os *shimanchu* com laços familiares estendidos, e ao estabelecerem-se em diversos países, esta família se tornou transnacional (Almeida santos, 2013) uma vez que liga Okinawa a cada um dos países onde os uchinaanchu se instalaram bem como conecta estes países entre si. Mas era preciso pesquisar como essa rede era construída a partir de diferentes *loci*, agentes e agências da diáspora. Assim, a presente tese foca nas especificidades étnicas, históricas e culturais responsáveis pela construção de uma rede transnacional articulada via identidade e pertencimento.

Uma etnografia visando realizar uma arqueologia da construção da rede uchinaanchu por meio de fluxos, remonta a uma história de intensa mobilidade, entre as ilhas do arquipélago e internacionalmente, em intercâmbios de estudos e trocas comerciais. É remota também a origem das práticas associativistas de conterrâneos *shimanchu* migrantes e de ajuda mútua entre eles. Considero arqueologia de uma prática, a construção da rede entre os uchinaanchu, por compreender uma grande

duração histórica de fluxos, ampliado geograficamente com as navegações e a diáspora. Tanto intercâmbios, viagens, visitas, obrigações familiares, como a formação de associações ocorrem no sentido de fortalecer a rede uchinaanchu, designo arqueologia da construção da rede transnacional uchinaanchu o destrinchar de seu longo alcance geográfico em vários continentes e sua longa duração histórica. A dispersão diaspórica uchinaanchu impôs a etnografia multisituada seguindo o percurso de sua diáspora, elegi assim Brasil, Havái e Okinawa, suas instituições, pessoas, práticas artísticas e religiosas (culto aos ancestrais) como lócus da etnografia e fio condutor da arqueologia, a narrativa sobre a construção da rede transnacional uchinaanchu.



Material enviado por emigrantes a Okinawa, foto em exposição no V Uchinaanchu Taikai

Pode-se afirmar que o chamado espírito *uchinaanchu* estabeleceu uma dispersa e multilocalizada comunidade com uma viva rede de relações e intensa comunicação, tal como Sahlins (1997) afirma para Samoa e Tonga. O autor analisa estas comunidades, consideradas isoladas pelos “ocidentais” que, ao migrarem,

estenderam suas redes de relações, prestações, solidariedade e sociabilidades aos “lares alhures”. Fazem cruzar oceanos objetos como motores de barcos e geladeiras, além de afeto e laços familiares entre ilhéus do Pacífico e os países para onde migraram.

Em contato com a colônia nipo-brasileira se tem acesso a variadas maneiras de se perceber no mundo influenciadas pela experiência *dekassegui*. Os descendentes dos migrantes que hoje formam a maior população de *nikkey* fora do Japão possuem identidades algo peculiar neste cenário de fluxos transmigrantes. Ao ter contato com as redes sociais transmigrantes no âmbito de minha pesquisa de campo, pude perceber o modo como estas pessoas negociavam suas identidades. A experiência transmigrante *dekassegui* faz com que as pessoas nela envolvida percebam e acionem contextualmente distintos pertencimentos a identidades culturais híbridas marcadas pelos fluxos migratórios circulares ao redor do globo. A colônia *nikkey* do Brasil mantém fortes laços de identidade cultural com o país de seus antepassados, o Japão. No Japão, o transmigrante se conscientiza de seu pertencimento identitário ao Brasil, bem como de sua cidadania.

Uma dinâmica bastante diversa, praticamente oposta, é revelada ao etnografar a comunidade uchinaanchu. Enquanto a trajetória da colônia *nikkey* e principalmente os valores culturais e *ethos* ativados na relação *nikkey*/Japão estruturaram uma polarização radical de pertencimentos étnicos, raciais, nacionais e identitários, ocorreu outra dinâmica na estruturação da comunidade global uchinaanchu. Os grupos uchinaanchu em terras brasileiras ocuparam locais distintos e distantes dos ocupados pela colônia *nikkey*. A imigração nipônica inicialmente se deu em São Paulo, onde permaneceram muitos *nikkey* e uchinaanchu. A migração secundária dispersou os imigrantes *nikkey* para o Paraná. Os imigrantes uchinaanchu migraram secundariamente principalmente para o Mato Grosso do Sul e Pará. Mesmo em São Paulo o estabelecimento de *nikkey* e uchinaanchu se deu separadamente. Na grande São Paulo é sabido que japoneses de bairros como Vila Carrão e Casa Verde na verdade não são japoneses, mas uchinaanchu. Campo Grande acolheu a maior colônia uchinaanchu. A facilidade em formar ligações estreitas, sociabilidade, flexibilidade e descontração são características encontradas mais frequentemente entre os uchinaanchu do que entre os *nikkey*. A própria concentração de uchinaanchu em Campo Grande e o exemplo dos que vieram do Peru para se fixar na cidade é obra da sociabilidade específica articulada em torno das práticas de ajuda mútua, cooperação e

do sentimento de pertencimento à identidade e compartilhamento do espírito uchinaanchu como veremos ao longo da tese.

Acompanhei o fluxo de pessoas nos intercâmbios, suas interações. Observei sob a perspectiva de grupos uchinaanchu, do Havaí, Brasil e de Okinawa, o funcionamento concreto e virtual da rede transnacional uchinaanchu em pelo menos três dos seus âmbitos – a rede institucional, a rede de intelectuais e a rede de apresentações culturais e artísticas. Como formam uma família transnacional (Almeida Santos, 2013), traço uma arqueologia da construção da rede transnacional e para isto, trago a descrição de rituais familiares e comunitários que fortalecem o sentido de família expandindo-o à toda a rede transnacional uchinaanchu.

Se, na dissertação de mestrado, eu delinee uma comparação entre as trajetórias *nikkey* e uchinaanchu enquanto parte desta mesma comunidade *nikkey*, o foco no doutorado foi pesquisar exclusivamente a construção da rede transnacional uchinaanchu. Esta rede, que se dedica a registrar e refletir sobre a diáspora, arte, economia, artesanato, tradições, cultura e identidade uchinaanchu, possui uma profundidade histórica. Contemporaneamente a rede dos que chamo *suupa uchinaanchu* é um importante pilar que concretamente planeja e executa estratégias de articulação e manutenção dos laços étnicos *uchinaanchu* a nível global por meio de sua cultura, identidade, artes, intercâmbios e do espírito uchinaanchu ou *mabui*. Encontros e vários programas de intercâmbio entre as comunidades uchinaanchu de diversas localidades têm sido promovidos por esta rede transnacional movida pela emoção, afeto, paixão e participação no espírito uchinaanchu agregador. Estes fluxos e mobilizações proporcionaram profícuos pontos de inserção na prática de construção da rede transnacional uchinaanchu. Perguntei a todos os entrevistados o que é o espírito uchinaanchu e após refletir muitos afirmaram não saber responder, mas em seguida citavam alguns ditados populares uchinaanchu como *ichaariba choode* (desde a primeira vez que nos encontramos somos irmãos), *nuchidu takara* (a vida em si é um tesouro) ou mesmo falaram sobre a prática de ajuda mútua e consórcio, conhecidas como *yuin maru* ou *tanomoshi*. Espírito uchinaanchu foi também conceituado como o amor entre as pessoas e até mesmo como a própria globalização.

2- Etnografia Multisituada e troca de bens simbólicos



Abertura do *V Uchinaanchu Taikai*, pessoas escrevendo Okinawa, Naha, outubro de 2011

A construção da rede transnacional uchinaanchu é o foco da etnografia multisituada (George Marcus, 1995) que realizei no Havaí (fevereiro e março de 2013), em Okinawa (outubro de 2011 no *Uchinaanchu Taikai* e entre dezembro de 2013 e junho de 2014), e se iniciou no Brasil (Paraná, em abril e maio de 2002, São Paulo, julho e agosto de 2008, e Distrito Federal, 2007 a 2009). Acompanhei inúmeras atividades como palestras, festas e suas preparações, aulas de *uchinaaguchi* (a língua dos uchinaanchu), aulas de culinária, karatê, *odori* (dança), *sanshin* (instrumento musical), ensaios, apresentações, cerimônias, *study tour*, reuniões, fóruns, protestos, museus, manifestações, cerimônias de encerramento das atividades de bolsistas participantes de intercâmbios. Entrevistas foram realizadas com estudantes, artistas e *sensei* (professor, em amplo sentido, similares ao intelectual orgânico gramsciano), além do *staff* da prefeitura envolvido nos intercâmbios, no *Sekai no Uchinaanchu Taikai* (encontro mundial uchinaanchu, grande ritual de reforço étnico identitário que ocorre a cada cinco anos desde 1990 em Okinawa), no

Center for Okinawan studies – disperso em diversos departamentos da Universidade do Havaí em Manoa e em outras universidades. Ainda acompanhei grandes eventos como as comemorações dos centenários da imigração japonesa e okinawana no Brasil realizadas em São Paulo (separadamente em junho e agosto de 2008 respectivamente) o *V Sekai no Uchinaanchu Taikai* ou grande encontro dos *uchinaanchu*, realizado em Naha, capital de Okinawa em outubro de 2011. Paralelamente à etnografia de campo, acompanho pela internet muitas das atividades das associações e seus membros, os *suupa uchinaanchu* diretamente envolvidos neste esforço de construção da rede transnacional.



Center for Okinawan Studies, Universidade do Havai, Manoa, fevereiro de 2013.

Tal como Gramsci (1982) fala sobre os intelectuais orgânicos, os japoneses consideram os seus *sensei* (professores, em amplo sentido) como formadores de visões de mundo, não apenas em espaços acadêmicos, mas também em artes, artesanatos, línguas, músicas. Assim, um foco geral da pesquisa foi desvelar como

este grupo de intelectuais ou *sensei* e aprendizes, ou ainda *suupa uchinaanchu*, tem construído a rede transnacional. Etnografei a construção da rede focando a produção e fluxo de conhecimento sobre si mesmo, bem como a manutenção do senso de pertencimento étnico a partir de práticas de intercâmbio de estudantes e *sensei*. Esta rede transnacional, ao fazer fluir elementos e conhecimentos caros à identidade, cultura e espírito uchinaanchu ou *mabui*, impulsionada por práticas tradicionais associativista informais e de ajuda mútua, nos fornece um exemplo de como a habilidade pessoal em formar redes é apreciada e incentivada culturalmente entre os *uchinaanchu*, sob o verbo 揃う *sorou* (completar, reunir).

Bolsas de estudos são um fator fundamental para a mobilidade e fluxos de pessoas entre seus países de origem e Okinawa, organizados por meio da rede de associações por descendentes dos *ken*, ou províncias japonesas, em articulação com o governo central japonês, no caso da chamada *kenpiriyugakusei* - a bolsa com estadia de um ano - e com as unidades administrativas locais, conhecida por *shi cho son* e as suas bolsa *kenshu* - a duração destas bolsas varia de dois a vários meses. Há ainda, entre os uchinaanchu, programas de intercâmbio como o *Niseta tour* que reúne um grupo de jovens entre 15 e 17 anos provenientes de várias comunidades uchinaanchu e também de Okinawa para conhecer diferentes países a cada ano e o *Junior studies* que todo ano reúne jovens provenientes de vários países em uma visita a Okinawa. Participar de uma das associações étnicas okinawanas é a condição para poder ser contemplado e ingressar nos programas de bolsas de intercâmbio. Há no Brasil a ASEBEX, associação de ex-bolsistas no Japão e a Urizun, Associação de ex-bolsistas em Okinawa.

Todos os bolsistas que vão a Okinawa apresentam, em uma cerimônia formal de finalização do programa de bolsa chamada *shiriashiki*, alguma modalidade artística tradicional okinawana à qual se dedicou durante a estada em Okinawa. Etnografei três destas cerimônias: o *shiriashiki* ou formatura das bolsistas Melisa Nakasone, da Argentina, e Miyuki Maeda Hsu, do Brasil, na cidade de Nago, com a presença do prefeito recém eleito Susumu Inamine. O *shiriashiki* das bolsistas pela cidade de Naha, Camila Sato Kanashiro, do Brasil, e Misaki Kudaka, da Bolívia. O terceiro *shiriashiki* etnografado foi o dos bolsistas *kenpiriyugakusei* que faz parte de um programa de bolsas por províncias do governo central japonês contando com 9 bolsistas no ano de 2013/2014. Dentre eles, seis me concederam entrevistas, além das

quatro bolsistas *kenshu*. Foram eles Tomohito Yara e Carlos Akiyo Inoue, da Bolívia, Karina Satomi Matsumoto e Larissa Asami, do Brasil, Júlia Saori, do Peru, e Eliana Tanaba, da Argentina.

Acompanhei muitas outras atividades como reuniões, *workshops* e entrevistei muitos antigos participantes dos programas e mesmo pessoas que foram estudar por conta própria em Okinawa. Experiências com os bolsistas, suas atividades e trajetórias de vida bem como as de ex-bolsistas foram importantes pontos de inserção em suas perspectivas sobre trânsitos e descobertas internamente à rede transnacional. Tais trajetórias revelam o papel fundamental desempenhado pelos intercâmbios na construção da rede transnacional *uchinaanchu*. Um terço dos *uchinaanchu* não reside no arquipélago, mas mantém relações afetivas e familiares com a terra natal. Isto se revela nas trajetórias de vida de muitos *uchinaanchu* da diáspora global. Um fato observado pelo antropólogo havaiano *nikkey* Jonathan Okamura, em comunicação pessoal, é que os *uchinaanchu* fazem questão de ir ao local de onde seus ancestrais vieram, ao contrário dos *nikkey* que buscam os locais mais turísticos como Tokyo e Kyoto e, estando no Japão, não procuram conhecer o local de onde vieram seus antepassados. Em nenhuma outra província do Japão existe a dinâmica de bolsas oferecidas por unidades geográficas como bairros, como ocorre em Oroku, hoje um bairro de Naha, a capital, com programas de bolsas específicos para seus descendentes emigrados. Alguns destes programas contam com parentes para hospedar o bolsista, as famílias recebendo também uma ajuda de custo das prefeituras. Justamente na programação das bolsas das *shi cho son* há um contato do bolsista com seus familiares que muitas vezes os levam ao local de nascimento de seus ancestrais e também certamente a rezar ou participar de cerimônias como o *shimii*, quando as *ohaka* (túmulos) familiares são limpos e ali se fazem verdadeiros *pic-nics*.

Tanto os bolsistas que vivem algum período em Okinawa, como os okinawanos que vivem a experiência de ter ido estudar ou viver fora de Okinawa relataram ter sido o momento do intercâmbio profundamente transformador e revelador de suas identidades. É alto o valor atribuído ao intercâmbio no processo de construção identitária na trajetória de vida de pessoas que demonstram ter um papel proativo na construção da rede transnacional *uchinaanchu*. Muitas vezes a descoberta da consciência identitária é relatada como precedida de uma confusão, de verdadeiros malabarismos para lidar com as influências culturais e as trajetórias históricas

familiares. Tal identidade e pertencimento se tornam claros para a grande maioria dos meus interlocutores em um momento de intercâmbio.

Curiosamente trata-se de uma via de mão dupla: as pessoas que nasceram em Okinawa e hoje trabalham ativamente na construção da rede okinawana relatam o momento desta tomada de consciência identitária quando são confrontados ou interpelados acerca de sua identidade fora de Okinawa, muitas vezes nas ilhas principais do Japão, chamadas pelos uchinaanchu de *naichi*, bem como seus habitantes. O flagrante contraste identitário ocorre fora de Okinawa. Por outro lado para os uchinaanchu nascidos na diáspora poder “beber na fonte originária” ou usufruir de trocas simbólicas (Bourdieu, 1971, 1975, 1980, 2004, 2007 [1989]) e aprender, com certificação, as artes assim como fazer cursos em Okinawa, são objetivos extremamente valorizados. Deste modo o intercâmbio é considerado uma renovação, reforço e reprodução do vínculo com a terra ancestral cujas tradições e práticas culturais, seus significados e valores se exalta e se pretende deixar como um legado à humanidade.

A seguir apresento concisamente algumas informações iniciais decorrentes de minhas experiências de pesquisa multisituada no Brasil, Havaí e Okinawa. Nos capítulos centrais da tese, essas experiências serão detalhadas.

Brasil

São comuns expressões como “os japoneses são como água e óleo, não se misturam” para se referir ao comportamento da maioria dos japoneses em relação aos “de fora”, segundo as falas dos *dekassegui* brasileiros. Para eles, as redes sociais no Japão constituem pequenos círculos de amizade e dificilmente incluem pessoas consideradas hierarquicamente inferiores. As diferenças marcantes são delineadas pela oposição entre “moderno” e “atrasado” que distingue as vilas montanhosas de rigoroso inverno ao norte, bem como as ilhas subtropicais ao sul, das cidades industriais do centro do Japão. Outra distinção fortemente operante no quadro identitário japonês e percebida claramente por quem vive no arquipélago vai além das diferenças regionais entre os próprios japoneses. Trata-se das diferenças étnicas entre os habitantes de Okinawa e os demais japoneses. A afirmação “*okinawajin* não é japonês” tem também a sua recíproca por parte dos próprios *uchinanchu*, que afirmam não serem japoneses.

A construção identitária contrastiva que envolve japoneses e okinawanos também está presente na colônia nipo-brasileira. Em Londrina, há um clube da colônia japonesa chamado ACEL (Associação Cultural e Esportiva de Londrina – Centro Nipo-Brasileiro). Há também um clube formado exclusivamente pelos descendentes de Okinawa chamado ACROL (Associação Cultural Recreativa Okinawana de Londrina). De forma ampla, ao perguntar às pessoas sobre o relacionamento entre *uchinaanchu* e *nihonjin* obtive respostas parecidas quanto à diferença entre os grupos. Conforme depoimento do único *dekasegui* não-*nikkey* com quem convivi durante minha pesquisa em Londrina:

Eu trabalhei em fábrica onde tinha pessoas de Okinawa, e tinha o japonês de lá mesmo do Japão. Você acredita que eles discriminavam um ao outro? Aquele cara era *okinawajin* e o outro era *nihonjin*, eles, entre um e outro, eles não se conversavam, eles não tinham afinidade, sabe. Ah não! Esse cara é de Okinawa. Ah, Okinawa é meio bagunçado, é meio diferente de nós. E o cara de Okinawa falava a mesma coisa. Eu não sou japonês, eu sou okinawano. Então eles, entre eles, têm essa divergência, sabe. (Sidnei Rodrigues, 21/05/03 Londrina)

De forma geral as falas dos *nikkey* em relação aos okinawanos se referem ao não pertencimento ao Japão. Comenta-se sobre a cor da pele, mais morena, os cabelos crespos e a não compreensão da língua *uchinaaguchi*, diferente do *nihongo* (japonês). A questão racial é fortemente reportada. É de conhecimento geral, porém impreciso da comunidade *nikkey* o passado de independência política do arquipélago Ryukyu (explorarei essa questão em capítulo adiante).

Em Brasília, a Associação Okinawa Kenjin utiliza o *kaikan*, (espaço de socialização onde ocorrem eventos, esportes, aulas, reuniões) a sede da Associação Nipo-Brasileira de Vargem Bonita e seguem paralelamente. Apesar da maioria da população de Vargem Bonita ser de origem *uchinaanchu* as associações não se fundem, ainda que organizem alguns eventos em cooperação. A justificativa para a existência de duas associações separadas é feita no sentido de afirmar que os descendentes de japoneses não participariam de uma Associação Okinawa *Kenjinkai*.

Nas associações nipônicas se imiscui o objetivo de evitar casamentos interétnicos na colônia *nikkey*. Casamentos entre *naichi* e *uchinaanchu*, *okinawajin* e *nihonjin*² não eram aceitos igualmente pelas famílias. Um *nissei* de Londrina casado

² *Naichi* = *nihonjin* = japonês – o primeiro em *uchinaaguchi*, o segundo em japonês.

com uma descendente de okinawanos me revelou que sua família impôs forte resistência ao casamento dos dois. Ouvi de um uchinaanchu de Curitiba, ao ser questionado quanto à aceitação familiar do casamento de sua prima com um *nissei naichi*, que a sua tia preferia ver sua prima casada com um negro do que com um japonês. A expressão foi bastante espontânea, ele ficou se desculpando pela comparação politicamente incorreta, mas reafirmou que o sentimento era este mesmo. A prima justificou a atitude de sua família pelos sofrimentos infligidos aos uchinaanchu pelos japoneses na Segunda Guerra Mundial. Uma mulher de Londrina, ao me mostrar uma foto de sua filha com o marido frisou veementemente que o genro não era descendente de japoneses, que uchinaanchu é completamente diferente, um outro povo, outro país, que não se entende a língua que eles falam.

Havaí

O Havaí foi o primeiro local a receber imigração de okinawanos. Lá fiz minha pesquisa basicamente entorno à Universidade do Havaí, um centro acadêmico onde há um claro interesse sobre Okinawa. Inicialmente, fui a uma conferência anual de estudantes de pós graduação do *East West Center*. Tal instituição, inserida na Universidade do Havaí em Manoa, Honolulu, recebe estudantes de diversas etnias e origens, assim convivi com indianos, paquistaneses, iranianos, curdos, iraquianos, samoanos, tchecos, indonésios, filipinos, chineses, samoanos, vietnamitas, em seus dois prédios dormitórios.

Já na primeira reunião com os estudantes do clube *Akisamiyo* (clube de estudantes okinawanos no Havaí) me surpreendi com as respostas quanto à sua identidade. Afirmaram ser japoneses uma vez que Okinawa é parte do Japão. Para eles, tal pergunta não fazia sentido. Uma estudante de mestrado okinawana me disse anteriormente à reunião, em um encontro informal, que o assunto das bases militares americanas em Okinawa é considerado tabu. Ela me olhou erguendo os dedos indicador e médio em V e disse “Yeah, we are colony!” inclinando a cabeça e sorrindo acanhada diante das declarações. Ainda no Havaí, entrevistei a presidente Joyce Chinen e outros membros do *Center for Okinawan Studies*, além de professores de diversos departamentos como história, linguística, letras e tradução, sociologia, ciência política, *ethnic studies*, *American studies*, *Japanese studies*, filosofia.

Meu objetivo principal no Havaí era conhecer o COS – *Center for Okinawan Studies* e o EWC – *East West Center*, ambos na Universidade do Havaí em Manoa, Honolulu. Porém, qual não foi minha grata surpresa ao conhecer o Ukwanshin Kabudan grupo de artes de Okinawa, independente e sem fins lucrativos dedicado a preservar e perpetuar, por meio da prática e do ensino, a “verdadeira, tradicional e pura” manifestação cultural do antigo reino de Ryukyu (como os uchinaanchu se referiam a seu país Uchinaa ou Okinawa em suas conversas com estrangeiros no passado). Não somente praticavam performances de dança e música, o grupo, fundado em 1999, mantinha aulas, palestras, oficinas e viagens de estudos relativos a vários aspectos da história, língua e cultura okinawana.

Okinawa

Surgiu na pesquisa etnográfica o termo *suupa* (super) uchinaanchu para designar pessoas altamente dedicadas à construção da rede transnacional. Entrei em contato, convivi e entrevistei muitas pessoas que poderiam ser assim consideradas. Muitas vezes eram estrangeiros, descendentes vindos dos países onde se instalaram as comunidades migrantes. Suas trajetórias de vida são marcadas por intenso fluxo de informações e mesmo estadas em Okinawa como bolsistas ou para visitar os ancestrais em seus túmulos e no *totome* ou santuário doméstico familiar.

Acompanhar o fluxo de uchinaanchu provenientes de tantos países para Okinawa se mostrou mais complicado do que a início imaginei. A grande maioria dos bolsistas permanece por menos de três meses, assim não há maiores dificuldades com obtenção de visto, podendo ser o de turismo. Há bolsas oferecidas pelas 47 Prefeituras do Japão, chamadas de *kenpiryugakusei*, onde o estudante se vincula a uma universidade e permanece por um ano em Okinawa. Alguns bolsistas obtêm empregos como, por exemplo, de professores assistentes ou de línguas, ou mesmo em empresas e prolongam sua permanência em Okinawa modificando seus vistos.

De modo geral o fluxo de pessoas para o Japão é rigidamente documentado e acompanhado. E a burocracia não contempla a etnografia como uma justificativa para permanecer no país por mais de três meses. É necessário uma instituição que formalize um vínculo e se responsabilize pelo estrangeiro em sua permanência. Meu orientador Gustavo Lins Ribeiro já havia recebido uma estudante japonesa da Universidade de Osaka para realizar pesquisa de campo no Brasil. Assim, dentro das

trocas recíprocas acadêmicas, fui aceita como pesquisadora visitante no GLOCOL, *Global Collaboration Center* da Universidade de Osaka. As passagens que haviam sido marcadas com cinco meses de antecedência foram remarçadas, gerando um gasto adicional que dobrou o custo com transporte. Com várias mudanças de trajetos devido a nevascas, atrasos de voo e até ida de um estado americano a outro de táxi entre aeroportos, cheguei ao aeroporto Itami. Gyo Miyahara, meu orientador e responsável por mim no GLOCOL me esperava no aeroporto. Me levou ao *student house* no campus Minoh da Universidade de Osaka que havia pago antecipadamente pela semana que eu ficaria ali. Passamos antes pela guarita onde apanhou as chaves e ainda me ajudou a subir as escadas com as pesadas malas. Preocupado com minha ida a Okinawa com a bagagem, me ajudou a despachar as malas pela transportadora Kuro Neko (gato negro) até o hotel Stork que eu havia reservado em Okinawa.

Após algumas reuniões com meu orientador Gyo Miyahara no Glocol e com outros colegas seus que ele supôs poderiam me ajudar em campo, parti para Okinawa a fim de etnografar os agentes e agências que atuam na formação das conexões, redes e tecidos de relações que abrangem diversos países e continentes. Ao contrário do que aconteceu no Havaí, tive mais facilidade em acompanhar os estudantes estrangeiros (Brasileiros, peruanos, argentinos, bolivianos, havaianos) em Okinawa do que os professores, principalmente os mais formais, nas instituições acadêmicas. Crédito em grande parte este fato ao elevado status dos professores no Japão e também ao costume de considerar dados de contato como e-mail uma informação pessoal e sigilosa. Por exemplo, fui apresentada por estudantes brasileiros a uma professora da Universidade de Meio, da área de espanhol. Nesta ocasião, trocamos *meishi*, cartão de visita, um protocolo bastante formalizado no Japão, com inúmeras regras. Ela havia realizado seu doutorado sobre múmias no Peru e conhecia outra pesquisadora que se dedicou à migração okinawana no Peru. Após muita insistência durante a entrevista, ela contactou sua amiga e obteve sua permissão para me fornecer seu e-mail. Uma outra demonstração da distinção dos professores enquanto profissionais de elevado status acontecia quando eu dizia que sou professora de ensino médio, quando me cumprimentavam reverencialmente, arregalavam os olhos e me olhavam como se fosse inclusive muito rica. Tal reação sempre me deixava constrangida e ao mesmo tempo profundamente decepcionada e envergonhada com relação à situação de despreparo profissional e descaso que vivenciamos no Brasil com relação ao setor educação. Quando eu tentava explicar que não se dava tanta importância aos

professores no meu país e muito menos eram valorizados, dificilmente era compreendida.

Tradicionalmente, uma líder espiritual, uma mulher denominada Yuta costumava desempenhar um ritual chamado *mabui-gumi* para restabelecer o *mabui*, espírito ou alma, para alguém que perdeu seu próprio espírito devido a um grande medo ou trauma. Muitos consideram que a atual geração jovem em Okinawa se parece com alguém que perdeu sua alma quando é comparado com quem se esforça na luta para resgatar a herança cultural e identidade, os aqui chamados *suupa uchinaanchu*. Esta jovem geração nascida em Okinawa ken, sem estudar sobre a história de Ryukyu/ Uchinaa na escola, consideram como atrasados e fora da modernidade as pessoas aqui chamadas de *suupa uchinaanchu*, nascidos na diáspora ou mesmo em Okinawa. A forte dominação ideológica por parte de Japão e Estados Unidos foi bastante efetiva em eliminar o orgulho de ser *uchinaanchu*. Ouvi relatos sobre homens que escondiam da própria esposa sua origem okinawana. Não é incomum ouvir dos jovens okinawanos que eles são idênticos aos japoneses, não há diferenças e se orgulham de terem se tornado japoneses falando *nihongo*. Por outro lado, muitos que se identificam primeiramente como *uchinaanchu* mesmo tendo nascido em outros países, afirmam veementemente que dão o sangue para manter viva a identidade e ver reconhecido o verdadeiro valor das manifestações culturais e laços entre os *shimanchu* (conterrâneos), enquanto em Okinawa as pessoas não se importam com estas questões.

Estas pessoas foram chamadas de “*uchinaanchu normais*”, em uma entrevista que conduzi com a curadora do museu de Haeburu, Tsugiko Taira. Ela considera a si mesma e as pessoas em Okinawa como *uchinaanchu normais* que precisam trabalhar no sistema japonês, estudar no sistema japonês que não os possibilita saber mais profundamente acerca de seu próprio passado histórico independente. O sistema educacional japonês funcionou para banir a língua *uchinaaguchi*, bem como substituir o orgulho de ser *uchinaanchu* pela vergonha acerca deste legado cultural. Relatou ter escrito redações com temas como “não usar *uchinaaguchi*”.

“Preservar a cultura de Uchinaa”, praticando suas artes populares e de corte, os rituais do culto aos ancestrais, bem como dedicadas à família real e antigos reis de Ryukyu é uma característica comum aos *suupa uchinaanchu* de diversos países e também Okinawa. Mesmo com a marcada distinção entre os *suupa uchinaanchu*, preocupados em “preservar a cultura de Okinawa” os okinawanos “normais” que

consideram estas pessoas muito ligadas ao passado, as artes de Okinawa continua sendo a fonte e destino de investimentos pessoais para ambos os grupos. Não sem acusações dos *suupa uchinaanchu* em relação ao que consideram perda da “tradição”, pureza ou sacralidade de muitas práticas artísticas atualizadas pelos “okinawanos normais”, acusando-os diretamente de transformar tudo em entretenimento, servindo ao consumo e diversão de japoneses e americanos. Consideram que algumas das artes de ryukyu foram escolhidas isoladamente dentre sua diversidade de manifestações culturais para serem consumidas, bem como a natureza e culinária de Okinawa. Escolas para “formar pop stars” existem, segundo os *suupa uchinaanchu*, para satisfazer ao mercado de consumo cultural de “música étnica” tão em voga. A admiração pela cultura americana e o orgulho em ter nacionalidade japonesa em um sistema de status global favorável leva de fato muitos “okinawanos normais” a se identificarem com estas culturas “dominantes” considerando a perda de autonomia como um “preço a pagar pela estabilidade econômica e status social.

Ser portador da cultura *uchinaanchu* revela dinâmicas de valorização ou escolha de determinados elementos flagrantemente diferente entre os chamados *suupa uchinaanchu* e os *uchinaanchu* “normais”. O que entendem por “cultura okinawana” é de fato bastante diferente. A pacata vida na ilha é desvalorizada pelos *uchinaanchu* normais, sendo considerado interiorano os que passam sua vida em sua terra natal em Okinawa. O termo *inaka* (interior), também aplicado às regiões mantonhosas, rurais, de baixa densidade populacional se contrapõe ao agito das grandes cidades do *mainland Japan*. O “despertar da identidade” *uchinaanchu* não ocorre automaticamente ao deixar o *inaka* para trabalhar e viver nas grandes cidades centrais do Japão, no entanto tocar *sanshin* ou dançar *odori* pode representar uma possibilidade de trabalhar com entretenimento. Neste sentido ser portador desta cultura, destes elementos artísticos especificamente, é valorizado como uma alternativa a mais de trabalho e renda, no Japão e na indústria turística em hotéis e *izakaya* (bares com música) em Okinawa. Já para os *suupa uchinaanchu*, ser portador da cultura *uchinaanchu* é buscar suas raízes ancestrais, muitas vezes não aceitam transformações, arranjos ou modernizações, pretendendo preservar a “pura e tradicional” prática artística e religiosa do antigo reino de Ryukyu. Há ainda grupos que se inserem em modernos grupos de dança e música de Okinawa, aceitando reinvenções culturais e adaptações às novas tecnologias e mesmo novas leituras estéticas, sem no entanto negar o legado cultural. Credito a grande diferença entre os

suupa uchinaanchu e os uchinaanchu “normais ao posicionamento de buscar conhecer o passado histórico de modo independente, posicionar-se politicamente, mas sobretudo ao fato de identificar-se cultural e etnicamente como uchinaanchu, bem como inserir-se na rede e compartilhar o espírito uchinaanchu. O campo em Okinawa revelou dinâmicas de pertencimento e identidade que jamais poderia supor ante às etapas anteriores da pesquisa, onde meu contato se deu majoritariamente com os suupa uchinaanchu e não com os uchinaanchu “normais”. É necessário deixar claro que termos e conceitos como cultura, identidade, tradição, território e valores como portar e preservar a cultura, praticar artes do Okinawa, território ancestral, identificar-se primeiramente como uchinaanchu são utilizados correntemente pelos meus interlocutores mesmo entre seus pares.

Eventos

Minha pesquisa também foi feita em grandes eventos como as comemorações do centenário da imigração japonesa e okinawana no Brasil, em julho e agosto de 2008, e o V Sekai no *Uchinaanchu Taikai* que recebeu cerca de 10.000 pessoas em Naha, Okinawa, em outubro de 2011. Aconteceram duas comemorações separadas apesar de okinawanos e japoneses terem chegado no mesmo navio, o Kasato Maru, ao porto de Santos, e do grande desfile no sambódromo do Anhembi em São Paulo em comemoração ao centenário da imigração japonesa no Brasil ter contado com numerosas atrações típicas de Okinawa.

De modo amplo, desde o final de 2007, muitas publicações de livros, revistas e matérias em jornais escritos e audiovisuais deram destaque à população *nikkey* do Brasil. As comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil envolveram uma visita oficial preparada com muita antecedência. Contou com presença do príncipe Naruhito que passou em revista a tropa do BGP – Batalhão da Guarda Presidencial, os Dragões da Independência, subiu a rampa do Palácio do Planalto e se encontrou com descendentes. Ouvi de um senhor *nisei* (filho de japoneses nascido no Brasil), então presidente de uma associação *nikkey*, que a geração de seus pais considerava ainda a família imperial como divindade e para eles teria sido uma experiência com sentimentos diferentes do que ele possuía, mesmo sem esconder a satisfação por ter sido convidado a uma reunião com o príncipe Naruhito. Tratou-se

de um reforço dos laços oficiais entre Estados mesmo com o tom intimista do encontro com os *nikkey*.

As comemorações do centenário da imigração okinawana no Brasil aconteceram em agosto de 2008, dois meses depois da japonesa, também em São Paulo, mas no espaço do *kaikan* (Associação *Okinawakenjinkai*) de Vila Carrão, em um dia e, em outro, na sede da AOKB (Associação *Okinawakenjinkai* do Brasil) em Diadema. A abertura do evento nas ruas de Vila Carrão trouxe um grande desfile de delegações tanto das associações brasileiras como de *uchinaanchu* vindos de vários países como Argentina, Bolívia, Peru, e mesmo de diferentes lugares do Estados Unidos, marcadamente Los Angeles e Havaí, acrescidos de um grande número de pessoas de Okinawa, além de numerosa delegação oficial de governador e prefeitos do arquipélago. Se no centenário da imigração japonesa os laços oficiais entre os governos brasileiro, as associações *nikkey* no Brasil e o governo japonês foram reforçados, no centenário da imigração okinawana no Brasil ficou clara a articulação interna da rede transnacional *uchinaanchu*. A WUB (*Worldwide Uchinaanchu Business*) aproveitou o evento e realizou sua reunião mundial no Hotel Maksoud Plaza. Pesquisadores interessados no movimento diaspórico *uchinaanchu* acompanharam o evento como a doutoranda Shinko Kumihara que havia ido ao Havaí para fazer pesquisa sobre a emigração okinawana. Lá conheceu muitos okinawanos que estavam se programando para participar do centenário no Brasil e ouviu sugestões como “todos os *uchinaanchu* estão indo pro Brasil, e você está vindo pro Havaí, tem que ir pro Brasil com a gente”. Foi um momento de integração da rede transnacional *uchinaanchu* muito mais do que um reforço de laços oficiais estatais.

Com apoio do governo da província, a rede formada pela diáspora *uchinaanchu* organiza em Okinawa, desde 1990, um grande encontro chamado *Uchinaanchu Taikai*. Trata-se de um festival que ocorre a cada cinco anos e reúne migrantes e descendentes de diversas partes do mundo, além dos moradores de Okinawa, com o objetivo de propiciar o intercâmbio e a experiência de compartilhar o espírito *uchinaanchu*. A vasta programação do evento inclui um desfile de recepção das delegações representantes de diversos países, devidamente uniformizados e com símbolos nacionais, músicas e danças dos seus países de proveniência. Cada unidade administrativa de Okinawa – classificadas em *cho* (cidades) *shi* ou *machi* (povoados) *son* ou *mura* (vilas) – organiza eventos paralelos para receber seus descendentes diretos.



Centro de Convenções, Ginowan, Okinawa, outubro de 2011

Ao mesmo tempo, no centro de convenções localizado em Ginowan, também se reuniram os grupos de negócio (WUB), de estudiosos da língua uchinaaguchi e representantes das Associações okinawanas – *Okinawakenjinkai* – jovens e senhores presidentes. Acompanhei as reuniões dos jovens que propunham pensar o futuro da comunidade global uchinaanchu. Entre as sugestões, prontamente atendida, estava a criação do WYUA, *World Youth Uchinaanchu Association* (Associação Mundial de Jovens Uchinaanchu). O WYUA realiza encontros anuais, os chamados *Wakamomo* (jovem) *Uchinaanchu Taikai* pois considerou-se muito tempo a quantidade de cinco anos para que os jovens se encontrem. Em 2012, o encontro ocorreu em São Paulo, em 2013, Los Angeles, em 2014, Dusseldorf e, em 2015, Manila. Em 2016, já marcado para outubro, acontece o VI *Uchinaanchu Taikai* e também o *Wakamono Uchinaanchu Taikai* que a cada cinco anos volta a ser feito em Okinawa.

Segundo dados de um survey realizado por Noiri (2009) na edição do festival em 2006, dos 4.932 participantes vindos de 21 países, cerca de 20% eram provenientes da América Latina. A edição de 2011 contou com quase dez mil pessoas.

Em uma entrevista com Hiroyuki Kinjo, professor na Universidade Ryukyu, ouvi que os uchinaanchu de fora estão agora ensinando aos que vivem em Okinawa a verdadeira paixão e orgulho por ser uchinaanchu. Citou o exemplo do Uchinaanchu *Taikai* como um grande evento internacional que oportuniza o contato e troca de informações, sentimentos e reconexões com a terra natal e os *shimanchu*. Paralelamente a uma vasta programação, há reuniões, jantares e encontros entre os moradores e os descendentes dos emigrantes das unidades *shi cho son* ou cidades, vilas e vilarejos, as divisões geográficas do território do arquipélago. Eventos como o *Uchinaanchu Taikai*, principalmente as representações e discussões que gera, provêm uma considerável fonte de recursos para analisar a rede transnacional sendo construída.

Internet e redes sociais

Ribeiro (1997) estabelece, analiticamente, sete conjunto de condições para pensar o modo como sujeitos coletivos representam seus pertencimentos enquanto parte de um corpo político global. “A condição da transnacionalidade” envolve na verdade uma série de condições: integrativas, históricas, econômicas, tecnológicas, ideológicas e culturais, sociais e rituais (mais sobre elas adiante). Enquanto parte do conjunto de condições tecnológicas, o advento da internet e suas possibilidades de comunicação, são uma importante e poderosa ferramenta de conexão e formação de redes fazendo fluir recursos propriamente relacionais. (Lemieux 1999)

Desenvolvida primeiramente como parte de um projeto norte-americano de defesa, a Internet, a rede das redes, atualmente interconecta muitos milhões de pessoas em todo o globo, tornando-se um poderoso multimeio de troca simbólica transnacional e comunicação interativa. Dado que a fronteira eletrônica está sempre expandindo-se, as possibilidades, uma vez mais na história humana, parecem infinitas. No ciberespaço pessoas sem rosto comunicam-se em um mundo virtual “paralelo”, on-line, onde tempo, espaço e geografia inexistem ou não têm importância (Benedikt 1994; Featherstone and Burrows 1995; Jones 1995; Stone 1992, 1995). Anderson (1991) mostrou, retrospectivamente, a importância do capitalismo literário para a criação de uma comunidade imaginada que se tornaria um Estado-nação. Frente à existência da Internet com o seu inglês-de-computador e seus cibercompanheiros; do tempo global; de processos de virtualização que perturbam a percepção da realidade e do *self* criando novas posições para os sujeitos e novas formações de identidades; sugiro que o capitalismo eletrônico informático é o ambiente necessário para o desenvolvimento de uma

comunidade transnacional imaginada-virtual e a Internet a sua base tecno-simbólica. (Ribeiro, 1997: 11)

Compartilho com Ribeiro (1997) a noção de que a internet é a base tecno-simbólica de comunidades transnacionais. Mas quando se coloca em análise a construção da rede transnacional uchinaanchu vemos que não se trata apenas de uma comunidade imaginada-virtual. O ambiente virtual habitado pelos uchinaanchu incorpora e faz fluir laços familiares e afetivos reais que de certo modo moldam este sujeito coletivo, os uchinaanchu enquanto uma rede transnacional diaspórica étnica.

A rede mundial de computadores é amplamente utilizada entre os uchinaanchu para divulgar e compartilhar pesquisas, documentos, notícias, abaixo assinados e livros em espaços virtuais como blogs e páginas do *facebook*. Abrangendo as mais variadas temáticas, no *facebook* há grupos como “*stop construction of Henoko military base*”, “*save the Dugong*”, “*Ryukyu/Okinawa history and culture*” entre centenas que aparecem em uma simples busca com o termo Ryukyu. Visam aprofundar as discussões acerca de sua história, memória, identidade, práticas artísticas, associativistas e uso da língua, em defesa de recifes de coral e sua fauna. A construção de uma identidade uchinanchu, a partir de uma memória e ancestralidade comum, é o elemento central na organização e desenvolvimento do conteúdo relativo à história e cultura de Uchinaa nos espaços virtuais. Praticamente todas as associações okinawanas espalhadas em vários continentes mantêm páginas constantemente atualizadas no *facebook*. A partir da utilização dos modernos meios de comunicação e mídia, aliada à facilitação da circulação de bens, informações e transporte de pessoas, a comunidade uchinanchu tornou-se dinamicamente ativa no sentido de reforçar os laços de reciprocidade e união que agregam estas comunidades transnacionais e locais. A interação simultânea entre os uchinaanchu de diversos países é materializada em eventos como “*Eisa peageant*” onde o objetivo é que dez mil pessoas toquem o *taiko* (tambores) e executem as coreografias do *eisa* simultaneamente, com transmissão e vídeo-chamadas por *skype*. Na abertura do Uchinaanchu Taikai houve conexões simultâneas com diversos países, e por acaso na vez do Brasil mandar um recado via telão do estádio, falhou a conexão.



Festival de Eisa, Okinawa 2011

A internet e redes sociais têm sido também uma rica fonte de dados que me permitiu ter acesso e atualizar a interação com os uchinaanchu em várias partes do mundo. Foi a partir de interações via internet, por e-mail, mas principalmente pela rede social *facebook* que obtive grande parte de contatos que se transferiram do mundo virtual para o real em encontros e entrevistas. Não realizei nenhuma entrevista efetivamente por internet, escrita ou em chamadas/ vídeo/chamadas. Praticamente todos os acordos para entrevistas foram mediados pela rede mundial de computadores, de modo bastante diverso da pesquisa realizada em Londrina em 2002, quando o telefone foi o principal meio de contato e comunicação. Nesta época ainda não existia redes sociais e o acesso à internet, mesmo para a comunicação entre os familiares e os *dekassegui*, ainda era muito dispendiosa. “Japão é o país da tecnologia, mas é preciso pagar caro” era uma afirmação corrente no início dos anos 2000. Hoje os rituais do calendário okinawano, os encontros entre amigos, tudo é rememorado, as celebrações ao redor do globo têm suas imagens propagadas nas redes sociais instantaneamente em tempo real. É a partir das experiências, contatos, postagens, histórias de vida e entrevistas realizadas nesta pesquisa em suas diversas etapas que busco evidenciar o

modo como o fluxo de conhecimentos, sentimentos, objetos e pessoas, por meio de diversos programas de intercâmbio e instituições, fomenta e constrói uma pulsante e viva rede de relações tecida a nível transnacional.

3 – Antropologia do Transnacionalismo

A formação de um sujeito coletivo, seja qual for, implica em algum grau de artificialidade e as fronteiras nacionais bem como origem geográfica têm fornecido um marco simbólico para que existam as chamadas comunidades nacionais imaginadas (Anderson, 1991). O sentido de pertencimento e identidade compartilhada tem sido em grande parte vinculado a fronteiras geopolíticas nacionais. Concordo com Ribeiro (1997) quando afirma que os modos de representar pertencimento às unidades socioculturais político-econômicas foram afetados enormemente pela globalização. “São precisamente as formas através das quais nos integramos nestes guarda-chuvas simbólicos que estão mudando rapidamente com a globalização. O transnacionalismo coloca em perigo a lógica e eficácia de modos pré-existent de representar pertencimento sociocultural e político.” (Ribeiro, 1997: 3) O autor se baseia no conceito de níveis de integração de Steward (1972 [1951]) pois permite “construir instrumentos interpretativos para lidar com a natureza aberta e cambiante da imersão/exposição de pessoas, segmentos e classes em/a vários contextos sociológicos locais e supralocais com diferentes poderes de estruturação. Tenho particular interesse na capacidade deste conceito em correlacionar agentes individuais e coletivos com diferentes unidades espaço-sócio-culturais que possuem variadas expressões institucionais e territoriais.” (Ribeiro, 1997: 4) Seu trabalho é informado ainda por uma “fusão heterodoxa de análise regional com uma compreensão fluída das relações entre parte e todo de qualquer sistema organizativo ou classificatório. Interpreto-os como um espectro formado pelos níveis local, regional, nacional, internacional e transnacional.” (idem) O autor afirma a coexistência do Estado-nação com a transnacionalidade.

Atores sociais podem ser membros de muitas unidades sócio-culturais e políticas ao mesmo tempo. A definição simultânea de inclusão e exclusão é uma operação realizada pela lógica do sistema classificatório, um truque possível graças à coexistência de diferentes níveis de integração. Ser membro de totalidades mais amplas e complexas, supõe pertencimento a segmentos menores. Até mesmo a presença de uma potente força de unificação, como o Estado-nação, não é suficientemente poderosa para anular todos os segmentos

heterogêneos pré-existentis ou a produção de novos. Este reconhecimento é particularmente importante pois leva a ver que, de formas contraditórias e frequentemente violentas, forças homogêneas e heterogêneas coexistem. O mesmo ocorre, porém com maior intensidade, no nível transnacional de integração, razão porque metáforas de disjunções e hibridismo são tão frequentes na literatura sobre o assunto. Em consequência, não é necessário que o Estado-nação desapareça para que o nível de integração transnacional exista. (Ribeiro, 1997:6)

Definir como objeto de estudo a construção, manutenção e reprodução, a arqueologia de uma rede transnacional requer sejam respondidas algumas questões preliminares, um conjunto de condições que caracterizam a transnacionalidade (Ribeiro, 1997) precisam estar presentes. O autor esclarece também que considera a transnacionalidade como uma condição e não como um fato observável em si mesmo. “Apesar de podermos falar claramente de transnacionalismo enquanto fenômeno econômico, político e ideológico, a transnacionalidade enquanto tal, isto é a consciência de fazer parte de um corpo político global, mantém, em muitos sentidos, características potenciais e virtuais.” (Ribeiro, 1997: 3)

A rede transnacional *uchinaanchu* e a arqueologia de sua construção ilustram bem o conjunto de sete condições estabelecidas por Ribeiro (1997). As condições integrativas ou níveis de integração são vistas claramente quando muitos dos considerados “*uchinaanchu normal*” afirmam identificar-se, no plano nacional, como japoneses, porém sem desfazer-se da sua identificação, a nível regional, como *okinawano*. Ao mesmo tempo, uma pesquisa de Andrés Tadashi Ysa, para conclusão da graduação em um curso de Culturas Internacionais, realizada no Peru e em Okinawa, solicitou que os participantes decidissem e colocassem em ordem de identificação a identidade japonesa, *nikkey*, peruana e *uchinaanchu*. O resultado revelou que, mesmo nascidos no Peru, a identificação enquanto *uchinaanchu* figurava como primeira entre os participantes dos programas de intercâmbio.

Quanto às condições históricas, os *uchinaanchu* entraram na modernidade tendo sua organização política enquanto reino de Ryukyu dissolvida. Mesmo assim sua habilidade em estabelecer conexões com outros povos por meio do comércio, relações diplomáticas, intercâmbios, que remonta à antiguidade, permaneceu em uma nova roupagem, como veremos mais adiante nesta tese. Já as condições econômicas da transnacionalidade se apresentam, por exemplo, na existência da WUB – *Worldwide Uchinaanchu Business Association* que integra empresas, comércios e

produtores em uma rede mundial que leva às prateleiras de Okinawa vinhos argentinos e acerola produzida por uma família brasileira que se fixou no norte da ilha de Okinawa, por exemplo. O conjunto de condições tecnológicas, marcadamente a utilização do espaço virtual da rede mundial de computadores, está intensamente presente. Como já vimos, há uma apropriação das tecnologias de informação para fazer circular em tempo real dados e notícias relevantes para a comunidade uchinaanchu, bem como relações de amizade e principalmente de família reforçam cotidianamente seus elos de ligação por meio de redes sociais, programas de vídeo chamadas e mensagens instantâneas. Mobilizações políticas, notadamente relacionadas à presença das bases militares americanas em Okinawa, assim como tradições culturais e artísticas típicas, se avolumam em material disponível na rede mundial de computadores.

No que diz respeito às condições ideológicas e culturais, as artes tradicionais e a arte pop produzidas em Okinawa são alvo de crescente interesse como bens culturais, sem com isso deixar de ser bens de consumo. O conteúdo de muitas letras do chamado “Uchinaa pop” (Roberson, 2001) contém protestos políticos e incentiva o público japonês a conhecer a língua uchinaaguchi e o passado histórico de Okinawa além de ser uma força central na (re)construção da identidade transnacional. É a “cultura” em suas manifestações artísticas e na dança, bem como artesanatos que são relacionados ao verdadeiro e real pertencimento a uma rede transnacional. O *sanshin*, instrumento tricórdio, e o *odori*, dança de Okinawa, com a estética que os acompanha, são considerados o elemento principal do pertencimento identitário uchinaanchu.

As condições sociais da transnacionalidade são amplamente vislumbradas na rede transnacional uchinaanchu, na estreita relação entre o governo de Okinawa, suas divisões administrativas menores *shi cho son* e as associações okinawanas no exterior e as chamadas *sonjinkai*, as associações por vila, que mantêm intenso contato e mesmo promovem programas de intercâmbio entre os *shimanchu* dispersos pelo globo. Há uma rede concreta de associações envolvidas efetivamente com a terra de seus ancestrais e principalmente com as unidades representativas dos conterrâneos. Nesta rede circula principalmente a aposta de continuidade e manutenção do seu legado cultural. As condições rituais de transnacionalidade são claramente cumpridas pelos uchinaanchu na realização de mega eventos, rituais de afirmação étnica, reforço identitário e principalmente na ação consciente de construção da própria rede

transnacional. Para tal ato, utilizam o termo 揃う *soroo*, agrupar, reunir. Os rituais familiares e comunitários, principalmente aqueles relativos ao culto aos ancestrais, bem como elementos deste culto como o *totome*, o templo doméstico familiar e a *ohaka* (túmulo familiar onde se inserem urnas funerárias individuais) motivaram um intenso fluxo global desde a diáspora. Ouvi em campo que os uchinaanchu sentem como uma obrigação visitar e rezar em frente à Ohaka familiar pelo menos uma vez na vida.

Além desta discussão com o artigo clássico de Ribeiro, situo meu próprio posicionamento em uma visão ampla da antropologia. Para mim, o estudo de fluxos praticamente surge com a disciplina, em especial nos estudos difusionistas como os de Rivers (1991[1920]) e mesmo, de outra forma, em clássicos como Malinowski (1922) e Mauss (1925). Margareth Mead (1969[1935]), entre os Arapesh da Nova Guiné, estando interessada nas diferenças culturais existentes nos relacionamentos entre homens e mulheres, não deixou de notar o fluxo que existia entre as aldeias da praia e da montanha em termos de status, moda, penteados, danças e objetos que as acompanham.

Há mais de duas décadas a antropologia tem se dedicado ao debate sobre a cultura e a formação da identidade na sociedade contemporânea imersa em dinâmicas transnacionais. A produção acadêmica, bem como a realização de encontros e congressos em torno da temática do transnacionalismo, tem se avolumado. Discussões sobre a modernidade e a pós-modernidade, como em Harvey (2010[1989]), a comunidade imaginada de Anderson (1991[1983]), a sociedade em redes de Castells (1996, 1999, 2002, 2003), a globalização imaginada de Canclini (1990, 1993, 2003, 2005), trazem diferentes abordagens sobre os processos de globalização e transnacionalismo. Appadurai (1990, 1991 e 1996), Basch, Glick Shiller e Szanton (1994), Hannerz (1980, 1987, 1996, 1997), Fitzgerald (2002), Sahlins (1997) e Ribeiro (1997, 2000, 2001, 2003) trazem discussões antropológicas centrais sobre a migração transnacional e os fenômenos da globalização.

Fitzgerald (2002), ao etnografar um sindicato de trabalhadores mexicanos e *chicanos* (descendentes de mexicanos nascidos nos Estados Unidos) em South City, no sul da Califórnia, conclui que o termo transnacionalismo não é adequado para descrever a realidade pesquisada por ele, preferindo termos como duplo nacionalismo, atividades e laços locais que cruzam fronteiras. Ele argumenta citando Portes,

Guarnizo, e Landolt (1999) sobre a necessidade de conferir maior especificidade ao termo transnacionalismo para que possa vir a ser uma ferramenta analítica útil. Propõe abandonar o termo que tem incluído, segundo ele, fenômenos tão diversos quanto uma nostalgia pelo país de origem e partidos políticos que se estendem por dois ou mais países. É um esforço de criticar o transnacionalismo por apenas tentar corrigir o assimilacionismo enquanto ideologia segundo a qual o imigrante deve romper os laços com sua terra natal.

Não entendo as políticas de bolsas de estudo e visitas corrente entre os *uchinanchu* como marcadamente nacionalistas. Não é o pertencimento à nação japonesa nem a assimilação cultural e econômica ao Brasil ou a qualquer outro país que estão postas em pauta. A dinâmica de intercâmbios, como disse, perpassa e cruza fronteiras de vários países, articulada em torno do espírito *uchinanchu*. Okinawa não é um estado-nação. A comunidade *uchinanchu*, devido à ação de agentes e agências articuladas via identidade étnica e espírito *uchinanchu*, construiu uma identidade transnacional, o objeto central de minhas preocupações. No *Uchinanchu Taikai* fica clara a identificação primeiramente como *uchinanchu*, e somente depois a referência ao Estado Nação em que residem, mesmo desfilando em delegações e trazendo referências às tradições, roupas e danças do local de residência.

Diferentemente também do analisado por Fitzgerald, não considero, quanto aos dados relativos à rede *uchinaanchu*, que o nível local sobrepuje os níveis regional ou nacional, ou que a força da rede *uchinaanchu* seja estritamente ligada ao nível local cruzando fronteiras. Percebo que a identidade *uchinaanchu*, que tem sido afirmada contrastivamente mesmo dentro do Japão, é preponderante com relação à nacionalidade japonesa e às demais nacionalidades americana, argentina, brasileira, etc. na rede transnacional. Estruturas como as confederações nacionais de associações *okinawakenjinkai*, *shi-cho-sonjinkai* e grupos de apresentações culturais são organizadas em níveis nacionais, regionais e locais. Mesmo havendo associações por localidades *shi cho son*, as confederações nacionais englobam todas as *okinakenjinkai* e as associações *shi cho son*. Existe uma articulação mundial *uchinaanchu*, entre governo da província e cidades e as associações diaspóricas atuando em vários âmbitos (familiares, comunitários, artísticos, culturais, acadêmicos) como uma estrutura transnacional.

Por outro lado, a forma como Fitzgerald acredita que seja possível por em evidência os diferentes níveis de laços, os tipos de nacionalismos e fronteiras

cruzadas, examinando as atitudes e práticas dos participantes, foi justamente o que busquei em minha etnografia multisituada (Marcus, 1995). Entender o papel do fluxo de conhecimento e intercâmbio de *sensei* e aprendizes, seus agentes, na construção da rede transnacional uchinanchu permitiu descrever esta construção. Partindo da tradição histórica de intercâmbios, chegando na atualidade de mobilizações políticas em torno de Okinawa, passando pelas instituições, pela formação das redes artísticas enquanto genealogias, finalizando com os rituais, trânsitos e arranjos familiares concluí, como veremos, que o espírito uchinaanchu confere um “parentesco simbólico” reforçado por ditados como *ichaariba choode* e *nuchidu takara* (desde a primeira vez que nos encontramos, somos irmãos; e a vida em si é um tesouro).

Assim a pesquisa pode vir a contribuir para os debates em curso sobre globalização e transnacionalismo analisando um caso empírico onde o *ethos* uchinaanchu se mostra como um grande facilitador da conexão em rede transnacional. A prática realizada sob o termo 揃う *soroo*, agregar, reunir, é fundamental tanto no movimento diaspórico e estabelecimento das comunidades uchinaanchu ao redor do globo como também, e principalmente, para vislumbrar a possibilidade de reverter o quadro de dominação ideológica ou niponização sofrida pelos okinawanos. Apropriei-me da ideia de grupos em contraste, os uchinaanchu normal e os *suupa* uchinaanchu. Estendi o termo *suupa* uchinaanchu às pessoas que dedicam suas vidas a fomentar a construção da rede transnacional uchinaanchu, não apenas os nascidos na diáspora, mas também os nascidos em Okinawa que em algum momento de sua trajetória de vida passaram por um processo de “despertar” da identidade uchinaanchu. O papel dos intercâmbios é como uma via de mão dupla em ambos os processos, desperta o interesse por Okinawa pelos nascidos na diáspora, assim como desperta a identidade étnica uchinaanchu pelos nascidos em Okinawa.

Fluxos e conexões construindo uma rede transnacional

A temática dos processos de formação de rede, central nesta pesquisa, foi explanada de forma condensada por Plínio dos Santos (2010) ao analisar a formação do que chamou de “redes irmandades” entre comunidades quilombolas no estado de Mato Grosso do Sul e sua articulação com o movimento negro no estado do centro oeste brasileiro. Para esclarecer o conceito, dinâmica e metodologia envolvidos nos

usos do conceito de redes, o autor faz uma resumida porém precisa digressão sobre o conceito de redes e autores que dele trataram.

a noção de rede vem sendo debatida dentro da antropologia desde a década de 1940. Primeiramente, foi abordada metaforicamente (LÉVI-STRAUSS, [1949] 1982; RADCLIFFE-BROWN, 1952), em seguida foi utilizada em termos analíticos (BARNES, 1954; MITCHEL, 1969; BOTT, 1971). Posteriormente, foi aplicada no sentido de meio de acesso a informação, ou seja, no sentido sócio-tecnológico (CASTELLS, 1999; ESCOBAR, 2006). Nos últimos anos, por meio da “antropologia simétrica”, vem crescendo o quarto uso, ou seja, para a noção rede, baseada na similitude do humano e não-humano (LATOURET, 1994, 2000). Apesar das várias abordagens empreendidas, todas contêm um núcleo idêntico relacionado à imagem de fios, malhas, teias que compõem um tecido comum. Outra questão é que o termo rede indica também fluxo, movimento, dinâmica, por isso ele é aplicado, em termos teóricos ou metodológicos, em vários campos do conhecimento (educação, comunicação, geografia, economia, administração e nas ciências sociais). Com relação à utilização do termo, compartilho as observações de Barnes de que, “a noção de rede social está sendo desenvolvida pela Antropologia social tendo em vista a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos sociais e categorias (...)” (BARNES, 1987: 163). Michell (1969), análogo a Barnes (1987), acredita que a noção de redes sociais deve ser usada como um método de análise, porém de modo complementar a outros métodos da Antropologia. Assim como trabalhou Bott ([1971] 1976) que usou a ideia de rede como uma ferramenta de análise das interações entre pessoas. Nesse sentido, também se insere as colocações de Acioli (2007) “A proposta de análise de redes constitui-se, portanto numa ferramenta conceitual, analítica e metodológica (...)” (ACIOLI, 2007: 05). Lemieux (1999), que também se aproxima da leitura que faço, define rede como “rede de atores sociais”, formadas por tipos de recursos, “tanto uma rede de sustentação, onde são transmitidos bens materiais, mas também de informações e de recursos propriamente relacionais.” (LEMIEUX, 1999). (Plínio dos Santos, 2010:345/6)

O autor identifica que os elementos constitutivos na formação de uma rede-irmandade são os laços constituídos por compartilhar o cativo e também uma condição de escravo ligada a um processo histórico mais amplo; o que chamou “batismo de fronteira” ao relatar a jornada dos grupos que ao atravessar a fronteira entre os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul adotaram sobrenomes comuns, mesmo sem ter parentesco consanguíneo.

Percebe-se que nesse “batismo de fronteira”, os laços de solidariedade e de alianças da Irmandade, construídos pelos ex-escravos no cativeiro, foram reforçados pelos grupos formados internamente com a adoção de uma “assinatura” comum, ou seja, por um sobrenome comum grupal. Sendo assim, a Irmandade identifica todos aqueles que foram escravos e os grupos de sobrenome comum, formados no interior da irmandade, identificam aqueles que se juntaram via “parentesco simbólico”. Fato análogo à categoria “irmãos de navio” analisado por Maeyama (1979). Desse modo, temos aqui o início da estruturação, por parte dos ex-escravos, de uma rede social (LEMIEUX, 1999), que denomino de rede irmandade de Campo Grande, que conecta por meio das relações de parentesco e de compadrio as comunidades negras rurais Furnas do Dionísio, Furnas da Boa Sorte, Chácara do Buriti e Tia Eva. (Plínio dos Santos, 2010:264)

No exemplo de formação de uma rede étnica racial das irmandades de ex-escravos, a trajetória histórica e o fato de ter compartilhado o cativeiro é um fator de identificação entre pessoas do grupo estudado. O parentesco simbólico, no entanto, é um grau mais íntimo de convivência, referido por Plínio dos Santos nos relatos de adoção oficial de um sobrenome em comum e por Maeyama (1979) na viagem de cerca de dois meses nos navios que cruzaram o globo trazendo imigrantes japoneses para o Brasil. De modo algo semelhante, a origem comum em Okinawa como um arquipélago que guarda em si uma grande diversidade gera uma identificação ampla por compartilhar o espírito *uchinaanchu*. Os laços que ligam os *shimanchu* ou contrerrâneos *uchinaanchu* atravessaram fronteiras de vários Estados e expandiram suas redes de amizade, afeto e solidariedade ao redor do globo. Os pequenos locais no arquipélago de Ryukyu, hoje Okinawa *ken* ou província, guardam a terra dos ancestrais de centenas de milhares de *uchinaanchu* que no presente vivem em diversos países. Rituais comunitários e familiares como o *obon* e *shiimii* atuam para fortalecer e agregar o parentesco simbólico de forma análoga ao que apresenta Plínio dos Santos (2010).

A comunidade *uchinaanchu* também parece se estruturar de forma semelhante ao que Sahlins (1997) vislumbrou para as comunidades de Samoa, Tuvala, Ilhas Cook e Tonga quando as categorizou como comunidades multilocais. Sahlins (1997) analisou o posicionamento do antropólogo Epeli Hau’ofa (1979, 1983, 1986, 1993) e o conteúdo do livro de Sutter (1989) como exemplos etnográficos de comunidades translocais que mantêm vivas suas redes de parentesco, prestações e sociabilidade. “Hau’ofa (1986) chamou a atenção para a consciência cultural do próprio povo, isto é,

para um uso auto-reflexivo da ‘cultura’ semelhante ao que então despontava ... em todo o mundo” (Sahlins, 1997:104). Sahlins considera que a afirmação étnica e identitária dos samoanos e ilhéus de Tonga se beneficiou das mudanças do moderno mundo globalizado e principalmente da inserção de sua comunidade em fluxos migratórios:

Não se pode negar a existência de uma população translocal capaz de habitar ambos os mundos, mantendo-os como partes interdependentes de uma totalidade sociocultural. Ênfase que as sociedades transculturais têm seu foco na terra natal, e que sua forma de vida possui um caráter espacialmente centrado, para me contrapor a uma tendência a se falar em “desterritorialização” e em uma ligação “meramente simbólica” ou “imaginária” dos povos da diáspora com seus lugares de origem. (Sahlins 1997: 110-116)

A análise feita por Sahlins (1997: 103-122) sobre as sociedades transculturais se mostra bastante iluminadora da situação vivida pela comunidade uchinaanchu. Isso porque a cultura uchinaanchu, e sua referência a um local de origem, é um forte elemento agregador desta comunidade diaspórica transnacional. Como evidência disso, podemos citar a força das manifestações artísticas e musicais desempenhadas pelos grupos de *taiko* estruturados globalmente com sede em Okinawa e em filiais em vários países onde há população uchinaanchu. Além disso, a partir da utilização dos modernos meios de comunicação e mídia, aliada à facilitação da circulação de bens, informações e transporte de pessoas, a comunidade uchinaanchu tornou-se dinamicamente ativa no sentido de reforçar os laços de reciprocidade e união que agregam estas comunidades transnacionais e locais. Dessa forma, podemos afirmar que os uchinaanchu têm tido a característica de construir uma forte e coesa rede transnacional utilizando-se da dispersão diaspórica histórica que viveu.

II) Capítulo 1 - Panorama histórico e geopolítico: Articulação e Mobilização



Sonohyan Utaki Ishimon, um portal sagrado da família real de Uchinaa, Castelo de Shuri, Okinawa

Uchinaa é um arquipélago ao sul do Japão cujos primeiros registros aparecem em documentos chineses da dinastia Sui datados do século VI, trata-se do envio de emissários em uma tentativa de cobrar impostos, segundo Wade (2007). O termo Uchinaa significa corda no mar em Uchinaaguchi (língua de Uchinaa) e era usado para se referir ao reino entre o próprio povo ou uchinaanchu. O termo Ryukyu é o nome utilizado para se referir ao reino em conversas com não uchinaanchu. Foi independente até ser anexado ao Estado Japonês. O reino foi renomeado em 1879 como Okinawa *ken* (província) no ensejo da revolução Meiji que definiu o moderno Estado japonês.

Até 1899³, não se tem notícia de emigração de okinawanos, enquanto os japoneses chegaram no Havai em 1885. No entanto havia intensa migração laboral interna, entre as ilhas pequenas e a ilha principal, Okinawa. Desta forma, a articulação e mobilização das redes dos *shimanchu*, os conterrâneos, é algo antigo e tradicional. *Shima* significa ilha, *shimanchu* traduz-se por pessoa da ilha. A origem em comum cria laços entre estas pessoas longe de casa e o associativismo entre elas é relatado como quase natural. O reino de Ryukyu mantinha os chamados *Ryukyukan*, locais onde vivia um grupo de okinawanos que recebiam os viajantes também de Okinawa, em muitas cidades e portos de suas rotas comerciais continentais e marítimas, funcionando como embaixadas ou escritórios comerciais. Com o fim destas rotas, os *ryukyukan* continuaram a agregar os *shimanchu* como clubes, espaços de socialização.

Ryukyu manteve uma longa e amistosa relação com a dinastia Ming da China, em um sistema de estados tributários. Os três principados Hokuzan, Nanzan e Chuuzan negociavam com a Dinastia Ming desde a sua chegada ao poder em 1368. As relações ocorriam de maneira independente e Ming mantinha registros diferenciados para cada principado. Este sistema valorizava produtos *uchinaanchu* como cavalos adestrados, enxofre e laqueados com madrepérola, pagos como tributos à dinastia Ming. Interessante notar que além destes produtos originários de Okinawa, já na primeira missão oficial foram levados muitos produtos provenientes de locais distantes, caso da madeira *soboku*, o pau brasil do oriente. Tal fato demonstra que os vínculos e viagens dos *uchinaanchu* com diversos lugares são anteriores ao estabelecimento das relações com a China. Além do comércio, esta condição de país tributário permitia o envio de estudantes que, após um período estudando na China, atuavam como tradutores e funcionários do governo de Ryukyu. O chamado período de ouro de Ryukyu, quando o reino prosperou funcionando como um entreposto comercial em sua privilegiada localização geográfica, é hoje pouco conhecido e estudado apenas em matérias específicas, fora do currículo obrigatório definido pelo governo central Japonês.

No Japão, qualquer fato que possa afetar o nacionalismo e patriotismo das novas gerações é simplesmente excluído dos livros didáticos. Há inúmeros exemplos de atitudes julgadas vergonhosas para o exército japonês em torno das quais se erguem polêmicas devido à interdição de sua inserção nos livros de história. Podemos

³ O que se segue baseia-se em Keer (2000 [1958]), Yamashiro (1993), Wade (2007) e em conversas com muitos okinawanos.

citar o incentivo e distribuição de granadas aos okinawanos para suicídio coletivo durante a Segunda Guerra Mundial e mesmo a tão falada questão das mulheres de conforto. O exército japonês e o governo de modo geral negam a existência da prática denunciada por muitas mulheres vítimas de abusos como escravas sexuais na guerra da Manchúria, Coréia e Okinawa. Os casos de reconhecimento e indenização por parte do governo japonês são vistos pelas mulheres que sofreram os abusos como uma negociata de suas memória e honra. De forma ampla, o conteúdo escolar é determinado pelo governo central e voltado a desenvolver o nacionalismo e patriotismo. Assim em todo conteúdo escolar, estritamente regulado pelo ministério da educação do governo central, apenas duas páginas contemplam a história de Okinawa, sobre a guerra e o pós-guerra. Absolutamente nada sobre Ryukyu e seu independente passado histórico é cobrado nos exames para admissão em universidades. A língua uchinaaguchi praticamente não é falada, poucas pessoas apenas a compreendem parcialmente.

Okinawa é um lugar marcado a sangue e fogo, foi reduzido a cinzas no episódio iniciado em 1 de abril de 1945, a Batalha de Okinawa, a maior da história mundial em número de mortos. Parece-me impossível ser indiferente e neutra. No entanto, após 70 anos deste evento crítico (Daas, 1995), minha impressão quanto aos okinawanos hoje, é que naturalizaram as imagens da guerra tanto quanto as disputas em torno da história e memória de Okinawa. Há um ritual em Okinawa chamado *mabui-gumi*, realizado em casos de perda do espírito ou *mabui*, em decorrência de grande susto ou estresse. O *mabui-gumi* se mostra necessário quando a pessoa apresenta profunda apatia, como se tivesse perdido sua alma e sua identidade. A reação ou falta de mobilização massiva ante a este acontecimento histórico crítico e sua perpetuação na presença e ampliação das bases militares americanas são vistos pelos suupa uchinaanchu como correlatos a este estado de perda do espírito ou *mabui*. Passados setenta anos ainda perduram muitos sentimentos e principalmente, configurações geopolíticas marcadas pela Segunda Guerra Mundial.

A participação e manifestação, ou mobilização em torno das questões geopolíticas mostram idas e vindas. Vi em redes sociais o comentário de que o então governador Nakaima precisava de um ritual de *mabui-gumi* assim que aprovou a construção de base americana em Henoko, uma pequena vila de pescadores localizada na baía Oura, ao norte da ilha, no município de Nago. Isto aconteceu em 27 de setembro de 2013. Presenciei as manifestações ocorridas na *kencho*, ou prefeitura da

província que montou uma tenda por toda a semana anterior e reunia poucas dezenas de manifestantes. Nakaima não conseguiu se reeleger devido à aprovação da base e em 17 de maio de 2015 o recém-eleito governador Onaga reuniu cerca de trinta mil pessoas em um grande protesto e caminhada contra a construção.

Para além de relatar a história de Okinawa, quero demonstrar o modo como ela tem sido por vezes negada e manipulada no sentido de levar o povo de Okinawa a se identificar como japonês. Desde a Segunda Guerra Mundial, ou mesmo nos últimos cento e trinta anos, desde o episódio do Ryukyu *Shobun*⁴ existe um esforço em desqualificar os costumes, língua e mesmo a aparência física dos “*okinawajin*” por parte dos “japoneses das ilhas principais”. Mesmo no período entre 1609, quando o feudo de Satsuma invadiu e dominou Ryukyu, até o fim do *Shogunato* (sistema feudal do Japão), os tributos eram levados em um desfile, com roupas características, músicos, uma espécie de guarda sol e cavalos para reforçar seu exotismo. Há muitos registros destes desfiles em gravuras que eram reproduzidas em rolos e obtinham grande sucesso de vendas em todo o Japão. Okinawa, mesmo tendo tido por muito tempo reforçado suas características de estrangeiros pagando tributos ao clã de Satsuma, após ter sido incorporada ao Japão foi forçada a adotar língua e costumes, como muitos dizem, virar japonesa da noite para o dia. E esta dinâmica, de se esforçar no sentido de se tornar japonês, ocorreu em duas ocasiões. A partir do Ryukyu *Shobun*, que coincide com a formação do Japão enquanto Estado em 1879 e, pela segunda vez, de modo mais incisivo, com o movimento pela reversão de Okinawa ao Japão, em 1972. Se esforçaram para tornarem-se japoneses, sendo considerado uma ofensa a afirmação de que não eram.

Em uma entrevista com Tsugiko Taira, a curadora de um museu de Haeburu, surgiu o termo スウパ ウチナアンチュ ou *Suupa Uchinaanchu* que foi empregado para se referir a membros da diáspora, mais especificamente aos músicos e professores de *odori* (dança) e 三線 *sanshin* (instrumento de três cordas, originalmente um bojo de madeira e revestido com pele de cobra, tocado com uma garra feita de chifre presa ao dedo indicador, central nas músicas de Okinawa) havaianos de um grupo de artes. Para Tsugiko Taira as pessoas da diáspora que não

⁴ O termo 処分 *shobun* traduz-se por disposição, lidar com um problema, medida, procedimento, punição. O aplicativo *Imiwa* utiliza ambos os termos *disposal* e *disposition* como sinônimos para *shobun*. Neste evento histórico em 1879 aboliu-se o reino de Ryukyu e criou-se Okinawa *ken* ou província, sendo a família real Sho retirada do castelo de Shuri para residir em Tóquio com um título de nobreza.

passaram pelo processo de “japonização” têm um sentimento exacerbado com relação a tudo que vem de Okinawa, e ela, juntamente com os nascidos em Okinawa, seriam uchinaanchu “normais”, relatando ter escrito temas para redação como “não usar uchinaaguchi” em sua infância. *Suupa* uchinaanchu não é um termo de uso corrente e corriqueiro, sendo uma elaboração pessoal de Tsugiko Taira, antropóloga, curadora, cuja família é guardiã de práticas culturais e memórias de Okinawa.

Estendi esta interpretação nativa e a aplico às pessoas que de alguma maneira se empenham na construção da rede transnacional uchinaanchu e nas mobilizações políticas. A maioria destas pessoas nascidas em Okinawa relatam ter passado por alguma experiência fora de Okinawa que despertou sua consciência acerca de sua identidade e raízes em um passado histórico específico, distinto do Japão e da China. As viagens de intercâmbio internacional, em uma via de mão dupla, além de terem uma profundidade histórica considerável, têm sido uma importante ferramenta de conexão da rede transnacional e oportunidade para o despertar da identidade e aprofundar o conhecimento histórico. Assim pretendo neste capítulo sobre o panorama histórico e geopolítico de Okinawa traçar o modo como a construção de redes é considerada algo tradicional e histórico entre este povo. A rede transnacional uchinaanchu hoje em dia está sendo construída pelos スウパ ウチナアンチュ ou *suupa* uchinaanchu, as pessoas que possuem clara consciência de sua herança histórica em Ryukyu, traçando suas raízes genealógicas e identidade cultural. Mais do que isso, estas pessoas agem conscientemente no sentido de estabelecer conexões que por fim formam a rede transnacional.

Em meio a acirradas disputas, paixões, cegueiras manipuladas, fontes tendenciosas, serei o mais fiel possível aos próprios uchinaanchu no esforço que inicia o corpo da tese, qual seja, fornecer um panorama histórico e geopolítico e também relacionar este panorama com a articulação e mobilização que a rede transnacional uchinaanchu apresenta. Uma história contada por Eduardo Akira Uema, engenheiro brasileiro, *sansei* (terceira geração) neto de okinawanos, bolsista *kenpiriyagakusei*⁵ 2008, em um de nossos primeiros encontros (2007) me chamou muito a atenção. A retomo por demonstrar exemplarmente o modo como os uchinaanchu se adaptam agindo com cortesia. Quando os uchinaanchu recebiam as cortes estrangeiras, principalmente enviados chineses, iam até alto-mar a seu encontro em comitivas.

⁵ *Ryugakusei* traduz-se por estudante estrangeiro, trata-se da modalidade de bolsa com duração de um ano, destinada aos descendentes dos emigrantes das 47 províncias, *ken*, que formam o estado japonês.

Também guiavam as cortes estrangeiras em visitas a muitas ilhas diferentes. Ziguezagueavam entre as ilhas do arquipélago para passar a impressão de ser maior e assim manipular sua dimensão geográfica e evitar ser atacado.

Outro relato, contado por Tetsumi Takara em um forum realizado no Havaí sobre as bases americanas em Okinawa, professor de direito na Ryudai, Universidade Ryukyu, relata que as tropas de Gengis Khan se aproximavam para tentar dominar o arquipélago. No entanto, os uchinaanchu se adiantaram em recebê-los em alto-mar, ainda muito distante e os encontraram exaustos, famintos e sedentos, marejados devido ao tormentoso mar. Ao vê-los assim, os uchinaanchu ofereceram água e comida, como na verdade costumavam fazer para ajudar os barcos que se aventuravam em sua costa. Assim a frota retornou ao continente sem lutar. Este modo maleável, amistoso, cortês, firme nos negócios, e a habilidade na navegação, chamaram a atenção de portugueses, já que não compravam mulheres ou negociavam escravos. Estes pequenos relatos nos mostram um povo consciente de suas limitações em termos de força e tamanho, no entanto hábeis estrategistas que se adaptaram a situações históricas e geopolíticas ímpares.

1 –Reino Ryukyu

Tenson, a mitológica primeira dinastia de Ryukyu, coincidiria com a criação do mundo. Quando da formação do céu e da terra, o deus do castelo do céu mandou descer à terra um casal com três filhos e duas filhas. O primogênito se tornou rei de Ryukyu e o segundo filho iniciou a linhagem da nobreza (ou dos *aji*), e o terceiro virou lavrador. A filha mais velha veio a ocupar a função de sacerdotisa-chefe (*Kikoe Ogimi*) e a segunda se tornou *noro* (sacerdotisa da comunidade rural) (Yamashiro, 1993: 71).

O imperador Yo da dinastia Suy, na China, enviou uma comitiva liderada por Shu-Kan em 605 às ilhas Ryukyu a fim de cobrar impostos. Não obteve sucesso em estabelecer relações como país tributário, no entanto se constituiu no primeiro registro histórico da existência do reino (Wade, 2007). A formação dos três reinos ou principados (1314-1336) marca o início do período Sanzan, ou dos três reinos – de san, três e zan, território, domínio, reino. A denominação de Chuuzan, Nanzan e Hokuzan tem origem no sistema de país tributário adotado pelos três pequenos reinos em suas relações com a dinastia Ming. Todos eles se submeteram a fim de estabelecer

e manter relações de intercâmbio comercial vitais para a economia. A história registra oficialmente 42 missões de tributos oficiais enviados a China por Chuuzan, 24 por Nanzan e 11 por Hokuzan.

Bunei, segundo da dinastia, filho de Satto, coroado em 1396, recebe a legitimação no trono, a cerimônia *sappô*, outorgada pelo imperador Ming. É primeira cerimônia *sappô*, daí em diante, todos os reis de Chuuzan, e depois da unificação, os de Ryukyu, recebem o *sappô* do imperador chinês. A dinastia Satto durou 56 anos e duas gerações, findou em 1406, quando Sho Hashi, *aji* de Sashiki (sul da ilha), derrubou Bunei do trono de Chuuzan, colocando nele seu pai, Sho Shishô, que se tornou assim o primeiro monarca da primeira dinastia Sho, que em 1470 é sucedida por outra de mesmo nome. Em 1425, missão chinesa concedeu *sappô* e legitimou Sho Hashi novo (segundo) rei de Chuuzan. Enquanto *aji* de Sashiki já comerciava com navios estrangeiros, após a unificação intensificou o intercâmbio comercial com Japão, Coréia, países dos Mares do Sul e China. Com a unificação completada por Sho Hashi em 1429, Chuuzan passou a administrar todo o território. A primeira dinastia Sho teve sete monarcas e durou 64 anos. Em 1496, Kanemaru Uchima, tesoureiro real, se rebela e derruba Sho Toku, fundando assim a segunda dinastia Sho. Ao assumir o trono, Kanemaru adotou o nome da família Sho, inaugurando a nova linhagem real que iria durar dezenove gerações, até 1879.

Mesmo sendo independente, Ryukyu manteve uma longa e amistosa relação com a dinastia Ming da China. O sistema de estados tributários funcionava assim: o monarca chinês outorgava aos governantes dos três reinos e depois Ryukyu títulos de rei, príncipe, nobres ou comandantes. A relação surgida foi o *sappô-taisei* – sistema de país tributário - pelo qual pequenos governantes eram legitimados, bem como sua posição de suserano local, pelo poderoso imperador chinês. Este, por sua vez, além de cobrar tributos e estabelecer relações comerciais, buscava manter a ordem internacional e a paz entre os estados vizinhos.

A cerimônia de coroação chamada *sappô* acontecia toda vez que um rei ascendia ao trono no castelo de Shuri, até 1866, tempo do último rei Sho Tai. Okinawa recebeu um total de 22 missões *sappô* da China. Tudo de acordo com rigorosos rituais e protocolos estabelecidos pela corte chinesa. Quando se recebia a comitiva chinesa, a dança *odori* era desempenhada juntamente com a formação de música clássica *kooten*. Teatro clássico *kumi udui* era encenado para as comitivas chinesas que permaneciam períodos de meses em Shuri usufruindo a hospitalidade da

corte uchinaanchu. O refinamento cênico deste modo atingiu altos padrões. As tradições musicais e coreográficas formaram escolas que as transmitem até hoje. No caso de Okinawa, o sistema permitia, ao lado do comércio e da troca de gentilezas diplomáticas, o envio de estudantes bolsistas à capital chinesa. Durante sete ou oito anos eles se aplicavam aos estudos de clássicos chineses, como Confúcio, religião, arte de governar e outras matérias. É o sistema *Kanchô*.

Wade (2007) analisa os registros da dinastia Ming. Ao esclarecer que Ryukyu foi o país que teve a mais intensa relação com a dinastia Ming, Wade destaca a importância dada à habilidade em estabelecer relações pelo povo de Ryukyu. É justamente nesta habilidade que reside o fato dos uchinaanchu receberem tratamento especial pela dinastia Ming.

Trânsitos e rotas



Rotas comerciais dos *uchinaanchu* entre os séculos XIV e XVI

Os *uchinanchu* se consideram homens do mar ou *minchu* em *uchinaaguchi*. Eles eram navegadores habilidosos e dominavam as rotas de ida e volta utilizando as correntes marítimas, ventos e monções nas diferentes estações. Praticavam o comércio com vários povos da Ásia. A postura política histórica do reino de Ryukyu, privilegiando as relações de cortesia e comércio, funcionando como um entreposto marítimo para negócios entre China, Ilha Formosa (Taiwan), Málaca (Malásia), Singapura, Indonésia, Coréia, Java, Japão, Sião (Tailândia) e Filipinas, dotou os okinawanos com a característica de serem abertos, corteses, maleáveis e extrovertidos. Deu-lhes o título de terra da cortesia, inscrito em uma tabuleta ostentada em um dos portais do castelo de Shuri e também o título de ponte entre as

nações, inscrito no sino fundido em 1458 e presenteado a Ryukyu. Wade (2007) ao analisar os anais da dinastia Ming em busca dos registros sobre Ryukyu observa:

But it was not only with Ming China that the Ryukyans developed relations. Links with Japan had existed since at least 1400 and with Korea from the late 14th century. Also, with the consolidation of power over the main island in the early 15th century and the presence of the Chinese traders and interpreters, Ryukyu was linked into the Hokkien network overseas, creating further connections with various Southeast Asian polities. (Wade, 2007: 19)

Em 1425 o rei Sho Shishô (1406-1421) enviou presentes ao shogunato (feudo) de Muromachi, inaugurando o sistema de país tributário com o Japão. Um armazém é instalado pelos okinawanos na ilha de Tanegashima, ao sul do Japão. Em 1572, estudantes de Okinawa começaram a viajar para Kyoto a fim de estudar; a língua japonesa se torna tão importante quanto o chinês.

As relações com a Coréia se iniciam em 1380 com o envio de uma missão ao rei de Korai (dinastia do século X a 1392), quando devolve ao seu país alguns coreanos que foram atacados por piratas e abandonados em Okinawa. Em retribuição Korai mandou seus emissários, demonstrando interesse em estabelecer intercâmbio comercial.

Para navegar em seus juncos, em grupos de dois ou três com até trezentas pessoas, os okinawanos aproveitavam os ventos e as monções. Partiam de Naha no outono, contornavam as ilhas Miyako e Yaeyama, na extremidade sul das Ryukyu e próximas a Taiwan, flanqueavam a costa chinesa em Fukien, depois navegavam na direção sul, de porto a porto. Com vento favorável, uma viagem a Málaca ou Sumatra levava cerca de cinquenta dias. A seguir os navios procuravam outros portos e ilhas do sudeste asiático, promovendo negócios de compra e venda de mercadorias até aparecer o vento propício para o regresso.

Entre 1432 e 1570, pelo menos 59 embaixadas oficiais foram enviadas a Sião, Patani, Málaca, Aname, um pequeno reino de Java, e outros países. Em 1372, no primeiro tributo enviado à dinastia Ming constava produtos como madeira *soboku*, pimenta do reino e marfim, todos de procedência meridional, o que indica que Okinawa já mantinha tais rotas. O Sião é o país que figura por mais tempo como parceiro comercial de Ryukyu. Em 1404 um navio siamês visitou Okinawa. Os presentes oferecidos ao rei do Sião, diferente dos tributos ou presentes enviados à

China, consistiam em enxofre, um produto de Ryukyu, sedas e porcelana chineses, espadas e leques japoneses. Em retribuição, o monarca de Sião enviava ao rei de Ryukyu bebidas alcoólicas, tecidos e madeira *soboku*, o pau-brasil do oriente, artigo mais caro e cobiçado nas transações comerciais da época. Por adquirir bastante desse material, Ryukyu se colocava em posição de vantagem na Ásia Oriental, vendendo-o ao Japão, Coréia e China com bons lucros.

Java, sob a dinastia Majapahit (1293 – 1458), recebeu seis navios de Ryukyu. Sumatra recebeu quatro navios, mesma quantia de Palembang. Em 1463, a primeira missão oficial de Ryukyu chega a Málaca, no entanto as relações parecem ser mais antigas. Trata-se de ponto chave nas relações comerciais entre Oriente e Ocidente por sua posição estratégica em um estreito que liga o oceano Índico ao mar da China. Até 1511, quando os portugueses comandados por Affonso d’Albuquerque conquistaram Málaca, cerca de vinte viagens foram feitas pelos *uchinaanchu* a Málaca. Keer (2000 [1984]) cita livros e relatórios portugueses segundo os quais os mercadores estrangeiros de Málaca instalavam-se em pequenos bairros étnicos, com pessoas da mesma raça, língua ou origem nacional. Nos cais e nos mercados, *ryukyuanos* entravam em contato com muçulmanos naturais do Egito, Aden e Meca, cristãos abissínios e armênios, persas, *perseus* turcos da Ásia menor, representantes de muitos pequenos reinos e enclaves da Índia. Havia ainda mercadores do Ceilão (atual Sri Lanka), Bengala, Burma, Molucas, Borneo e Filipinas. Tomé Pires menciona nada menos que sessenta nações, cidades e principados, além dos homens de Lequeos ou Ryukyu em contato no mercado internacional de Málaca.

A tomada de Málaca e Goa pelos portugueses forçou a mudança de rota dos *okinawanos* que se dirigiram para Sunda e Patani, que após a chegada dos portugueses se tornou um centro internacional do comércio no golfo do Sião. As atividades comerciais se reduziram e o comércio com o Sião, o mais antigo parceiro terminou com o último barco chegando em Ayuthia em 1570.

Invasão do reino pelo clã Satsuma (1609)

A crise nacional de Ryukyu começou provocada por uma ação político-militar inesperada. O feudo de Satsuma, até então em relações amistosas com Ryukyu começou a mudar de orientação e assumiu atitude cada vez mais dura, dominadora e ameaçadora que culminou na invasão do pequeno reino e a perda de sua autonomia

política e econômica. Desde 1609 o clã feudal Shimazu de Satsuma, atual Kagoshima, província mais ao sul da ilha de Kyushu, membro do sistema feudal de Edo (antiga denominação de Tóquio) ou *shogunato*, invadiu e dominou Ryukyu. A ocupação foi um dos mais graves acontecimentos na história de Ryukyu.

Muitas causas conjugadas impulsionaram Satsuma a tomar a decisão de ocupar Okinawa. Além disso o *shogunato* Tokugawa aspirava restabelecer e reabrir o comércio com a China. Assim o poderoso chefe do *shogunato* Ieyasu Tokugawa repatriou náufragos okinawanos e ao mesmo tempo exigiu que Shuri enviasse missão com tributo a Edo, em sinal de submissão ao *shogunato*. A intenção de Ieyasu era restabelecer as relações comerciais com os Ming via Okinawa. Com a recusa de Ryukyu de se submeter ao regime Tokugawa, Satsuma recorre às armas para dominar o reino. Em março de 1609 um exército de três mil homens partiu de Satsuma. No caminho dominaram as ilhas Amami e Tokunashima e em 25 de março chegaram ao porto de Unten, norte da ilha de Okinawa. Os invasores encontraram parca resistência: os okinawanos estavam praticamente desarmados, pois já desde o reinado de Sho Shin (1477-1526) as armas estavam recolhidas num depósito de Shuri, cujo castelo caiu em 1º de abril. Os combatentes de Satsuma dispunham de novo armamento: a espingarda introduzida pelos portugueses. A corte de Shuri, com sua velha nobreza, não tinha condições de enfrentar os samurais de Satsuma. Turnbull (2009) em seu livro *The Samurai Capture a King* descreve o fato como uma grande façanha militar. As forças invasoras aprisionaram o rei Sho Nei, seus ministros e principais conselheiros e o levaram para Kagoshima. Como prêmio por essa façanha, o arquipélago de Ryukyu foi doado a Iehisa Shimazu por Ieyasu Tokugawa. Em setembro de 1610 o *shogun* Hidetada Tokugawa ordenou a Iehisa, que o visitara levando o rei Sho Nei, a preservação da dinastia Sho, forçando este último a pagar tributos para Satsuma. O rei teve permissão para voltar a Shuri.

Ryukyu permaneceu em uma relação de subordinação da dinastia Sho ao *daimyo*⁶ Shimazu. O clã Satsuma omitiu da China sua invasão e domínio sobre Okinawa, adotando a orientação chamada “ocultação das relações Satsuma-Ryukyu” por receio de que a revelação da verdade pudesse prejudicar o comércio exterior de Ryukyu, fonte de lucro para Satsuma mediante cobrança de impostos e participação

⁶ *Daimio* são os senhores feudais, em relação de vassalagem ou submissão ao *shogunato* de Tokugawa, clã que centralizou o poder em Edo. Shimazu era o nome da família que dominava Satsuma, antiga denominação da atual província Kagoshima *ken*.

nas transações. Enquanto as comitivas chinesas permaneciam no castelo de Shuri, nos períodos em que ocorriam as cerimônias do *sappô*, os representantes do clã Satsuma mantinham-se retirados da ilha de Okinawa. Desde a invasão, Ryukyu ficou sob completo domínio e, por outro lado, a dinastia Sho tinha em Satsuma e no shogunato Tokugawa um amparo para a continuidade de seu poder, embora com restrição. Satsuma também proibiu a confecção e importação de armas.

Assim estabeleceu-se uma situação *sui generis* e complicada, pois o rei conservava seu título, mas submetia-se a dois poderes externos: o *daimio* de Satsuma e a China. Kaneshiro (2002), expõe a situação de status especial que o feudo gozava junto ao shogunato devido ao fato de ter dominado e submetido um reino estrangeiro. Após medir a terra do reino, Satsuma estimou os tributos. A seguir foi baixada a ordenação de quinze artigos, *Okiten Jugo-Jo*, impondo uma série de obrigações.

O rei Sho Nei, por ocasião de seu retorno a Naha, após a prisão, foi forçado a assinar a seguinte declaração: “Ryukyu pertenceu a Satsuma desde a antiguidade, de maneira que é grande a culpa pelo não cumprimento de nossas obrigações. No entanto, tivemos permissão para regressar ao nosso país e nos foram cedidas as ilhas de Ryukyu. Expressando nossa gratidão por essa generosidade, juramos cumprir rigorosamente esta ordenação, por nós e por nossos filhos e descendentes”. Dos quinze artigos destacam-se os referentes ao comércio exterior. O intercâmbio com Ming passou a estar sujeito a autorização de Satsuma, bem como as atividades dos comerciantes. Ficou vedada a viagem a outros países. Aos olhos da China, era preciso ocultar este relacionamento “especial” entre Satsuma e Ryukyu. (Yamashiro, 1993: 182)

Nesta parte histórica, além da literatura em língua inglesa, lancei mão da única fonte em português sobre a história de Okinawa, escrito por um uchinaanchu, José Yamashiro (1993). Observei na leitura algumas ênfases, por exemplo, a priorização de fontes japonesas ou coreanas. É uma obra de um jornalista, filho de imigrantes okinawanos no Brasil. Sua narrativa de como se empenhou na escrita deste livro, mostra as conexões transnacionais uchinaanchu operando, por exemplo, quando relata a visita de sua tia trazendo a enciclopédia Okinawa.

Ryukyu se torna Okinawa

Por volta da metade do século XIX Ryukyu enfrentava penúria e o Japão ingressava na nova era Meiji com a queda do *shogunato* Tokugawa em 1867 e a proclamação da restauração dos poderes imperiais. O sistema de país tributário com a

China foi abolida e Ryukyu transformado em feudo, *Ryukyu han*, governado pelo próprio rei Sho Tai. Em 1879 o governo de Tóquio enviou o ministro do interior Michiyuki Matsuda à frente de quatrocentos soldados de infantaria e mais cento e sessenta policiais. Não houve dificuldade frente à oposição desarmada de funcionários e da população de Okinawa. Uma das primeiras medidas foi abolir o *daimio* (senhor feudal) e o *han* (feudo), substituído pelas unidades administrativas regionais chamadas *ken*. Assim incluiu-se Okinawa nesta nova ordem administrativa, acabando com a peculiaridade do arquipélago como reino com sua família real. O delegado de Tóquio leu a ordem que determinava a abolição do feudo de Ryukyu, instalando no seu lugar a província Okinawa-ken. O feudatário e ex-rei Sho Tai recebeu intimação de abandonar o seu posto e transferir residência para Tóquio tal qual todos os *daimio* do antigo regime Tokugawa. Esse processo chamado de disposição ou punição de Ryukyu ficou conhecido pela denominação de *Ryukyu Shobun*. (Yamashiro, 1993: 208 – 10; Kojima, 2007: 161)

Desde então a população foi dominada cultural, linguística e administrativamente pelo Japão. A língua uchinaaguchi sofreu um forte e efetivo ataque do sistema educacional definido pelo governo central do Japão. As crianças que a falassem nas escolas eram punidas com o *hoogen fuda*, uma placa de madeira pendurada no pescoço para indicar quem falava em uchinaaguchi. As crianças eram obrigadas a denunciar outras que falassem uchinaaguchi para que estas passassem a usar o *hoogen fuda* em seu lugar. Em Okinawa hoje em dia há alguns movimentos para resgatar a língua uchinaaguchi que é mais frequentemente falada em países como Brasil, Peru e Bolívia do que em Okinawa. Mesmo a real história e antigo modo de vida do reino de Ryukyu se encontra banido do currículo escolar. O passado histórico é praticamente desconhecido pela maioria das pessoas nascidas em Okinawa.

Os okinawanos nunca foram considerados como iguais pelos *naichi*, o modo como são chamados os japoneses das ilhas principais, ou *mainland Japan*, como dizem. Em um país onde a homogeneidade é um valor a ser preservado, os modos, alimentação, sotaque e cultura de Ryukyu destoam contrastivamente. Assim houve um grande empenho em subjugar, considerando inferiores da linguagem à aparência física, sua cultura e modo de viver. A questão racial é pungente ainda hoje e se fala com frequência acerca do tom de pele mais escuro e a abundância de pelos e barbas, além de outras características físicas, diferentes dos *naichi* (Kubota, 2015).

Hoje, muitos okinawanos percebem o peso que significa hospedar grande parte das bases militares americanas como um forte preconceito. Para muitos, Okinawa foi negociada em troca da liberdade do Japão. Por outro lado, há quem considere a perda de autonomia como uma contrapartida válida em vista ao desenvolvimento econômico e status social a nível internacional como cidadão japonês. Há ainda quem considere ilegal a dominação e ocupação tanto por parte do Japão quanto por parte dos americanos e deseja ver a ilha enquanto um país independente novamente, com a retirada total das bases. E há uma grande parte que se esforça para se enquadrar como pode no sistema educacional e laboral japonês e simplesmente não compreende quando perguntado se sua auto-identificação é japonesa ou okinawana. Em resposta afirmam ser primeiramente japonesa, mas como Okinawa faz parte do Japão, não caberia o opcional. Há relatos onde um okinawano se ofendeu profundamente por um uchinaanchu da diáspora afirmar que ambos não eram japoneses. Há quem considere que os okinawanos sofreram uma lavagem cerebral para se esforçarem em serem japoneses.

Okinawa permanece sendo a província com os piores índices econômicos, sociais e educacionais, além de hospedar quinze de um total de dezessete bases militares americanas no Japão. Em termos de identificação, com a emigração que transformou um terço dos uchinaanchu em *overseas* ou como chamo aqui uchinaanchu da diáspora, temos claramente um choque identitário entre os “*overseas*” e os nascidos em Okinawa. Em uma dinâmica de mão dupla, os uchinaanchu *overseas* possuem uma identidade exacerbada pela saudade, distância e super-valorização de suas raízes ancestrais nas ilhas do reino de Uchinaa em oposição aos nascidos e que permanecem em Okinawa, submetidos ao sistema educacional, social, linguístico, burocrático e laboral japonês, onde se inserem nas camadas inferiores. É perceptível, ao manter contato com os descendentes de uchinaanchu de diversos países da América, que o interesse em conhecer a história e tradições de Okinawa é mais arraigado entre eles do que entre as pessoas nascidas e crescidas na atual Okinawa. É muito comum okinawanos que possuem graduação não atuarem em sua área de formação, mais do que isso, trabalharem como *dekasegui*⁷ nas ilhas principais, sendo

⁷ *Dekasegui* significa trabalhar fora de casa, era um termo aplicado internamente ao Japão para designar trabalhadores temporários oriundos das regiões com pouca oferta de emprego que migram para as áreas centrais industrializadas. O termo, desde os anos 1980, passou a designar também os estrangeiros, *nikkey* (descendente nascido fora do Japão), como os migrantes laborais de origem brasileira.

alvo de discriminações. Há casos em que se tenta esconder a origem okinawana, até do próprio cônjuge. Em pouco mais de um século, a história de Okinawa foi marcada por eventos críticos que a lançou em uma conformação de relações de poder muito peculiar envolvendo três superpotências globais: Japão, Estados Unidos e China.

2 - Diáspora

Havaí, a primeira comunidade uchinaanchu fora de Okinawa

Kyuzo Toyama (1868-1910) arregimentou os primeiros 26 homens entre 21 e 35 anos de idade que deixaram Okinawa em dezembro de 1899 e foram os primeiros okinawanos a se estabelecerem no Havaí em janeiro de 1900. Kyuzo Toyama era um professor na cidade de Kin. Ele tomou conhecimento acerca da emigração do Japão para o Havaí enquanto estudava em Tóquio 1896-1898. Em 1885 os governos do Japão e Havaí assinaram um acordo para enviar trabalhadores japoneses para as plantações de cana de açúcar com contratos de três anos de trabalho (Matsumoto, 1982). Os uchinaanchu tomaram parte neste movimento migratório apenas quinze anos mais tarde. Atualmente a maior comunidade uchinaanchu fora de Okinawa vive no Brasil, com cerca de cento e noventa mil pessoas, sendo a segunda maior a do Havaí, com cerca de cinquenta mil pessoas.

Os okinawanos no Havaí se identificam como uchinaanchu em contraste com os *naichi*, ou japoneses provenientes das outras quatro principais ilhas japonesas. Entre os Estados americanos o Havaí possui uma trajetória histórica diferenciada, além de uma distinta configuração étnica (Okamura, 2002, 2008). É o único Estado onde a maioria populacional é asiática. Diferentemente dos outros, foi anexado posteriormente aos Estados Unidos da América – mesmo se localizando no meio do Oceano Pacífico, milhares de quilômetros distante do continente americano. A tomada de poder do reino do Havaí se deu destituindo, multando e encarcerando a rainha Liliuokalani, herdeira legítima de uma longa dinastia, fato que ocorreu na mesma época que Okinawa perdeu sua independência política, por volta do ano 1890. Os povos originários do Havaí tiveram uma longa e interessante vida de corte, cuja família real era formada por músicos, compositores, escritores e artistas.

Uchinaanchu no Brasil, a maior comunidade *nikkey* fora do Japão



Cartaz de recrutamento para a América do Sul, exposto no *V Sekai no Uchinaanchu Taikai* - outubro 2011

Com cerca de 1% da população brasileira, os nipodescendentes representam a maior população *nikkey* do mundo. A partir de 1908, com a ideia e propaganda de que seria possível trabalhar por algum tempo e retornar com uma quantia razoável ao Japão, milhares se lançaram na travessia oceânica rumo ao Brasil. No entanto, o que se seguiu foi a intensificação da fome e crise a nível global, duas guerras mundiais, uma situação análoga à escravidão nas fazendas brasileiras e a impossibilidade de retornar ao Japão. Após mais de um século da vinda do primeiro navio Kasato Maru, a comunidade nipo-brasileira se destacou em âmbitos diversos e obteve uma rápida ascensão social por meio do estudo universitário e empreendimentos na agropecuária, comércio, serviços e pequenas indústrias. Já no primeiro navio cerca de 40% dos imigrantes tinha origem em Okinawa. A proporção de okinawanos entre os *nikkey* brasileiros se mantém, segundo eles, em cerca de um terço.

De modo amplo, a comunidade brasileira aprecia e admira o trabalho e esforço realizado pelos nipo-brasileiros em sua trajetória de ascensão. Um segmento grande de brasileiros sem nenhuma descendência oriental para além de reconhecer os esforços dos nipo-brasileiros, cultua, ou como dizem adora a cultura japonesa, tanto a cultura pop como o que existe de tradicional. Assim é grande a oferta de comida japonesa, aulas de língua japonesa, ikebana, religiões, eventos pop, aulas de artes marciais japonesas, como o *kendo*, *judô*, *kyudo*. Machado (2011) afirma que a sociedade brasileira passou por um processo de japonificação e propõe pensar japonesidades múltiplas em território brasileiro.

Nem tudo são flores neste pouco mais de um século da chegada do navio Kasato Maru ao Porto de Santos em 18 de junho de 1908. Mesmo anteriormente à assinatura do contrato de imigração, que buscava mão-de-obra e já estava recebendo europeus como italianos e alemães, a vinda de japoneses foi questionada no sentido de não servir ao propósito de “embranquecer a população”. Muito se discutiu na época também sobre o problema do enquistamento, chegando a se cunhar o termo “perigo amarelo” que se referia ao receio quanto à possibilidade de conviver com japoneses em solo brasileiro. Nucci (2010) revela a ocorrência de um racismo antinipônico no Brasil dos anos 1930 a 1950. Para além do racismo, a penúria e péssimas condições de trabalho traziam a descoberta tardia de que a propaganda que dizia ser o Brasil a terra onde havia a árvore em que se colhia ouro, em uma alusão ao café, era enganosa. Muitas famílias se viram em situação de escravidão por dívida. Carneiro e Takeuchi (2010), Ortiz (2000) e Ennes (2001) trazem discussões relativas ao Japão e Brasil, o

movimento de imigração, memória, adaptação e imaginário criado pela comunidade brasileira acerca dos nipo-brasileiros.

Já nos anos 1980, inicia o denominado movimento *dekassegui*. Aqui juntam-se a crise econômica e política no Brasil, e a crise de falta de mão-de-obra não especializada e disposta a trabalhos caracterizados pelos três K de *kikken*, *kitanai*, *kitsui*, perigoso, sujo e pesado, acrescidos pelos brasileiros, segundo Kubota (2015) de mais dois K, *kirai* e *kibishii* detestável e exigente. Assim, dezenas de milhares de brasileiros com descendência japonesa “retornaram” ao Japão para trabalhar nas fábricas. Trata-se, de modo bastante diferente de outros fluxos migratórios contemporâneos, de um fluxo documentado, com amparo legal em lei de imigração promulgada pelo Estado japonês. Com uma aparente liberalidade, o objetivo da lei de imigração é proceder a uma restrição étnica, pressupondo uma proximidade cultural que posteriormente não se verificou. Com o grande impulso causado pelo confisco da poupança, instabilidade econômica e política da era Collor em 1990, chega-se a trezentos mil brasileiros vivendo no Japão na virada do século. Kawamura (1999), Fukasawa (2002), Sasaki (1999), Capuano de Oliveira (1999), Galimbert (2002), Moriya (2000) abordam o movimento migratório entre o Brasil e o Japão sob diferentes aspectos. A partir da crise mundial de 2008, o número de brasileiros no Japão decaiu devido à política adotada pelo governo japonês de conceder um benefício em dinheiro para que os *dekassegui* retornassem ao seu país de origem. Muitas dessas pessoas aguardaram por mais de cinco anos a autorização do governo japonês, no sentido de suspender a restrição ao retorno dessas pessoas ao Japão, condição para a concessão do benefício. Ao entrar em contato com a realidade *dekassegui*, principalmente a negociação identitária em jogo nesta dinâmica entre pólos opostos do globo, vislumbrei o quanto a comunidade *nikkei* e japonesa se mostra segmentada, havendo ainda figuras públicas defendendo abertamente políticas segregacionistas no Japão. Comparativamente aos *uchinaanchu*, percebi que a principal característica a diferenciar os dois grupos é a existência de uma fluida e viva rede transnacional *uchinaanchu*. Este foi o ponto de partida para a pesquisa do doutorado: buscar entender de que maneira os *uchinaanchu* realizam a construção desta vívida rede transnacional.

Emigração pós guerra

Há uma disposição bastante diferente no migrante okinawano pós-guerra. A ideia de breve retorno após curto tempo de trabalho é descartada desde a partida. A Segunda Guerra fez de Okinawa o palco de sua maior e mais sangrenta batalha, contabilizando cerca de duzentos e cinquenta mil mortos. A batalha de Okinawa começou em 1 de abril de 1945 e se estendeu por três meses. A ilha é devastada e um terço da população civil é morta. Ocorre evacuações para o Japão, principalmente de crianças em idade escolar, no entanto a emigração para muitos países é interrompida, sendo reiniciada após a Guerra.

Países como Bolívia, em acordo direto com o governo americano, concedem, na década de 1950, terras que receberam as colônias Okinawa 1, 2 e 3 em uma área rural próximo a Santa Cruz. Os migrantes enfrentaram muitas dificuldades devido à completa ausência de infraestrutura básica. Ainda hoje não existe uma concentração urbana, o cenário é composto por extensas fazendas, interligadas por estradas em sua maioria sem pavimentação.

Os bolsistas que vêm da Bolívia possuem um grau elevado de japonês, e conhecimento de *uchinaaguchi*, uma vez que, mesmo residindo nas cidades, os laços com a colônia rural são estreitos. Sendo uma migração de pouco mais de meio século, muitos dos primeiros migrantes mantêm-se comunicando em língua materna. Como a migração para a Bolívia se deu no pós-guerra, muitos *isei* e *nisei* têm viva a imagem da destruição em que deixaram Okinawa. Não pretendiam ficar pouco tempo nas colônias Okinawa 1, 2 e 3, pois sabiam que não teriam para onde voltar.

Suzuki (2010), após uma etnografia multisituada (Marcus, 1996) realizada nas Colônias Okinawa 1, 2 e 3, na Bolívia, e Yokohama no Japão, reflete sobre racialização e pertencimento a diferentes lugares. O autor descreve a área que abrigou os *uchinaanchu*, ressaltando que Santa Cruz de La Sierra passou a ser a maior e economicamente mais importante cidade da Bolívia, ultrapassando a capital La Paz. Santa Cruz é o maior distrito, cerca de 34% do território do país, e concentra-se na região das terras baixas e planas, próxima à fronteira com o Centro-Oeste brasileiro, em contraste com a área andina boliviana. Entre 1954 e 1963 dezessete grupos vindos de Okinawa ali se estabeleceram para trabalhar como agricultores.

Na realidade a emigração no período pós-guerra foi intensificada devido às condições de extrema destruição em que ficou Okinawa. Para grande parte dos “sem-

casa” que resultaram da destruição da ilha, emigrar era a única alternativa. A migração pós-guerra sofreu algumas transformações em suas características como, por exemplo, não se exigia mais que fossem grupos familiares. Assim, passaram a embarcar os chamados *senentai*, jovens solteiros e sem família em grupos organizados especialmente para emigrar para países como Bolívia, Brasil, Peru e Argentina.

Histórico de fluxos e intercâmbios

A trajetória histórica de Ryukyu deixa clara a importância atribuída pelos *uchinaanchu* à produção e fluxos de conhecimento, bem como ao treinamento de membros da comunidade enviados para estudar em países como a China e o Japão. Atualmente a sistemática de intercâmbios e bolsas de estudo envolve a recepção de estudantes descendentes em Okinawa bem como o envio de *sensei* de têxteis, *odori*, *sanshin* por exemplo, a países como Peru, Bolívia, Argentina, Brasil, Estados Unidos e Havai.

O envio de estudantes tem sido feito desde a antiguidade, oficialmente e entre as famílias. O termo *kibei* designa pessoas que foram enviadas a partir de colônias *nikkey* para estudar residindo com parentes por longos períodos no Japão. Os *kibei* okinawanos foram responsáveis pela formação das associações *okinawakenjinkai* em seus países de origem. (Yamazato, 2007).

O Estado japonês, províncias, embaixadas e consulados junto às associações têm administrado os fluxos de estudantes para o Japão e Okinawa. A bolsa com duração de um ano, é destinada aos descendentes dos emigrantes das 47 *ken* ou províncias, quem as recebe é chamado *kenpiriyugakusei*. No entanto é de relevante interesse notar a existência das bolsas chamadas *kenshu*, das municipalidades, ou a chamada estratificação *shi cho son*, que algumas vezes representam unidades pequenas como bairros em cidades maiores classificadas como *shi* a exemplo de Naha e Nago. Estas cidades, vilas, bairros e pequenas ilhas todas se esforçam por manter, em conjunto com as famílias e associações, programas para receber descendentes dos emigrantes que destes locais saíram. Os participantes desta modalidade são chamados *kenshusei*. Semelhante ação não existe no Japão. A intensa mobilidade vista no fluxo de pessoas e informações entre Okinawa e os grupos *uchinaanchu* vivendo em diferentes países, e mesmo entre estes países, impulsionaram o sentimento de pertencimento a uma rede étnica estendida ao redor do globo.

As pessoas que são contempladas com bolsas para ir a Okinawa declaram que a estada transformou seus sentimentos em relação ao chamado espírito *uchinaanchu*. Ocorrem processos de identificação que geram um sentido de gratidão e conseqüentemente o desejo de retribuir à rede *uchinaanchu*, algo como se dar conta dos valores desta cultura. As práticas de intercâmbio têm sido efetivas não apenas para aprofundar o conhecimento em cultura e história como também para fortalecer e encorajar o pensar sobre como preservar a unidade do grupo, o espírito *uchinanchu*, e transmiti-lo às próximas gerações. Os intercâmbios são articulados em torno de diferentes programas, com duração que varia de duas semanas a alguns anos.

Gramsci (1982) fala sobre o intelectual orgânico que forma concepções de mundo. De modo algo semelhante temos o sentido dado ao termo japonês *sensei*. Ele é aplicado de forma ampla para designar, além dos acadêmicos, os mestres tradicionais em artes, artesanatos, danças, instrumentos musicais, lutas, mitos, caligrafia: uma gama variada de conhecimentos e práticas, institucionalizadas ou não. Em torno da difusão deste conjunto de referências à identidade *uchinanchu* se articula de modo transnacional um grupo ou rede de intelectuais, seguindo o amplo sentido de *sensei*. Os fluxos e as práticas dos *sensei*, bem como o fluxo de estudantes e aprendizes, são parte fundamental dos processos de formação da identidade partilhada pela rede *uchinaanchu* transnacional. A dinâmica de intercâmbios, mesmo quando realizada de maneira institucionalizada e acadêmica, é permeada pela prática de várias artes tradicionais, sobre as quais se publicam reflexões acadêmicas disciplinares na antropologia, sociologia, história, língua (Arakaki, 2002; Chinen, 2007; Higa, 2011, 2015; Kaneshiro, 2002; Sakihara, Karimata, Shimabukuro e Gibo, 2012).

Durante a pesquisa de campo em Okinawa percebi que existe em comum entre todas as pessoas lá nascidas e que estão se dedicando à manutenção ou mesmo à construção da cultura, identidade e rede *uchinaanchu*, um relato sobre a importância, em suas trajetórias de vida, de ter vivido ou estudado fora de Okinawa. A partir do exterior eles se deram conta do quão rico e importante é seu passado cultural, sua língua e identidade e simultaneamente passaram a questionar a falta de autonomia política, a presença das bases americanas, a desigualdade econômica. Desta forma, fica patente a dominação ideológica que significou a retirada da história, cultura e língua dos conteúdos escolares e mesmo da vida atual dos okinawanos.

Em uma via de mão dupla, os スウパウチナアンチュ *suupa uchinaanchu* da diáspora invariavelmente se engajaram em um ou mais programas de intercâmbio. A ida e permanência, estudando ou fazendo estágios em Okinawa confere um valorizado capital simbólico a estas experiências. Ao entrar em contato com a ilha e as pessoas de Okinawa ocorre um sentimento de participação com relação ao espírito uchinaanchu ou *mabui*. O espírito uchinaanchu simboliza, segundo eles próprios, uma unidade com a qual seus membros se identificam e a partir da qual têm seu pertencimento reconhecido. É um locus privilegiado do despertar do pertencimento ao grupo uchinaanchu que partilha uma identidade étnica. A própria formação do espírito uchinaanchu ocorre impulsionada pelo fluxo dinâmico de saberes e pessoas dentro desta rede transnacional. Etnografar os fluxos em torno dos intercâmbios permitiu acesar a maneira como se constrói a rede uchinaanchu. Ao acompanhar as conexões da rede uchinaanchu foi possível investigar como se forma, se mantém e se reproduz uma rede entre a comunidade global dispersa em uma dinâmica diaspórica transnacional.

Uchinaaguchi – língua, engajamento, história

Em uma consulta ao dicionário e aplicativo *Imiwa?* (o que significa?) encontrei o termo - 沖縄口 [うちなあぐち (*uchinaaguchi*)] - e também em *katakana* (alfabeto silábico utilizado para termos estrangeiros) ウチナーグチ. Decompondo os *kanji* (ideogramas incorporados do alfabeto chinês), temos mar aberto, corda de palha e o *kanji* de boca. 日本語 *Nihongo*, língua japonesa, 琉球語 [りゅうきゅうご (*ryuukyuuugo*)] e 英語 *Eigo*, ou língua inglesa utilizam o *kanji* de língua 語 e não de boca. Neste mesmo dicionário/aplicativo temos a definição de uchinaaguchi como “*Okinawan language*” e classificação como um dialeto *Ryukyu-ben*. Aqui entramos em uma disputa de classificação linguística que esbarra na questão geopolítica imperialista e colonial. 琉球処分 [りゅうきゅうしょぶん (*ryuukyuuushobun*)], cuja definição “disposition of Ryukyu, forced assimilation of Okinawa into Japan, ending its tributary relations with China and abolishing the Ryukyu Kingdom (1872-1879)” também encontrado no *Imiwa?* revela o episódio histórico de subordinação administrativa do reino de Ryukyu ao recém criado Estado moderno japonês, unificado pela reforma Meiji (1867-1902). Assim há um movimento político reivindicando que o 沖縄口 uchinaaguchi seja classificado como língua, alegando

preconceito ao atrelar valores como atrasado e inculto ao termo dialeto. Segundo Lucila Gibo, doutora em linguística pela Ryudai 琉球大学 *Ryukyu Daigaku* (universidade), a classificação do uchinaaguchi como dialeto não é incorreta na medida em que há de fato cerca de sete dialetos diferentes dentro da língua do arquipélago Ryukyu. Ela não acredita ser possível hoje substituir o *nihongo* e voltar a falar 沖縄口 uchinaaguchi, principalmente em espaços técnicos e científicos.

Acima desta discussão, a língua é um tema que agrega praticamente todos os interessados em Okinawa por algum outro motivo diverso, como música, dança, história. Agrega principalmente as pessoas que demonstram engajamento e sentimentos de que suas raízes ancestrais vivem na cultura, língua uchinaaguchi e *mabui*, o espírito uchinanchu. Assim poderia citar inúmeros uchinaanchu que estudam uchinaaguchi como ato de resistência, ou mesmo pessoas interessadas em aprender por exemplo *sanshin*. Michiko Takase, nascida em Fukuoka, acompanha o musicista, *lutier*, ator e *sensei* de *sanshin* Masao Teruya em muitas apresentações, faz aulas de *bingata* (colorida pintura com estêncil, tradicional arte de Ryukyu), *sanshin*, *karatê* e uchinaaguchi, segundo ela para se aproximar mais da mente de seu *sensei* de *sanshin* Masao Teruya. A conheci em 2014 tendo aulas com o *sensei* de uchinaaguchi Byron Fija e convivemos por toda minha estada em Okinawa, trarei sua trajetória ao falar sobre a rede de *sanshin*.



O *sensei* de *uchinaaguchi* e musicista Byron Fija e estudantes, à direita Michiko Takase

Byron Fija é conhecido em Okinawa por seu trabalho de resgate do uchinaaguchi conversando com idosos em asilos. Filho de um americano que não

conheceu, criado por um tio, passou a se identificar como *uchinaanchu* após estudar nos Estados Unidos. Os vídeos onde ensina *uchinaaguchi* e toca *sanshin* estão disponíveis na internet, em sua página e no You Tube. Eric Wada, sensei de *odori* (dança) e fundador do grupo de artes de Ryukyu no Havaí Ukwanshin Kabudan, em uma aula de *uchinaaguchi* em Honolulu conectou Byron em Okinawa via *Skype* e desta maneira fomos apresentados. Entre os alunos de Byron há bolsistas *kenpiryugakusei* como Brandon Ing do Havaí, que permaneceu em Okinawa após o ano de bolsa em 2007 e Eduardo Akira Uema, seu aluno bolsista *kenpiryugakusei* 2008, ambos viveram em Okinawa até 2014.

Em postagens (21 de maio de 2015, com cortes) de Eduardo Akira Uema em uma rede social temos um conteúdo que fala por si só acerca dos sentimentos que movem os スーパ ウチナANCHU (*sūppa uchinaanchu*) em sua construção da rede transnacional.

The issue of the extinction of the Ryukyuan languages, the current loss of identity, the political issues are all interconnected. All of this should be seen through the History, which is invariably ignored by everyone! It is important that one understands thoroughly the historical process which the Ryukyus have gone through. I have found that this understanding is necessarily missing in the minds of most Okinawans. Well, Ryukyuan history is not part of the school curricula in Okinawa. Nobody realises that Okinawans are deprived from the right of learning their own history. Nobody questions it and doesn't see a problem with it. Okinawans cannot speak their own language because they perceive it as being something archaic and outdated. There is an unconscious prejudice against their own language. Those generations were severely oppressed for being who they truly are! In order to be accepted, they've strived to become more like their conquerors.

How imperialism can destroy another country's culture and tradition! Why would you destroy another people's language and also its culture in the process? How did the annexation happen? What really happened in March of 1879? How 19th Century Ryukyans reacted to the new order imposed by the Meiji government? What does it mean to "be Japanese"? These are not trivial questions! Things are much more complex than it is depicted there.

Okinawans don't think about these questions, because they were **CONDITIONED** not to, but all these historical facts have moulded Okinawa to what it is today. The problem is how governments are taking measures that prevent Okinawans from exercising their right of self-determination.

Dudu, como é chamado o engenheiro brasileiro, aprendeu a tocar *sanshin* e teve o primeiro contato com *uchinaaguchi* resgatando o antigo instrumento e rolos de

fitas cassete gravadas por seu *ojiisan* (avô), que não chegou a conhecer. Uma entrevista com ele foi publicada no jornal *Utiná Press* de abril de 2015. Versou sobre sua experiência como bolsista, vivendo por seis anos em Okinawa e principalmente sobre seu interesse em aprender a língua *uchinaaguchi*, história e cultura de Ryukyu/Uchinaa/Okinawa. Por acompanhar sua trajetória e manter contato por muitos anos pude perceber em conversas e atividades nas redes sociais muitas mudanças, reviravoltas e desenvolvimentos de seu engajamento e sentimentos quanto à identidade étnica, pertencimento e preservação da cultura e língua de Okinawa. O conheci em 2007, entrevistei-o pouco antes de sua partida como bolsista em 2008 quando o vi muito empolgado com o grupo de *taiko*⁸ em Brasília, no qual teve e tem importante papel.



Byron Fija ao centro, Dudu à direita, ao seu lado um amigo linguista holandês estudioso do *uchinaaguchi*. Festa de *Shoguati*, ano novo lunar, tocando *sanshin*,

⁸ *Taiko* traduz-se por tambor, é a mais corrente referência aos grupos de *sosako eisa*, que modernizaram e coreografaram padronizadamente músicas okinawanas. Se estruturaram em um sistema de filiais, com sede em Okinawa, sendo os grupos mais conhecidos o *Requios* em referência a leques, uma forma que o reino era conhecido, devido à dança com este acessório e *RKMD – Ryukyu Koku Matsuri Daiko* ou festival de tambores do reino de Ryukyu.

paranku, um *taiko* ou tambor pequeno e *sanba*, três placas. Em primeiro plano dançando *kachyashi*. Fevereiro de 2014, Okinawa

Nestes anos conversamos sobre sua experiência em oportunidades como suas visitas ao Brasil e minhas idas a Okinawa, me revelou seu choque ao chegar em Okinawa, proferir saudações em *uchinaaguchi* e sua interlocutora pensar tratar-se de japonês arcaico. Este primeiro momento de chegada, aliado à enorme expectativa de estar em contato com a genuína cultura de Okinawa, foi relatado por Dudu como uma decepção muito triste e frustrante. Ouvi de Dudu frases como “no Brasil a gente dá o sangue por esta cultura e língua e aqui eles não se importam, simplesmente deixam morrer.” Assim Dudu relatou-me ter se afastado do que ele considera cultura *okinawana* e praticou salsa junto a um grupo latino. Depois deste primeiro movimento de afastamento, Dudu passou a buscar compreender o que se passa com a identidade em Okinawa após um episódio marcante. Não sem externalizações de seus sentimentos, me relatou que chorou em uma discussão com um senhor *okinawano* em um bar de *Ginowan*, onde morou entre 2009 e 2014. Nesta ocasião Dudu falou para o senhor com cerca de quarenta anos, que nenhum deles era japonês, e sim *uchinaanchu* ambos. O senhor ficou vermelho de raiva e chorou, extremamente ofendido por não ser considerado japonês, e gritou afirmando ser japonês sim. Esta reação fez com que Dudu percebesse o que ele chama de perda da identidade. Em sua interpretação deste episódio e da história recente, Dudu acredita que os *okinawanos* se esforçaram muito para se tornarem japoneses, quando se mobilizaram por anos e reivindicaram a reversão ao Japão, que aconteceu em 15 de maio de 1972.⁹ Tal esforço quando não reconhecido gera profundo desagrado.

Dudu endurece ainda mais sua crítica quando afirma não se importarem de o governo japonês estabelecer o conteúdo a ser ministrado, tratando apenas de Okinawa após e durante a Segunda Guerra Mundial, com omissões sobre o incentivo que os soldados japoneses faziam ao suicídio coletivo. A “edição” de livros de história é uma prática recorrente do governo nacionalista japonês, como revela a já mencionada

⁹ O movimento de reversão e as mudanças de seu discurso foram analisadas por Kojima (2007). Assim os argumentos iniciam buscando uma solidariedade enquanto cidadãos japoneses, submetidos à administração norte-americana. Ao fim lançam mão do argumento de preconceito e discriminação contra Okinawa e a troca de sua terra ancestral pela liberdade do Japão. A reversão ocorreu, mas de modo muito aquém do desejado, pois as bases militares estadunidenses permaneceram inalteradas. Pior, impõem atualmente planos de ampliação.

polêmica relativa às “*comfort women*” ou escravas sexuais do exército japonês, muitas ainda vivas e revoltadas com a aceitação de compensações do Japão por parte de seus governos. Contudo, há uma associação de professores de Taketome e Ishigaki, duas ilhas ao sul do arquipélago, parte de Okinawa ken, que lutam por mais autonomia em relação ao conteúdos e escolha dos livros didáticos que atualmente são rigidamente determinados pelo governo central de Tóquio.

Tsugiko Taira, curadora do museu de Haeburu me revelou que em sua época de criança, na escola era passado temas para redação como “não falar *uchinaaguchi*”. Além disso, o *hoogen fuda*, a placa de madeira com estes dizeres pendurado no pescoço dos estudantes que utilizassem o *uchinaaguchi*, foi um modo de coerção extremamente eficaz que eliminou a língua *uchinaaguchi*. O orgulho de ser *uchinaanchu* foi substituído pela vergonha.

Assim que cheguei ao Havaí, me chamou a atenção ouvir membros do *Akisamiyo club* (clube dos estudantes de Okinawa na *Hawaii University*) declarando que se orgulhavam de serem cidadãos japoneses, que não tinham sentimento de identidade contrastiva em relação aos japoneses, que não havia diferença, uma vez que Okinawa é parte do Japão.

A dominação ideológica a que Okinawa foi submetida tanto pelo Japão como pelos Estados Unidos, e principalmente o esforço para a reversão ao Japão, de fato condicionaram muitos okinawanos a se pensarem enquanto japoneses. Como sabemos, a manutenção, valorização e reprodução da cultura, língua e identidade se devem às circunstâncias históricas e políticas, mais fortalecida na rede transnacional do que em Okinawa propriamente. Assim surgiu o termo *suupa* (super) *uchinaanchu* para designar pessoas como Eric Wada, Eduardo Akira Uema e grupos como o Ukwanshin Kabudan. O fluxo e circulação de conhecimento sobre a cultura *uchinaanchu* e suas práticas, bem como a mobilização deste grupo de intelectuais スーパーウチナアンチュ (*sūppa uchinaanchu*) em torno de justiça e democracia para Okinawa indicam o processo de formação de uma identidade compartilhada por uma rede transnacional *uchinaanchu*. A rede *uchinaanchu* instrumentaliza uma gama diferenciada de elementos como história, cultura, linguagem, política, tradições, artes, bem como o intercâmbio para estudos destes elementos para construir a si mesmos em conexões locais. E por meio destas conexões os スーパーウチナアンチュ (*sūppa*

uchinaanchu) realizam a construção, manutenção e fortalecimento da rede transnacional uchinaanchu.

3 - Imperialismo, Democracia e Militarização em Okinawa

A batalha de Okinawa (1 de abril 1945 a 23 de junho de 1945, com o suicídio do general Mitsuru Ushijima)

A memória viva da Segunda Guerra Mundial deixou marcas profundas na comunidade uchinaanchu. Buscar entender como se passaram os dias de guerra é um interesse de muitos que empreendem um esforço em pesquisar sobre Okinawa. A penúria e horror por que passaram os uchinaanchu durante e após a guerra são frequentemente lembrados em frases como “não tinham o que comer”, “eram obrigados a cozinhar com óleo combustível”, “inferno de *sotetsu* (planta ornamental venenosa) porque muitos morreram comendo esta planta”, “houve massacres com lança-chamas e suicídios coletivos nas cavernas”, “os soldados japoneses foram mais cruéis com os okinawanos do que os americanos, saquearam toda a comida”, “não sobrou nada, foi tudo destruído, foi arrasado”, “Okinawa que mais sofreu na guerra”, “foi o primeiro lugar a ser entregue, e foi entregue mesmo.” A batalha de Okinawa foi um fato histórico considerado um holocausto, segundo Yamashiro.

A enciclopédia Okinawa registra que na verdade a luta começou em 26 de março, quando tropas americanas desembarcaram nas ilhas Kerama [...] à época, a população de Okinawa—*ken* era de cerca de 450 mil almas. Os mortos das forças imperiais somaram mais de 90 mil, 10 mil caíram prisioneiros. Mais de 140 mil civis okinawanos pereceram, sem contar os que morreram depois, em consequência dos ferimentos recebidos, doenças e subnutrição causada pela escassez de alimentos. As perdas americanas somaram o total de 12.500 homens. Segundo o professor Shuzen Hokama, Okinawa acabou sendo um ‘peão sacrificado no xadrez da defesa do Japão metropolitano’ (Yamashiro, 1993: 225-229).

Há quem considere o intenso sofrimento histórico pela qual passaram os okinawanos como uma prova e um fortalecedor da solidariedade e do espírito uchinanchu. Wesley Iwao Uenten (2007) relata que nos campos de concentração de japoneses nos Estados Unidos, os uchinanchu improvisavam um *sanshin* agregando um braço com três cordas a uma lata, chamado カンカラ三線 *kankara sanshin* e se reuniam para tocar, cantar e conversar a despeito da terrível situação em que se

encontravam. A forma mais descontraída e flexível com que encaram a vida é creditada ao espírito uchinaanchu e era motivo de conflitos entre japoneses e okinawanos que conviviam internados forçadamente nestes locais.

Ocupação americana e reversão ao Japão (1945-15 de maio 1972)

A efetiva ocupação americana do Japão durou cinco anos a partir da assinatura da rendição em setembro de 1945. Ruth Benedict (1972 [1946]) descreve a cena de recepção dos soldados americanos pela população japonesa, quando as mães seguravam as mãos das crianças ainda pequenas para acenar aos soldados que reconstruiriam o país. Com a assinatura do Tratado de Segurança da Aliança do Pacífico, Okinawa permaneceu sob administração americana até 15 de maio de 1972. Mesmo com toda a pressão social ocorrida por anos para a reversão ao Estado japonês, tal reversão não ocorreu da maneira como os okinawanos almejavam, pois as bases militares permaneceram inalteradas.

Terminada a batalha de Okinawa, com a derrota das forças nipônicas, os americanos ocuparam e decretaram a cessação do poder japonês nas ilhas Seinan. [...] A ocupação de Okinawa representava a continuação da guerra, embora o adversário dos americanos não fosse mais o Japão, e sim a União Soviética e a China comunista. A Guerra Fria tornaria a ocupação mais demorada, pois Okinawa foi transformada em base militar vital para os Estados Unidos na área do Pacífico. Os motivos da ocupação de Okinawa alegados pelos americanos residiam fundamentalmente na importância estratégica das ilhas. A prioridade deles era construir suas bases militares. Sem outra opção, os okinawanos trabalharam como operários dessas obras [...] Devido à natureza militar da ocupação, havia pressão (senão censura) sobre órgãos de informação, restrição de viagens para o cidadão comum e outros atos atentatórios à liberdade e aos direitos humanos [...] o Japão vencido sacrificara Okinawa: justamente a província mais sacrificada na guerra, a única a sofrer invasão de tropas inimigas em seu solo, fora entregue ao adversário vencedor. Inconformados com a separação forçada, os okinawanos deram força ao movimento de volta ao Japão, *Nihon fukki undô*, que se expandiu, cresceu, tornando-se uma poderosa corrente de opinião e angariando apoio [...] A 15 de maio de 1972 Okinawa tornou a integrar o território nipônico. Todavia os americanos mantiveram suas bases militares, pois consideravam Okinawa um porta-aviões inafundável e indispensável na defesa contra as potências comunistas (Yamashiro, 1993:229-231).

Kojima (2007), através da análise de discurso, percebe como a memória da batalha de Okinawa inicialmente estava ausente nos discursos que reivindicavam a reversão de Okinawa à administração do Japão, passando por uma emergência desta memória ligada ao discurso de vitimização até chegar ao discurso que considera a batalha de Okinawa como um inegável caso de vitimização e entrega de Okinawa. O autor ao analisar os discursos de pertencimento ao Japão iniciais percebe a mudança em torno dos argumentos sobre a Batalha de Okinawa e conclui que o que estava em jogo foram cem anos de discriminação do Japão em relação a Okinawa, citando índices econômicos e educacionais.

“A guerra não acabou em Okinawa” - Mudança na constituição japonesa

Okinawa foi possessão dos Estados Unidos de 1945 a 1972, operacionalizando, com as bases instaladas no arquipélago, as guerras da Coreia, Laos, Camboja, Indochina e Vietnam. Mesmo após a reversão administrativa de Okinawa ao Japão as bases militares foram mantidas, dando suporte às investidas americanas contra o Iraque e o Afeganistão. A presença das bases e sua influência econômica têm gerado sérios conflitos, dilemas e manifestações. Mais do que o terror da violência das seguidas investidas militares, muitos uchinanchu sentem que a dimensão moral de suas existências é atingida e insultada ao também sofrerem crimes cometidos pelos americanos em seu solo. E pior, vendo os criminosos sendo protegidos e impunes. Lalima Varma (1980) analisa as demandas e dilemas dos movimentos pela retirada das bases americanas do território de Okinawa, bem como os interesses americanos ali.

After the Second World War the United States had no plans to withdraw from the Pacific. The main reason why the United States decided to keep the Ryukyus under its control after the war was to prevent Japan from extending southwards once again. However, with the success of Communist China in 1949, and especially with the outbreak of the Korean War in June 1950, the entire US policy in the Far East underwent a change, and Okinawa once again gained importance because of its strategic location. After 1950 the United States developed the island chain systematically as an important forward military base. Indeed it looked upon Okinawa as a “vital link” in the anti-Communist defense perimeter running from the Aleutians to the Philippines. However, though the Okinawans have constantly been demanding

the withdrawal of US personnel and closure of the military bases, in reality they cannot economically afford it. Okinawa's economy is heavily dependent on the United States. After the war there came about a sudden transformation in the structure of the economy of the island. This indicates that the Okinawan economy was chiefly a "military base economy in the form of a dollar economy" (Varma, 1980: 12).

Falas de pesquisadores okinawanos contestam a afirmação sobre a dependência econômica. O economista Yasukatsu Matsushima, professor da *Ryukoku Daigaku* em Quioto, afirma que a economia gerada pela presença das bases representa apenas 5% do total da renda gerada. Tetsumi Takara, professor de direito na *Ryukyu Daigaku* em Okinawa afirma que áreas da ilha como Shintoshir passaram a gerar muito mais postos de trabalho e renda após retornar aos antigos proprietários que investiram em prédios modernos para *shoppings*, restaurantes, lojas e hotéis.

Na perspectiva *uchinanchu*, a possessão americana de seu território como parte da negociação pela liberdade do Japão foi uma tremenda falta de reconhecimento de Okinawa como parte do mesmo. Em um primeiro momento, o movimento pela reversão argumentava em torno do reconhecimento de sua cidadania japonesa. Após a reversão, o apelo e mobilização se voltou à demanda pela retirada das bases. No entanto os americanos têm fortes interesses estratégicos geopolíticos e militares na área, o que faz com que permaneçam ocupando as bases e operando sua máquina de guerra a partir de Okinawa. Grosso modo pode-se dizer que a reversão não implicou em mudança significativa na vida cotidiana em Okinawa. Masamichi Inoue, que pesquisa a questão das bases em Okinawa afirma que:

Okinawan frustrations have not been limited to U.S. military policy and presence. The Japanese government, both before and after its resumption of sovereignty, has marginalized Okinawa, consistently sacrificing its interests to those of the forty-six other prefectures, above all by maintaining the preponderance of U.S. military forces there. The Japanese government has not ignored Okinawa. But its nearly five trillion yen investment in the years 1972-96, largely in the form of public works, has done little to create a basis for sustainable development in Japan's poorest prefecture (Inoue, 1997:82).

Para além da questão da dependência econômica com relação à presença das bases militares a dimensão do insulto moral (Cardoso de Oliveira, 2008) a todo o povo *uchinanchu* é sentida nos crimes e mortes relacionados aos militares em Okinawa. O próprio Masamichi Inoue inicia seu artigo falando sobre o estupro que

reacendeu o debate em torno da problemática da dominação americana em Okinawa. Houve de fato grande visibilidade na mídia e comoção popular em torno deste acontecimento. Cerca de 80.000 uchinaanchu, compartilhando o sentimento de impotência extrema, participaram de uma manifestação devido ao rapto, espancamento, estupro e assassinato de uma garota de 12 anos, em 4 de setembro de 1995, por três militares americanos.

Este crime na verdade se seguiu a uma longa lista, como publicado em japonês pelo *Ryukyu Shimpō* na matéria “Bases em Okinawa” em 1996. No ano seguinte à II Guerra, em 09 de setembro de 1955 uma menina de 6 anos foi seqüestrada, violentada e assassinada em Ishikawa. Um sargento da base de Kadena foi denunciado e sentenciado à morte, porém teve a pena reduzida ao ser transferido para os Estados Unidos. Em 30 de junho de 1959, 17 crianças foram mortas e 107 feridas devido à queda de um caça na escola primária Miyamori em Ishikawa. Em 20 de maio de 1966, um motorista de taxi a serviço das forças americanas foi assassinado em Naha. Em 24 de julho de 1967, outro taxista foi assassinado por um soldado em Urasoe. Em 30 de maio de 1970, uma estudante foi esfaqueada por um soldado em uma tentativa de estupro. Em 28 de maio de 1973, uma mulher foi estuprada por 10 soldados em Koza. Em 23 de outubro de 1974, uma mulher foi estuprada e assassinada por um *mariner* em Nago. Em 19 de abril de 1975, uma estudante foi estuprada por um *mariner* em Kin. Em 14 de junho de 1991, um homem foi assassinado por um *mariner* em Koza. Em 20 de junho de 1991, um homem foi assassinado por um *mariner* no centro de Koza. Em 11 de abril de 1993, um homem foi assassinado por um *mariner* em Kin. Também em Kin ocorreu o crime de 04 de setembro de 1995.

Com o fim da II Guerra o Japão promulgou uma constituição pacifista que não permite o uso e posse de armas nucleares. Ao mesmo tempo assinou um acordo de segurança com os Estados Unidos que utilizam como bem entendem as instalações militares em território okinawano. Foi descoberto e comprovado o uso, armazenamento e contaminação por agente laranja, desfoliantes e outros químicos altamente tóxicos por toda a ilha de Okinawa. John Mitchel é um jornalista britânico que acompanha a temática e dirigiu um documentário sobre o uso deste material tóxico em Okinawa, premiado pelo clube dos correspondentes internacionais por esta investigação. É um dos jornalistas estrangeiros que se dedica a acompanhar a temática da presença militar americana em Okinawa, publicando em grandes jornais, em páginas pessoais, redes sociais e jornais *on line* como o “The Asia Pacific Journal:

Japan Focus” conteúdos de denúncia contra o governo americano. Suas pesquisas, vídeos e investigações são citadas com frequência pelos uchinaanchu ligados aos movimentos sociais de protestos contra a presença das bases militares, a favor da paz e direitos humanos.

O manuseio de armas nucleares também é feito a bel prazer do Estados Unidos, uma vez que as bases são área americana no Japão, sem qualquer controle ou fiscalização. Toda ação militar de manuseio e armazenagem de armas nucleares é ilegal perante a Constituição japonesa. O uso de energia nuclear mesmo para fins de geração de energia elétrica enfrenta protestos e mobilizações há bastante tempo e intensificou-se após o acidente de Fukushima em março de 2011. O domínio sobre as ilhas Senkaku, em japonês ou Diaoyu em chinês, tem sido alvo de disputa, reclamado pela China. Segundo okinawanos é um território que nunca pertenceu a nenhum dos dois, mas ao reino de Uchinaa, com importante significado em sua cosmologia. O medo de ataques da China é um argumento amplamente utilizado, tanto por americanos como pelos japoneses, para justificar a presença militar em Okinawa. Mesmo com a alegação que se trata de um direito à autodefesa, o primeiro ministro Shinzo Abe tem enfrentado índices elevados de desaprovação. Numerosos protestos populares, com invasão do parlamento por manifestantes, se opõem a mudanças na constituição, em seu artigo número 9 que renuncia à guerra e forças armadas militares. Mesmo assim tal mudança foi implementada.

Henoko e Takae (ampliação da presença militar): Protestos, Eleições e Política



Cartazes e protestos se intensificam em Henoko. Cerca da base Camp Schwab e ao fundo o mar na baía Oura, que pretendem aterrar para novas instalações militares

Okinawa concentra a esmagadora maioria das bases americanas localizadas no Japão, 15 em um total de 17. O governo japonês paga por todas as instalações e pessoal das bases que ocupam cerca de 23% do território do arquipélago. A base de Futenma se localiza em uma área densamente povoada, seus arredores foram palco de inúmeros acidentes e crimes envolvendo militares americanos como estupros, atropelamentos, assassinatos, queda de aeronaves. É exemplar o caso do helicóptero que caiu no pátio da Okikoku, Universidade Internacional de Okinawa. Segundo me foi relatado, apenas a mídia local cobriu intensamente o caso que foi ignorado pela

mídia japonesa. Os militares americanos planejam, desde os anos 80, realocar a base de Futenma, considerada a mais perigosa do mundo. O projeto é construir uma outra base ao norte da ilha de Okinawa, na baía Oura, onde se localiza a base *Camp Schwab*, junto a um povoado de pescadores, Henoko. O projeto de engenharia envolve aterrar um recife de corais que abriga uma espécie ameaçada de extinção, o dudong, grande mamífero marinho da família dos *manatee* e peixe-boi. Além de aterrar grande parte da baía o projeto prevê a explosão com dinamites para aprofundamento do leito (leia-se o recife de corais mais preservado do Japão) a fim de receber um porto para submarinos nucleares. Amplia-se assim a capacidade militar.

Takae é uma vasta região também ao norte da ilha de Okinawa para onde os militares americanos pretendem transferir os treinos do helicóptero V-22 Osprey após seguidos acidentes. É também resposta aos protestos em relação ao perigo de seus voos e o barulho ensurdecador da área de treinos. Mais uma vez a solução proposta pela aliança entre Japão e Estado Unidos é a transferência internamente à ilha de Okinawa, ao contrário da vontade dos okinawanos de diminuir a presença militar em seu território. A destruição pela guerra, a ocupação americana e a falta de desenvolvimento econômico e industrial comprometeram a vida comunitária e a reprodução cultural na ilha. A preocupação em preservar a cultura uchinanchu como um legado para as próximas gerações se tornou maior quando o grupo diaspórico de intelectuais uchinaanchu percebeu um esmorecimento ante a dominação cultural e econômica e principalmente ante a efetiva ocupação do território de Okinawa por bases americanas. Há críticas inclusive em relação à maneira como são feitos os protestos contra as bases – de modo a não atrapalhar, os grupos que protestam escrevem *kanji* (ideograma) que significam raiva ou paz em cartazes e ficam em algum canto da cidade.



Manifestantes na Kensho (Prefeitura) acompanham o anúncio do governador Nakaima, que de Tókyo permite a nova base, 27 de dezembro de 2013.



Prefeito de Nago (onde pretendem contruir a nova base) Susumu Inamine e deputada de Okinawa no parlamento japonês Keiko Itokazu apoiam os manifestantes na Kensho. 27 de dezembro de 2013

Acompanhei uma semana de protestos em frente à *kencho*, a prefeitura da província Okinawa *ken*, e lá estava no momento em que o então governador Nakaima contrariou suas promessas de campanha e assinou a autorização para a efetiva instalação da base em Henoko, dia 27 de dezembro de 2013. Nakaima, do mesmo partido do primeiro ministro japonês Abe, mesmo com a promessa de uma gorda fatia do orçamento, perdeu as eleições que se seguiram em outubro de 2014 para Onaga. Com uma plataforma *anti-bases* Onaga está sendo acusado pelo governo japonês de contrariar os interesses nacionais e assim tem tido uma relação tensa com o governo central. Onaga foi eleito de maneira consonante com a vontade do povo de Okinawa de ver Futenma relocada para fora da província de Okinawa.

A “realocação” da base é um tema a que se opõe a grande maioria dos okinawanos. No entanto, Japão e Estados Unidos insistem em construir uma base maior e com mais possibilidades de uso, como um porto para submarinos, desconsiderando as vozes *uchinaanchu* sobre seu próprio território. As mobilizações em torno da questão da construção da base em Henoko têm sido intensas e ganharam um novo fôlego com a vitória de Onaga. Em maio de 2015 o recém-eleito governador Onaga reuniu trinta e cinco mil pessoas em um protesto. A própria eleição de Onaga

representa uma grande reviravolta como resposta dos okinawanos ao fato de não estarem sendo ouvidos em suas reivindicações por diminuir a presença das bases.

Segundo a socióloga Naomi Noiri, o governador Nakaima, mesmo prometendo impedir a construção de Henoko, possuía uma trajetória neoliberal, alinhado ao governo central do primeiro ministro Shinzo Abe. Por isso não se mostrou surpresa com a “traição” do governador Nakaima ao autorizar o início das obras em Henoko. Em sua opinião, a promessa de altos valores no orçamento foi o motivo pelo qual Nakaima aprovou a construção mesmo com toda a pressão popular contra mais uma base. Afirmou que Nakaima sempre foi alinhado com o governo, e a promessa de não aprovar Henoko tinha um caráter explicitamente eleitoreiro. A resposta da população veio na eleição seguinte, e Nakaima foi o único governador de Okinawa que não foi reeleito, desde que foi implantada a “democracia”. Para muitos, não há democracia em Okinawa, uma vez que a maior parte da população, bem como a mídia local, é contra a instalação e ampliação das bases em Okinawa e não é ouvida.

Takeshi Onaga assumiu em dezembro de 2014 com a firme intenção de interromper a construção desta nova base e instituiu uma comissão para rever todo o processo que culminou na autorização. Onaga revogou a permissão para as obras com base em indícios de problemas legais, mas a aliança militar americana e japonesa insiste em prosseguir. A tentativa de impedir esta nova construção é motivo de protestos diuturnos e mobilizações nas redes sociais, envolvendo nomes como o cineasta Oliver Stone que compareceu pessoalmente aos acampamentos em Henoko, Noam Chomski e a antropóloga Katherine Lutz, que assinaram um manifesto de apoio.

“Geography is Destiny” século XX e XXI

A permanência e impossibilidade de se cogitar a redução da presença militar americana são demonstrativas que o avanço do processo de descolonização ainda não atingiu Okinawa. Harvey (2003) fala sobre o “novo Imperialismo sob a lente do materialismo histórico/geográfico” para analisar a ofensiva oficial americana contra o terrorismo como uma demonstração de poder neoconservador. A situação de ocupação de Okinawa se estende por mais de meio século, como uma forte demonstração de que o velho imperialismo co-existe com esta nova versão apresentada por Harvey. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, com a assinatura do

tratado de San Francisco de 1951, quando consideraram que Okinawa foi negociada em troca da independência do Japão, encerra-se a ocupação americana. No entanto, o território de Okinawa permanece sob administração americana. Se a ocupação no Japão dura cinco anos, como sabemos, em Okinawa vai de 1945 a 15 de maio de 1972, momento da reversão. Durante estes anos, as instalações das bases americanas foram ampliadas com as ações *bayonett and bulldozers*”, como ficou conhecido o período em que, sob a mira de baionetas e rifles, os moradores eram retirados, enquanto tratores e escavadeiras “limpavam o terreno” para a construção das instalações militares americanas.

Dia 10 de março de 2013, aconteceu na Universidade do Havaí o Forum “Bases Militares Americanas em Okinawa” como tema a ser debatido na programação do *Uchinanchu Talk Story* III, evento anual organizado pelos estudantes okinawanos no Havaí, reunidos no *Akisamiyo club*, juntamente com o braço havaiano do *WUB – Worldwide Uchinanchu Business* (Rede Mundial de Negócios Uchinanchu). O palestrante principal foi o tenente general Wallace Gregson, ex-secretário assistente de defesa para questões da Ásia e Pacífico, de 2009 a 2011. Entre 2003 e 2005, foi general comandante das forças da Marinha Americana no Pacífico e esteve no comando central da Marinha. Antes disto, no Japão, foi diretor de política para Ásia e Pacífico na Secretaria de Defesa de 1998 a 2000. É assessor honorário do conselho internacional para o desenvolvimento de Okinawa. Tratava-se, portanto, de uma pessoa com um currículo altamente relacionado às questões de segurança naquela área do mundo.



Participantes do Fórum

A privilegiada e estratégica localização do arquipélago de Ryukyu faz com que seja conhecida como a porta do Pacífico. O general Gregson, ao defender a permanência e ampliação das bases militares americanas em Okinawa como uma garantia para a paz mundial, declarou abertamente: “Geografia é destino”. No entanto negou o interesse americano em permanecer com o seu “porta aviões inafundável” para manter vigilância sobre a China, Rússia, Coreia do Norte e Vietnam. Ao ser questionado diretamente por Tomohiro Yara, economista e especialista para assuntos de bases do jornal *Okinawa Times*, se eles desocupariam Okinawa caso o Japão oferecesse instalações em outros locais do país, a resposta foi afirmativa. Estados Unidos, como país que envia as tropas, não pode escolher a localização específica das bases. Assim para Tomohiro Yara, a questão passa a ser de política interna ao Japão.



Coronel Gregson a direita, ao lado de Tomo Yara, a esquerda Tetsumi Takara.
Honolulu, 10 de março de 2013

Participar deste Fórum possibilitou ter acesso a diversas e nem sempre convergentes perspectivas acerca da presença das bases em Okinawa. Foi uma oportunidade que mostrou a existência de posicionamentos que eu não esperava encontrar entre os uchinaanchu, nem mesmo entre os que são americanos. Antes da realização do Fórum me foi dito por uma estudante que participava de sua organização que o assunto era tratado como um tabu, sendo a primeira vez que era trazido ao debate público no Havaí. Buscar compreender a importância e o papel das bases americanas em Okinawa era o objetivo declarado. Após a realização do Fórum, pessoas que acompanharam as discussões comentaram que sua impressão foi tratar-se de uma propaganda em prol da permanência e ampliação das bases militares americanas em Okinawa. Afirmou-se também a existência na comunidade uchinaanchu no Havaí de pessoas que seriam como “espiões” dos militares entre eles. No Havaí, há muitos uchinaanchu que são também membros das forças armadas americanas. No museu da imigração japonesa, localizado em uma das principais avenidas de Honolulu, conhecida como *Queen Street*, uma grande parcela do acervo é dedicada ao tema da Guerra. Há uma seção que relata como os nipo-americanos queimaram tudo que trouxeram do Japão para provar sua fidelidade e se engajaram nas forças armadas contra o Eixo.

Em suma, é possível encontrar opiniões diversas relativas à presença militar americana em Okinawa que vão desde o conformismo afirmando que devido ao Japão ter perdido a Guerra é preciso arcar com as consequências, até o completo desacordo com a ocupação. No Havaí, as pessoas que se posicionam contra a presença dos militares americanos em Okinawa organizam manifestações para demonstrar seu apoio aos protestos que ocorrem em Okinawa. Há quem participe dos protestos em Henoko, quando visitam a Okinawa, e ainda muitos que utilizam o espaço virtual para se mobilizar e divulgar abaixo-assinados e notícias sobre o tema. Há ainda relatos de pessoas que aproveitam do fato de serem militares americanos para ingressar nas bases em Okinawa e realizar orações na *ohaka*, túmulo familiar que se encontra em uma área interna da base.

4. Mídia ante a ocupação: *Ryukyu Shimpō*, *Okinawa Times*, e seu especialista para bases Tomohiro Yara

Os dois maiores jornais de Okinawa se mostram posicionados contra a construção de um heliporto em Takae e da base e o aterro de um coral para abrigar um porto de submarinos e outras instalações em Henoko, ambos na ilha central de Okinawa. Assim cobrem protestos e entrevistam os participantes que, em sua maioria, são idosos. O carro de som que vi circular quase diariamente em Naha apoiando e agradecendo a presença americana atacava estes jornais por seu posicionamento anti-bases.

Tomohiro Yara *watcher of base issue* do jornal *Okinawa Times*, apesar de não se mostrar muito confortável na posição de entrevistado, conversou comigo não sem inicialmente fazer vários questionamentos para entender o que eu queria e qual era o meu trabalho. Após expor minha proposta de pesquisa sobre a formação da rede transnacional uchinaanchu, Tomo Yara, como é mais conhecido, atendeu meu pedido de narrar sua trajetória. Me contou que nasceu e cresceu perto das bases e que durante o período de administração americana as bases eram acessíveis aos moradores para, por exemplo, praticar esportes em suas instalações. Seu pai ganhava a vida alugando apartamentos, que construiu nas terras da família, para os militares americanos. Tomo admitiu que para sua jovem visão de mundo aquele cenário composto pelas instalações das bases militares envoltas pelas áreas residenciais densamente povoadas era “normal” ou “natural”. Em suas próprias palavras:

The place I was born is Kitamae. So our neighbour was Americans. My father was a base worker. And he built houses. Rented apartment. So the place we played, when I was kid, with my friends, was inside the base. At that time Okinawa was still under the US military control, before the reversion to Japan. Before that, there was no restriction to go into the base. They had a very nice gymnasium. I was born and grew up surrounded by the base. So the scenery with the military base was so natural for me. So I have no questions about military bases. ... I will never question why US military are here, why. But a thing was change when I went to Philippines. University, economics. Philippines have so many social problems. Rich and poor, and so many problems, right. When you go to downtown there are so many kidnaps, so many robbery. The social issue there that I wasn't so much familiar with. So that society was entirely different. So it was quite shocking to me. That is where I became concerned about social issues. Then I realized the US bases issues here in Okinawa. So I know this debit. I recognized that when I went outside, when I got a chance to look back what the situation of my country. I was looking for the job. So I told myself, well, this maybe good, to be with the social movement. So I want to monitor. I want to build the social change. Then I told, what is a good, you know, what should be a good moderator, watcher of the society. My answer was, well, journalist may be good. That is how I became reporter of Okinawa Times. Local newspaper company in Okinawa. I became base issue reporter. Since then I am watching the base issue. That is how I became a reporter.

Passamos a conversar sobre o Forum onde pela primeira vez soube de seu trabalho, ao ouvir, no Havaí, sua palestra e debate, com militares americanos, sobre a presença das bases em Okinawa.

Tomo –I myself, I found very good, good fact from, what, Mr Gregson former US marine commander was saying.

Yoko –He spoke one thing that I never forgot. “Geography is destiny”.

Tomo – Right, why geography is destiny? Oh my God. What century are you living in? Eighteenth century? Oh my God. I am so sorry about that, but you know. At the end of symposium panel discussion I ask him question. I ask him if Japanese government offer you military base where US marine can move to mainland. Would you answer, would you take that offer? The answer of mister Gregson was that there was no proposal from Japanese government. Right. (...) According to mister Gregson, they can move. However, there was no such a proposal from Japan. So technically speaking it was only Japanese government decided it. Okinawa as a host of this US military. It was very interesting symposium for me. Because you know, Gregson is a very key person, I mean he is famous. He said it was Japanese government who decide to put the base in Okinawa. It was interesting.

A trajetória de Tomo Yara é reveladora da dinâmica de tomar consciência da realidade histórica e identitária de Uchinaa ao ter uma perspectiva de fora. Como muitos outros entrevistados, ativamente se empenham em construir as conexões da rede uchinaanchu e, no caso de Tomo Yara, lutar por uma causa para a qual é necessário que seja feita justiça.

III) Capítulo 2 - Panorama institucional fomentando a construção da rede transnacional

As instituições são parte fundamental na construção da rede transnacional uchinaanchu. São elas que fomentam e de fato viabilizam os fluxos de pessoas, conhecimentos e principalmente estabelecem relações não apenas pessoais nas reuniões, mas entre as pessoas e as instituições e mesmo entre as próprias instituições. Compartilhando com Douglas (1986) que as instituições são formadas por pessoas tanto quanto dão forma a estas mesmas pessoas, procedi a um mapeamento do cenário institucional envolvido na construção da rede transnacional uchinaanchu por meio de fluxos, intercâmbios e mobilizações. O grande encontro étnico chamado *Sekai no Uchinaanchu Taikai* é um ritual de integração e afirmação de identidade étnica que ocorre a cada cinco anos em Naha, a capital, e em outras cidades de Okinawa. Em outubro de 2011, na quinta edição do evento, o grupo de bolsistas brasileiros em Okinawa empunhou a faixa escrito em *katakana*¹⁰ ブラジル (Burajiru) e Brazil à frente da numerosa delegação brasileira. Muito significativo é o papel conferido aos participantes dos programas de intercâmbio no cenário da construção da rede transnacional uchinaanchu.

Priorizando as instituições e cenários diretamente relacionados ao fluxo promovido pelos intercâmbios, nesse capítulo trago à análise o papel das associações como instituições privilegiadas posto que efetivam conexões locais em Okinawa, cidades em diversos países e a própria rede transnacional. Por serem as unidades que operam todo o sistema de programas de bolsas, as associações são como as veias por onde passam os fluxos movidos pelos intercâmbios. Os próprios programas de intercâmbios, seus participantes e seu papel na construção da rede transnacional também estão presentes nesta discussão. Exploro igualmente as universidades como o espaço onde de fato os bolsistas desenvolvem suas atividades. Nos próximos capítulos explorarei os espaços artísticos e em seguida os familiares assim compondo um eixo sequencial da tese. Os cenários com que iniciei este segundo capítulo, os grandes eventos *Sekai no Uchinaanchu Takai* e as comemorações do centenário das imigrações okinawana e japonesa no Brasil possibilitam visualizar o

¹⁰ Um dos três alfabetos utilizados na escrita do nihongo, a língua japonesa, juntamente com o kanji, ideogramas, e o hiragana, o silabário fonético. O katakana é utilizado para palavras estrangeiras e nomes próprios.

modo como as instituições e pessoas operam na construção da rede transnacional: por meio de intercâmbios, fluxos e conexões glocais.

1 – Festivais afirmando pertencimento identitário global



Passistas e samba no Uchinaanchu *Taikai*, Naha, 2011

Ribeiro (1999) considera o *Carnaval Parade* de São Francisco, na Califórnia, um grande ritual de afirmação de identidade étnica destinado a reforçar a identidade brasileira no contexto emigratório. No caso uchinaanchu, o *Sekai no Uchinaanchu Taikai* cumpre semelhante papel. Se no *Carnaval Parade* o samba, o conjunto de música, dança e vestimentas (reduzidas) típicas são o eixo condutor das performances, em Okinawa o samba também foi escolhido para simbolizar o Brasil, assim como o hula o Havaí e o tango a Argentina. O caráter transnacional do *Sekai no Uchinaanchu Taikai* se evidencia no desfile das inúmeras delegações, empunhando símbolos nacionais mas todos venerando Okinawa. A intenção de reforçar uma identidade étnica transnacional é evidente na própria existência de um evento cujo objetivo declarado é reunir uchinaanchu vindos dos quatro cantos do planeta. O mesmo protocolo de desfiles organizados em delegações divididas por local e país de origem,

mostrando as conexões glocais que formam a rede transnacional uchinaanchu, foi seguido durante as comemorações do centenário da imigração okinawana no Brasil, realizadas em agosto de 2008. Assim, a descrição de dois grandes e importantes rituais de afirmação identitária permitem visualizar a construção de uma identidade étnica que apesar de híbrida e, em alguns casos, até mesmo fragmentada, nos coloca frente a um vetor fundamental da construção de uma rede transnacional étnica, estabelecida a nível global. Os grandes eventos e intercâmbios promovem fluxos de pessoas, informações, sentimentos e amizade, geram por sua vez a identificação como uchinaanchu que, por sua vez, conecta grupos em diversos e distantes países.

***5th Sekai no Uchinaanchu Taikai*, 第 5 回 世界のウチナーン
チュ大会 outubro de 2011, Naha, Okinawa**



Abertura do evento, plateia no estádio

Com apoio do governo da província, a rede de intelectuais uchinaanchu organiza em Okinawa, desde 1990, um grande encontro chamado *Sekai no Uchinaanchu Taikai*. Trata-se de um festival que ocorre a cada cinco anos e reúne migrantes e descendentes de diversas partes do mundo, além de moradores de

Okinawa. O objetivo é propiciar o intercâmbio e a experiência de compartilhar o “espírito uchinaanchu”. A vasta programação do evento inclui uma *parade*, ou desfile, de todas as delegações representando muitos diferentes países, ou cidades. Todos vão propriamente uniformizados e trazendo símbolos, músicas e danças dos lugares de onde vêm. No evento de 2011, a que estive presente, havia carnaval e sambistas do Brasil, hula e colar de flores do Havaí, chapéu com a estátua da liberdade de Nova York, camisetas com a *Golden Gate* de São Francisco, tango da Argentina, chapéu mariachi do México, canguru, coala, roupas e chapéus tradicionais da Austrália e assim por diante.

Cada unidade administrativa de Okinawa – classificadas em *cho* (cidades) *shi* ou *machi* (povoados) *son* ou *mura* (vilas) – organizou no ano de 2011 eventos paralelos para receber seus descendentes diretos, promovendo a reunião de parentes e conterrâneos, amigos de longa data e novas gerações. De acordo com um *survey* conduzido por Noiri (2009) na edição do festival de 2006, 4.932 pessoas participaram do *IV Sekai no Uchinaanchu Taikai*, vindos de vinte e um países diferentes. Aproximadamente 20% eram provenientes da América Latina. Entre oito e dez mil pessoas atenderam o encontro do *V Sekai no Uchinaanchu Taikai* em 2011.

O *Sekai no Uchinaanchu Taikai* é um evento um tanto controverso. Algumas pessoas o consideram excessivamente turístico e economicamente motivado. Quando fui até a *Kencho* (órgão administrativo do Ken ou província) perguntar sobre o evento, a primeira coisa que a funcionária falou foi: “O Uchinaanchu Taikai movimentou 2.1 bilhões de Yenes para a economia de Okinawa.” Ouvi críticas devido ao fato de que as pessoas que vivem em Okinawa não têm livre acesso ao evento. Mesmo as línguas utilizadas receberam críticas por se tratar de inglês, japonês e espanhol, porém nunca uchinaaguchi, a língua de Ryukyu que está em vias de desaparecer em Okinawa. Petrucci e Miyahira (2009) por outro lado acompanharam e analisaram o esforço de cooperação internacional na administração e planejamento das línguas durante a quarta edição do festival.

Há mais elogios do que críticas ao *Sekai no Uchinaanchu Taikai*, devido a testemunhar o fortalecimento do orgulho de ser uchinaanchu. As pessoas que vivem em Okinawa presenciam e percebem o sentimento que os descendentes dos uchinaanchu que vivem em outros países ao redor do globo têm em relação à ilha. Ao demonstrar a verdadeira paixão pela cultura okinawana, língua, tradições, memória, raízes e sua herança cultural, os uchinaanchu *overseas* ajudam a resgatar o orgulho da

identidade em Okinawa. Durante o *Sekai no Uchinaanchu Taikai* se percebe claramente a identificação, primeiramente, como uchinaanchu, após esta aparece a referência ao Estado Nação em que se reside. Esta prioridade de pertencimento identitário é uma das principais características das pessoas que nesta pesquisa considero serem スウパウチナアンチュ *suupa uchinaanchu*. O *Sekai no Uchinaanchu Taikai* mostra um vívido e intenso fluxo de pessoas, informações e amizades que cruza oceanos e continentes através de muitos países. A rede transnacional está sendo construída devido a um esforço intenso, planejado, orientado, intencional e direcionado de conectar um fluido tecido de relações e amizades por meio do chamado espírito uchinaanchu ou *mabui*. Este é imprecisamente definido como a amizade que atravessa gerações, solidariedade entre os *shimanchu* (conterrâneos) demonstra companheirismo como na expressão *ichariba choode* (ao nos encontrarmos somos irmãos). O espírito uchinaanchu é experimentado intensamente e é considerado uma força, um algo a mais, em sentido análogo ao de quando Mauss (1923) fala do *hau*, que age para agregar os sentimentos e reconhecimento mútuo de pertencimento étnico e identidade compartilhada. A realização deste grande evento, o *Sekai no Uchinaanchu Taikai* nos mostra a materialização dos esforços em construir uma rede transnacional.

Centenário da Imigração japonesa e okinawana no Brasil, junho e agosto de 2008, Brasília, Diadema e São Paulo

Tendo me dedicado a pesquisar outros tópicos da diáspora japonesa previamente (Nitahara Souza, 2004 e 2009) pude perceber a existência de uma fluida e dinâmica rede transnacional uchinaanchu que distinguia esta comunidade entre os *nikkey* (nipodescendentes fora do Japão). Ressaltei os contrastes identitários construídos entre “japoneses” e “uchinaanchu” realizando pesquisa de campo na Associação Okinawakenjinkai em Vargem Bonita – DF e nas comemorações do centenário da imigração Japonesa (junho de 2008) e Okinawana (agosto de 2008), em São Paulo.

Participei e assisti a inúmeros eventos ligados às comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, como exposições, lançamento de moeda e selo comemorativo, a visita oficial do príncipe Naruhito, com direito a passar em revista o batalhão da guarda presidencial, subir a rampa do Palácio do Planalto, ser recebido na

Câmara dos Deputados em Brasília e participar do desfile no sambódromo do Anhembi em São Paulo. Acompanhei as duas comemorações realizadas em São Paulo, em junho e agosto de 2008. No Anhembi as apresentações japonesas como *kendo*, *judô*, *odori*, *taiko*, *radio taisso*, foram permeadas com algumas atrações Okinawanas como *odori* com o *kimono* estampado de *bingata* (tradicional e colorida técnica de stêncil) e o chapéu imitando a flor de lótus em ondas do mar, *taiko* okinawano, e o chamado *sousako eisa* uma versão modernizada do *eisa*, onde os tambores são tocados amarrados ao corpo ou seguros pela mão em meio a coreografias enérgicas e vigorosas, enquanto o *taiko* japonês é apoiado e fixo.

A chegada de japoneses e okinawanos ocorreu no mesmo navio Kasato Maru que atracou no porto de Santos em 18 junho de 1908. Mesmo assim, os okinawanos fizeram questão de realizar um grandioso evento, separadamente dos demais *nikkey* brasileiros, ou japoneses e seus descendentes fora do Japão. Além de apresentações musicais como *sanshin* e *koto*, de dança *odori*, inclusive uma coreografia criada especialmente para a ocasião do centenário, foi encenada no Centro Cultural Okinawa Brasil em Diadema, grande São Paulo, uma peça teatral narrando a saga de um século de imigração okinawana no Brasil. A peça se encerrou emblematicamente com o leão *shishimai* em cena juntamente com o bumba meu boi. Ocorreu um grande desfile de todas as delegações, algumas surpreendentemente numerosas, que haviam vindo de lugares distantes como Okinawa, Havaí, Peru, Bolívia, Estados Unidos, Argentina e outros estados brasileiros.

As viagens para participar deste tipo de comemoração são frequentes entre os Okinawanos. E são feitas por representantes oficiais. Por exemplo, recentemente o governo de Nago enviou seu prefeito e uma delegação para participar do centenário da Imigração okinawana em Campo Grande. A associação de amigos do Brasil em Okinawa, já em 2014, se mobilizava, com apresentações teatrais no *shimin kaikan*, o centro comunitário de Naha, a fim de arrecadar fundo para as visitas deste centenário em Campo Grande. É com orgulho que muitos *uchinaanchu* com quem conversei, no Havaí e em Okinawa declaram que estiveram no Brasil para as comemorações do centenário da imigração okinawana.

Participação e identidade globalizada

Em “Razão e afetividade, o pensamento de Luciën Lévy-Brühl”, Cardoso de Oliveira (2002) mostra que o pensamento místico e afetivo, ou pré-lógico, como dizia Lévy- Brühl (1910, 1927), e o pensamento racional coexistem, na modernidade, em diversas sociedades. Concordando com Cardoso de Oliveira (2002), creio que a idéia de espírito uchinaanchu pode ser considerada um exemplo de “mentalidade”, claro que não exatamente primitiva, mas que certamente não se enquadra como um pensamento racional, ocidental e individualista. A representação coletiva do espírito uchinaanchu envolve elementos como a distância geográfica e sentimental. Como já ouvi de um senhor *nisei*, “Okinawa é um lugar do qual sinto saudades sem nunca ter estado lá”. A diáspora com a efetiva dispersão de uchinaanchu em diversos e distantes países, ao invés de fragmentar as comunidades uchinaanchu, ampliou o alcance geográfico da rede de relações a nível global.

Os exemplos de eventos que descrevi anteriormente são apenas alguns dos promovidos pela rede transnacional. Praticamente toda associação (veja a próxima seção) tem um calendário próprio que inclui comemorações, como o dia das mães e o ano novo, e eventos abertos a todos. A dimensão dos eventos abertos tem se ampliado a cada dia. Por exemplo, o Festival Okinawa da associação de Vila Carrão, zona Oeste de São Paulo, que acontece anualmente, em 2015, obteve um aporte maior por se inserir nas comemorações de 120 anos do Tratado de Amizade Brasil Japão. Assim recebeu bandas internacionais como o Begin, que fez uma parceria com a dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó, e declarou que suas visitas ao Brasil estão ensinando aos membros da banda o verdadeiro espírito uchinaanchu. O mesmo argumento é utilizado para enaltecer o *Uchinaanchu Taikai*. Os festivais e eventos dos uchinaanchu constituem-se em produtos e produtores das conexões afetivas geradas pela participação na rede transnacional.

A participação, segundo Levy-Bruhl (1927), atua nas conexões afetivas que constituem as representações coletivas. No caso da rede transnacional uchinaanchu a participação nos eventos e associações é tida como pilar de sua identidade compartilhada globalmente. Claro que é preciso considerar que existem muitos uchinaanchu que não se inserem em associações, que não frequentam os eventos, não postulam participação em programas de bolsas. Isso não significa afirmar que não se identifiquem como uchinaanchu; muitas vezes seguem com práticas domésticas como

totome, o templo familiar. No entanto, no que diz respeito a estas pessoas e ao escopo da etnografia, não foi possível entabular nenhuma conversa sistemática.

O modo como ocorre a participação ativa na construção de uma identidade globalizada repousa sobre a habilidade em estabelecer conexões e redes de relações, fomentada e cultivada ao longo de séculos pelos *uchinaanchu*. A comunicação e o entendimento, mesmo em momentos de acalorados desacordos, passam pela via da afetividade. Os grupos de amigos que constituem as *okinawakenjinkai*, formando uma rede complexa de instituições, organizam eventos e festivais grandiosos, rituais de integração que, como disse, são produtos e produtores das conexões afetivas geradas pela participação e compartilhamento do espírito *uchinaanchu*.

2 – Associações, os nós de uma rede transnacional

**Brasil - AOKB – Associação Okinawa Kenjin do Brasil -
Liberdade, São Paulo, SP, e CCOB - Centro Cultural Okinawa Brasil
- Diadema, SP**

É intensa a promoção, pelas associações, internamente à rede étnica *uchinanchu*, do fluxo de conhecimentos variados, das artes à culinária, além da exposição de artesanatos, material fotográfico, objetos de memória, caligrafia e edição de livros comemorativos. Dentre as associações nipo-brasileiras por *ken*, as quarenta e sete províncias japonesas, muitas estão desarticuladas, perdendo oportunidades de obter bolsas por falta de candidatos. A existência das associações é utilizada pelos *uchinaanchu* para ilustrar sua maior união comparativamente aos demais nipo brasileiros. Mas comumente se agregam os japoneses de determinada região e cidade no Brasil, e não raro, cito aqui o exemplo de Londrina, Vargem Bonita e Campo Grande, duas associações atuam paralelamente, uma exclusivamente de okinawanos, e outra de nipo brasileiros em geral. São Paulo possui uma quantidade maior de associações de *uchinaanchu*, em muitos bairros, chamados *shibu* ou *honbu*.

A preparação das festas, os bastidores das apresentações, os treinos do *taiko* (tambor, carregado junto ao corpo ou nas mãos, tocado em coreografias), oficinas de *odori*, os ensaios de *sanshin*, a aprendizagem das receitas e a preparação dos pratos típicos para as festas são permeados por um intenso e constante fluxo de conhecimentos específicos e de pessoas que ocorre na rede formada pelas associações étnicas, as *Okinawakenjinkai*. Para além das festas as associações são espaços onde

ocorrem aulas de língua, cultura, artes, artesanatos, danças e esportes, cotidianamente.

No caso de Brasília, as atividades do grupo de *taiko* contaram com a iniciativa de unir esforços dos associados para pagar a vinda de um *sensei* (professor) vindo de Campo Grande. As *Okinawakenjinkai* e associações *shi cho son* (unidades administrativas relativas às cidades, vilas e vilarejos de Okinawa, ou *city, town and village*) se constituem em espaços privilegiados de efervescência e ufanismo cultural, bem como de transmissão de conhecimento. Juntamente com as instituições acadêmicas universitárias no Havaí e em Okinawa, administram a seleção de bolsistas a serem enviados em intercâmbio. Participar ativamente nas associações é condição imprescindível para ser contemplado com uma das bolsas, o que revela uma curiosa relação entre as gerações. Os quadros de diretoria das associações são setorizados, existe o *fujinkai*, das mulheres ou *obasan* e o *seinenkai* dos jovens, cada um com seu representante, no entanto as decisões se concentram mesmo nas mãos dos *ojisan*. *Ojisan* é tio, *ojiisan* é o avô, *obasan* é tia, *obaasan* avó. Voltando à questão geracional, ouvi de uma pessoa que sua irmã, para conseguir uma bolsa, bajulou em excesso os *ojisan* responsáveis pela seleção dos bolsistas. Por outro lado, ouvi de uma senhora cujo pai teve um papel preponderante na formação das associações okinawanas e estabelecimento das bolsas de intercâmbio, que seu pai jamais admitiu que seus filhos usufríssem destas bolsas, o que pelo seu tom, ela gostaria que tivesse acontecido, citando famílias inteiras contempladas.

Juntamente, a AOKB – Associação Okinawa Kenjinkai do Brsail e seu CCOB – Centro Cultural Okinawa Brasil promovem inúmeros eventos como o concurso Miss *Ryusso* (cuja vencedora ganha passagens para Okinawa), festivais, festas em datas comemorativas, concursos musicais, shows. São também responsáveis pela edição, compilação e publicação de uma grande coleção de livros que são distribuídos entre os associados. Destaco os comemorativos, como os dos 80 anos da imigração, do centenário da imigração okinawana no Brasil e outros de fotos e genealogias das famílias okinawanas no Brasil. Tais livros se constituem em fonte de inúmeras e diversas informações sobre a história da migração okinawana e seus atores.

Ouvi muito, de diferentes pessoas, que as associações seriam espaços de convivência da comunidade *nikkey* em diversas regiões do Brasil cujo objetivo principal seria proporcionar a formação de novas famílias *nikkey*. A pesquisa de Kubota (2015), sobre os casamentos na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, revela que há mais casamentos entre *nikkey* “japoneses” e não descendentes

comparativamente a casamentos entre *nikkey* “japoneses” e descendentes de okinawanos. A continuidade das tradições, entre elas o casamento entre uchinaanchu, pode ser declarada ou velada no ambiente das associações, mas sempre é percebida, mesmo sendo pessoalmente negada. Frases como “meus pais não, são mais liberais, mas existe uma pressão para casar com uchinaanchu” são comuns.

HUOA – *Hawai United Okinawa Association, Waipahu, Hawai*



Os dois prédios do HUOA, Waipahu, Oahu, Hawai, Março de 2013

A consideração da HUOA – *Hawaii United Okinawan Association* oferece uma perspectiva de outro locus no qual se articula uma comunidade uchinaanchu atuante na construção da rede transnacional. Nesse estado americano de maioria asiática e de aproximadamente um milhão e trezentas mil pessoas, cerca de cinquenta mil são uchinaanchu. Ao chegar no *Hawaii Okinawa Center*, me dirigi ao prédio maior que estava mais próximo da entrada. Fiquei surpresa ao me ver em meio a um evento de treinamento da Swat, da polícia americana. De fato, a HUOA é criticada, em redes sociais em diversos aspectos. Ouvi críticas em conversas informais também, relacionadas principalmente a fatores econômicos como a solicitação de recursos

financeiros, a exemplo da construção da sede, posteriormente a construção de um prédio maior e para a realização de eventos e viagens constantes.

A fundação da HUOA relaciona-se ao envio de porcos a Okinawa o que se representa no símbolo da associação com dois porcos, um branco e outro preto, abraçados. Trata-se do fato de terem sido enviados do Havaí para Okinawa porcos brancos, no entanto, em Okinawa, somente se conhecia porcos pretos. Hoje em dia, nos cardápios há um termo específico que diferencia o porco preto, que também é menor, mas de sabor mais intenso. Assim os pratos típicos de Okinawa como o 沖縄そば Okinawa Soba e mesmo pratos trazidos de fora como o カレ Kare (de *curry* カレライス *kareraisu* de *curry and rice* é um prato consumido quase diariamente em todo o Japão, principalmente no inverno) trazem adicionalmente o termo トンカツ *tonkatsu* para especificar tratar-se do porco preto, nativo de Okinawa.

Reproduzo a seguir uma postagem em uma rede social que mostra a centralidade do envio dos porcos em como os okinawanos se pensam no Havaí. Trata-se de uma crítica não direcionada à HUOA, mas de maneira ampla ao modo como Okinawa tem sofrido intenso desempoderamento. Decisões autoritárias estão sendo tomadas à revelia da vontade e direito dos uchinaanchu. E algumas pessoas dentre os okinawanos do Havaí fazem duras críticas aos seus pares que se remetem sempre à alegria e musicalidade de Okinawa, mas se negam a discutir as questões políticas envolvendo a situação de dominação colonial que o arquipélago vive.

Okinawa 911, November 16, 2011 at 10:45pm

Okinawa still suffers prejudice, economic struggle, and no voice in decision making. Okinawa still being colonized by both. Upon speaking with friends, they mentioned Hawaii did not show concern for Okinawa's current issues and problems. I would like to ask those of you who can, to please support our brothers and sisters in Okinawa. It's the least we can do for everything Okinawa had given to us. Some will say..."Well, we did a lot for them during the war, and we sent the pigs". No, "we" didn't send the pigs. Our grandparents/greatgrandparents did. They were punished for being Okinawan. U.S. is putting pressure on Japan, without consideration to the vote and decision of the Okinawa people.

A publicação bilíngue na rede social fez uma referência direta ao atentado de 11 de setembro de 2001 no título. Muitas medidas não democráticas tomadas na época após o atentado das Torres Gêmeas levaram a um aumento das discussões em torno da segurança e democracia e permaneciam rondando Okinawa. Em meio a pressões

políticas, o novo governador de Okinawa se dirigiu a Washington em maio de 2015 para solicitar que parem a construção da nova base. Em seu trajeto, passou pelo Havaí, onde buscou apoio dos uchinaanchu que ali vivem. Assim o governador foi recebido no HUOA para uma fala. No entanto houve nas redes sociais expressões de descontentamento com instituições no Havaí, algumas okinawanas, que impediram a exibição de cartazes e símbolos de apoio ao governador e contra a construção da nova base em Henoko. Mesmo sendo considerada uma embaixada de Okinawa no Havaí, a HUOA não se permite tomar posicionamentos políticos abertamente, principalmente quando dizem respeito a críticas ao governo americano.

WUB - Worldwide Uchinaanchu Business Association

Já a WUB, *World Uchinanchu Business Association* foi formada no Havaí em 1997 por iniciativa de Bob Nakasone, nascido naquele estado americano. Nakasone relatou que na primeira edição do *Sekai no Uchinaanchu Taikai*, o grande encontro étnico realizado em Okinawa a cada cinco anos a partir de 1990, o grupo lhe comunicou o interesse em desenvolver uma rede de negócios a nível mundial. Atualmente existem 22 grupos de comerciantes e empresários interligando diversos países como Japão, Estados Unidos, Brasil, Peru, Bolívia, Argentina. Conversei com pessoas que participam da WUB, além do seu fundador Bob Nakasone, com o atual presidente do WUB no Havaí, Jon Tassato, Daniel Chinen responsável pelo sítio de internet *uchinaanchu.net* e a engenheira agrônoma Liana Sayuri Nakahodo, brasileira que teve sua participação no APLP – *Asia Pacific Leadership Program* financiada por bolsa da WUB.

A conversa com Bob Nakasone girou em torno das instituições em que participa e do programa de bolsas no qual trabalha, todos ligados diretamente à conexão entre Okinawa e Havaí. Seu relato é uma clara demonstração de como as pessoas são moldadas por instituições ao mesmo tempo que as constroem (Douglas, 1986). Sua trajetória de vida se mostra intrinsecamente ligada às instituições okinawanas no Havaí, mais do que isso, sua notoriedade na comunidade uchinaanchu reside em sua habilidade de articulador, como homem de negócios.

O relato de Nakasone também ilumina o modo como a rede *uchinaanchu* foi sendo montada, a partir de unidades pequenas, os grupos unidos de acordo com suas origens, *shimanchu*. O *son*, traduzido por vila ou *mura* em japonês possui um sentido

agregador diferente de sua tradução ocidental de mera unidade geopolítica. *Mura*, inclui um sentido semelhante ao de família extensa, pois trata-se de vilas cujas terras são propriedade das mesmas famílias por longo tempo, assim praticamente todos os moradores se tornam parentes em alguma medida. Na sua fala fica claro o modo como a construção da rede transnacional uchinaanchu é visualizada por Nakasone, iniciando em suas famílias, reunindo-se com conterrâneos, passando pelos Estados nacionais até atingir a rede em diversos países. Ele utiliza a imagem de algo semelhante a uma esponja, com um centro nítido em Okinawa, e o termo *soroo*, do japonês 揃う cuja tradução no aplicativo *Imiwa?* é reunir-se, tornar-se um conjunto completo, juntar ou unir, ou *ensemble* em inglês.

De acordo com Nakasone, em 2006 a WUB decidiu ampliar sua atuação para as áreas de educação e cultura ante a necessidade de desenvolver a rede, no que chama de contexto de diversos países, e agregar estas pessoas. Aqui se destaca o *East West Center*, da Universidade do Havaí, uma instituição educacional de pós graduação fundada em 1960. Com bastante orgulho, Nakasone aponta que enquanto Okinawa esteve sob administração americana, seu governo enviou cerca de quatro mil pessoas para estudar nos Estados Unidos da América. Ele deixa explícita sua frustração ante o fato que Okinawa se torna, em 1972, “apenas” mais uma entre as quarenta e sete prefeituras do Japão. No momento da reversão de Okinawa ao Japão, o envio de estudantes de Okinawa para os Estados Unidos, e para o *East West Center* especificamente, diminuiu drasticamente.

Em 1999, a instituição estabeleceu o *Obuchi Program* para receber bolsistas de Okinawa. Entre os anos 2000 e 2014, foram cerca de cinquenta participantes nos programas de pós-graduação da Universidade do Havaí recebidos pelo *East West Center*. Nakasone é o responsável por este programa atualmente. Ele também mencionou outro programa, resultado de uma parceria entre a WUB e o *East West Center*: o APLP – *Asian Pacific Leadership Program*. Este programa recebe residentes de diversas ilhas do Pacífico, como Samoa, Polinésia, Taiwan, e mesmo de países continentais banhados pelo Oceano Pacífico, como China, Índia, Coréia, Tailândia, Vietnã. A WUB financia a participação de um candidato selecionado entre a rede uchinaanchu transnacional, ou seja, com ascendência okinawana, mas nascido fora de Okinawa. Atualmente, Nakasone é o presidente internacional da WUB, seu articulador. Em sua fala é bastante notável a idéia de crescimento da rede okinawana a

partir das famílias e vilarejos atingindo conexões a nível global. Ao falar da construção da rede entrelaçou os dedos em contraposição à idéia de pontos interligados linearmente.

Nakasone revela, claramente, uma identidade híbrida e fragmentada. Se por um lado, toda sua trajetória está relacionada à sua habilidade de estabelecer conexões com Okinawa e entre os uchinaanchu “*overseas*” na rede de negócios, por outro lado, sua fidelidade ao projeto nacional americano é clara e declarada. Em nossas interlocuções, foi bastante ríspido e negativo ante minha pergunta quanto a possibilidade de Okinawa se tornar um país livre. Foi taxativo: “it’s impossible”. Em uma reunião preparatória para o *III Uchinaanchu Talk Story*, ante a apresentação dos dados de crimes cometidos pelos americanos em Okinawa, retrucou: “and the Okinawan, they don’t commit crimes?” Afirma com veemência a dependência econômica completa de Okinawa em relação aos Estados Unidos e principalmente ao orçamento militar. Há opiniões controversas com relação a Nakasone, especialmente críticas quanto a seus posicionamentos políticos relacionados à presença das bases militares em Okinawa à sua proximidade com relação aos interesses militares americanos.

Nakasone é considerado um habilidoso homem de negócios e grande articulador da rede de negócios étnica WUB. É admirado por muitos okinawanos e revelou ter de fato uma extensa rede de relações. Contudo se considerarmos a missão constante no sítio de internet do *East West Center*, vemos que ele se esforça em ser coerente com sua instituição e fortalecer o crescimento da proeminência americana na região do Oceano Pacífico, na Ásia.

The East-West Center promotes better relations and understanding among the people and nations of the United States, Asia, and the Pacific through cooperative study, research, and dialogue. The Center’s 21-acre Honolulu campus, adjacent to the University of Hawai’i at Mānoa, is located midway between Asia and the U.S. mainland and features research, residential, and international conference facilities. The Center’s Washington, D.C., office focuses on preparing the United States for an era of growing Asia Pacific prominence.

<http://www.eastwestcenter.org/about-ewc/mission-and-organization>

WYUA – *Worldwide Young Uchinaanchu Association*



Reuniões onde se criou a WYUA, Ginowan, 2011

Esta Associação foi fundada em 2011 durante o *V Sekai no Uchinaanchu Takai*¹¹ em reuniões com os representantes dos *seinenkai*, os jovens das associações *okinawakenjinkai* de diversos países e cidades como Brasil, Argentina, Bolívia, Havaí, Peru, Londres, São Francisco, China, Taiwan, Guam. Minami Tamamoto, presidente da WYUA, constantemente aparece na mídia, nos jornais *Okinawa Times* e *Ryukyu Shinpo*, bem como em reportagens de televisão. Costuma intervir com falas e perguntas em eventos públicos, como o discurso no próprio *Uchinaanchu Taikai* e em palestras sobre as colônias Okinawa 1, 2 e 3 na Bolívia. É muito atuante, mantendo atualizadas as páginas nas redes sociais, tanto a sua pessoal como as das comunidades do WYUA, onde foram postadas inclusive as comemorações do primeiro casamento entre jovens pertencentes à associação.

¹¹ Os grandes encontros, a cada cinco anos realizado em Naha com o objetivo de que os uchinaanchu que vivem fora de Okinawa tenham uma oportunidade de conhecer a terra de seus ancestrais e principalmente reconectar com seus conterrâneos.

Com apoio da prefeitura de Okinawa e articulada aos programas de bolsas, que envolvem em sua grande maioria jovens, a idade limite para participar é 34 anos, Minami é de fato o rosto jovem da rede transnacional uchinaanchu. Minami considera que o despertar de sua identidade uchinaanchu se deu em uma viagem à Austrália. É conhecido de muitos dos integrantes do WYUA o relato sobre um acontecimento enquanto Minami fazia intercâmbio, estudando na Austrália. Foi interpelada por japoneses que afirmaram que seu rosto, cabelo, nada, eram japoneses. Esta recusa em ser vista como japonesa foi seguida de uma busca de suas origens e da história de Okinawa. De fato, há um tipo de fala que denota um certo revanchismo, do tipo “agora vocês vão ver o que é ser uchinaanchu”, e que ao mesmo tempo é carregada de orgulho étnico. Com muitos dados e fotografias, os relatórios sobre todas as reuniões anuais realizadas desde 2011 são organizados e arquivados em seu computador e exibidos com orgulho. Minami mantém um vínculo estreito com a WUB e a prefeitura da província de Okinawa. Assim frequentemente vai a reuniões com estas instituições que apoiam os encontros e programas de intercâmbio dos jovens uchinaanchu. Por exemplo acompanhou a delegação que veio ao Brasil em 2016 para promover o VI *Sekai no Uchinaanchu Taikai* a se realizar em outubro de 2016.

Após sua experiência na Austrália, Minami retornou a Okinawa com a idéia de constituir uma rede entre os jovens okinawanos dispersos pelo globo. Afirma que todo e qualquer okinawano tem parentes próximos vivendo em outros países. Porém estava preocupada sem ter certeza se os okinawanos e descendentes aceitariam bem a ideia. Assim, propôs a realização de reuniões paralelamente aos eventos do Quinto *Sekai no Uchinaanchu Taikai*, o grande encontro étnico realizado a cada cinco anos em Okinawa. O nome dado às reuniões me chamou atenção, era como um chamado a estabelecer uma rede internacional para as futuras gerações. Assim, priorizei participar destas reuniões capitaneadas por Minami. A sistemática das reuniões envolve uma rodada de apresentações e falas, no caso de representantes dos *seinenkai*, seguida de uma subdivisão em mesas que pensam em propostas para determinado tema. Escrevem em *post it* que colam em grandes folhas de cartolina, com a atuação dos chamados *facilitators*, pessoas treinadas para dinamizar as discussões e sistematizações nesta etapa. No caso das reuniões de outubro de 2011, as discussões giraram em torno da construção de uma rede internacional de jovens. Assim surgiu a proposta de criação da WYUA como uma instituição para iniciar as atividades de conexão entre os jovens, chamada por eles de *networking*. Surgiram inúmeras sub-

propostas como a produção de vídeos e sítio de internet, além de realizar um encontro anual, pois consideram os cinco anos de intervalo do *Sekai no Uchinaanchu Taikai* demasiadamente longo para os jovens. Após cada grupo apresentar suas propostas, elas são reagrupadas em um grande painel, então fotografados e sumarizados por Minami.

As viagens de intercâmbio existem em diversas modalidades e duração. Existem as de curta duração, como o *Junior Studies*, onde um grupo de cerca de 15 jovens, vindos de diferentes países onde há expressiva comunidade uchinaanchu, visita Okinawa por 10 dias. Nos intercâmbios *kenshusei*, a modalidade de bolsa oferecida pelas unidades administrativas, pequenas vilas e até bairros, chamados *shi cho son*, ou unidades administrativas de Okinawa, a duração varia de dois a oito meses. As bolsas *kenpiryugakusei* duram um ano. Na reunião de fundação da WYUA, muitos dos jovens que já se engajavam nas associações haviam participado em um ou mais dos programas de intercâmbio. De fato, a maioria deles é pensada e patrocinada pela administração em Okinawa em conjunto com as associações em diversos locais do globo com o objetivo de incentivar a juventude a conhecer e aprofundar seus sentimentos acerca de suas raízes, fazê-los conhecer e conviver com os amigos e parentes de seus *oji* e *oba* (avôs e avós), saber de onde vieram e como se vive em suas vilas ou *son*. Desta maneira, foi acolhida com muito carinho e apoio a iniciativa da criação da WYUA por parte das associações, como dizem, *seniors*, como a WUB e as *okinawakenjinkai* de vários países com o incentivo da prefeitura da província de Okinawa.

Rede transnacional de instituições, conexões locais.

Apresentei uma pequena quantidade de instituições como exemplos, caso se considere a extensa lista de associações formadas pelos uchinaanchu. Tanto a AOKB quanto a HUOA se constituem em uma espécie de confederação de associações. Na sua maioria são associações de acordo com a origem *shi cho son* (unidades administrativas ou cidades, vilas e bairros) e associações que reúnem os okinawanos e seus descendentes de acordo com a região em que vivem. Há também associações como o *Genealogy club*, que tem por objetivo conectar familiares, mesmo distantes, e resgatar as memórias dos migrantes.

A diversidade das associações okinawanas vai desde aquela que agrega os *uchinaanchu* a partir das menores vilas cujos emigrantes e descendentes formam associações *alhures*, a associações de âmbito mundial que agregam interesses em comum, como os negócios ou a preocupação em manter as relações entre Okinawa, seus emigrantes e descendentes ou, ainda, despertar o espírito *uchinaanchu* nas novas gerações. Há associações ligadas a tragédias, caso da chamada 306 (*san, maru, roku*) em referência à data, 30 de junho de 1959, em que um caça caiu sobre a escola primária de Miyamori. Produzem farto material sobre a tragédia para evitar o apagamento da memória e também lutam pela retirada das bases. Ou mesmo a independência de Okinawa é tema da ACSIL (Associação de Estudos Compreensivos para a Independência de Lew Chews, antigo nome do reino dado pelos chineses, em referência aos leques utilizados na dança *odori*, sendo o nome Ryukyu uma pronúncia adaptada ao silabário japonês deste antigo nome) cujo objetivo é criar condições políticas, econômicas e principalmente fundiárias, no sentido de desocupar efetivamente a área das bases nas ilhas e definir as fronteiras de seus mares territoriais ante a ONU Organização das Nações Unidas. A ACSIL almeja ter um país independente, sob alegação de ser um povo indígena destituído do poder de decidir sobre seu próprio futuro e território.

O associativismo pode ser considerado uma prática tradicional e amplamente realizada. Em cidades fora de Okinawa, como Osaka e Tóquio, existem os chamados *ryukyukan*, que remetem ao nome dos pequenos escritórios ou embaixadas que o reino de Ryukyu mantinha nas cidades onde realizava comércio e visitas oficiais como Fukien, na China, e Málaca. Por se tratar de um arquipélago com inúmeras ilhas, cerca de sessenta, a mobilidade marítima sazonal e laboral há muito tempo é, como sabemos, vivenciada pelo *uchinaanchu*. Anteriormente ao início da saída propriamente dita, registrada em 1899 para o Havaí, havia os fluxos migratórios e a consequente prática associativista entre os chamados *shimanchu*, migrantes saídos de pequenas ilhas que se mudavam para a ilha principal Okinawa e ali mantinham seus vínculos de amizade e solidariedade.

Cada vila ou bairro possui uma associação de moradores com as divisões entre homens, mulheres (*fujinkai*) e jovens (*seinenkai*). Os rituais comunitários como o *obon* em agosto, quando se acredita que durante três dias os mortos visitem os vivos, contam com todas as divisões das associações em tarefas específicas. As mulheres preparam os alimentos, rezam, recebem entidades e preparam seus templos

domésticos, cuidam em frequência rigidamente determinada dos *totome* ou *butsudan*. Os jovens executam as coreografias do *eisa* passando pelas ruas do bairro, garotos tocam *taiko* e garotas dançam *teodori* (te traduz-se por mão). As associações de moradores de bairros, cidades, vilas e ilhas são chamadas *shiminkaikan*. Em cidades maiores como Nago, Okinawa, Naha, Uruma, as *shiminkaikan* comportam amplos e confortáveis auditórios, bibliotecas, museus e centros culturais junto a espaçosas praças, campos, quadras esportivas e ginásios, acolhendo uma grande variedade de eventos de dança, musicais, esportivos, acadêmicos e políticos. Participam ainda de um intenso fluxo com conexões diretas com as *shi cho son jinkai*, ou associações por cidades, vilas e bairros. Envia grupos em viagens de estudo que percorrem várias destas *shi cho son jinkai* em países da América do sul, por exemplo em várias cidades do Brasil, Argentina, Bolívia e Peru em uma única viagem de visitas para conectar, ou, segundo suas próprias expressões, para fazer *networking* ou *soroo*. Também recebem um grande número de bolsistas por meio do programa de bolsas *kenshusei* que manejam e dos quais têm muito orgulho.

Ao funcionar como um canal que conecta os inúmeros e dispersos grupos, a rede de instituições, as associações conformam um sistema por onde fluem conhecimentos, informações, relações, afetos, materiais, receitas, alimentos, bebidas e, claro, pessoas. Ou seja, a rede de instituições *uchinaanchu* fazem fluir recursos propriamente relacionais como afirma Lemieux (1999). As conexões gloais são de fato possibilitadas pelos fluxos promovidos e efetivados por e através da rede de associações étnicas *uchinaanchu* ao redor do globo.

3 – Programas de intercâmbio – construção da rede transnacional por meio de fluxos

Os programas de intercâmbio envolvendo Okinawa e os países onde a comunidade *uchinaanchu* é expressiva se revelaram enquanto um pilar fundamental na construção da rede transnacional *uchinaanchu*. Um fato que salta aos olhos é a existência dos programas de intercâmbio específicos dos vilarejos, mais conhecidos como *son*, a menor unidade geopolítica da divisão do espaço em Okinawa. A origem no mesmo *son* define quem são os *shimanchu* ou conterrâneos. Ao conferir à dinâmica de pessoas um sentido de pertencimento étnico e busca por suas raízes ancestrais, os inúmeros programas de intercâmbio logram efetivamente (re) conectar

pessoas que representam comunidades e trajetórias ligadas de algum modo à Okinawa. A permanência dos programas promovidos pelas administrações dos *son* ou vilas com as chamadas *sonjinkai*, as associações dos *shimanchu*, mesmo no Japão é sempre exaltada em oposição ao fato de que muitas bolsas oferecidas para outras *kenjinkai*, as associações por *ken* (províncias), não são usufruídas.

A viagem de intercâmbio é um momento de realização de um sonho, de forte sentimentalismo, relatado como o despertar da identidade do bolsista. As conexões estabelecidas se dão não somente com os parentes, mas principalmente com a rede transnacional *uchinaanchu* que assim constrói a si mesma, se reproduz e expande. O mais importante é que estas conexões não se encerram com o retorno dos participantes nestes programas de intercâmbio ao seu lar. Este retorno não representa uma ruptura com a rede *uchinaanchu*, ao contrário, o sentimento declarado por muitos dos bolsistas é de querer retribuir no fortalecimento desta rede transnacional. Portanto os fluxos de bolsistas entre países que formam a rede *uchinaanchu*, entre eles e destes com Okinawa, principalmente, possibilitam um acúmulo de conhecimentos específicos tanto artísticos como linguístico, históricos e culturais. Mais do que isso, os fluxos por meio de intercâmbios impulsionam um sentimento de identificação e integração em uma comunidade imaginada (Anderson, 1983) forjada a nível transnacional.

***Urizun* e Associação Brasileira de Ex-bolsistas de Okinawa e ASEBEX**



Urizun no desfile que antecede a abertura do Uchinaanchu *Taikai*, outubro de 2011

Urizun é o nome do clima e vento da primavera, em março, que é marcado pelo *Hina matsuri*, o festival das meninas, quando se montam e expõem coleções de bonecas. Mesmo sem ter relação com o gênero, acabou sendo questionada em Okinawa se seria uma associação apenas de mulheres devido ao nome. *Urizun* reúne tanto os bolsistas *kenshusei* (promovidas pelas *shi cho son* ou cidades, vilas e povoados) como os bolsistas *kenpiryugakusei* (bolsa oferecida para os descendentes dos 47 ken ou províncias que formam o Japão), especificamente de Okinawa, que realizam todas as suas atividades na sede da AOKB – Associação Okinawa *Kenjin* do Brasil, no bairro da Liberdade em São Paulo, capital. A *Urizun* atua sempre nos grandes eventos okinawanos trazendo exposições e palestras sobre história, cultura e a própria experiência dos bolsistas.

A *Urizun* completou 20 anos de sua fundação com um jantar em junho de 2015. Em agosto, durante o festival Okinawa de Vila Carrão (zona Oeste de São

Paulo) ocorreram palestras com os ex-bolsistas Celso Shiroma – “Morre Ryukyu e nasce a província japonesa de Okinawa” e Karina Satomi – “A Batalha de Okinawa ainda não acabou”. A então presidente da *Urizun*, Aurora Nakati, juntamente com Luzia Teruya, também ex-bolsista que atualmente trabalha na sessão de intercâmbios da administração da província ou *kencho*, representaram o Brasil no encontro do WYUA (associação mundial de jovens uchinaanchu) 2015 em Manila, Filipinas.

Karina Satomi foi um contato de fundamental importância junto aos bolsistas. Em 2016 foi eleita presidente da *Urizun*. Em Okinawa Karina convidou-me, confirmando com seu *tantoucha*, ou responsável chamado Goya, para as reuniões preparatórias do *daidousoukai* (grande evento que reúne participantes de vários programas de intercâmbio) que passei a acompanhar. Formada em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, Karina postulou a bolsa *kenpiryugakusei* afirmando seu desejo de pesquisar sobre a presença das bases militares e as marcas da guerra. Tal tema de pesquisa se havia consolidado anteriormente, quando havia sido contemplada pela bolsa *kenshusei* pela cidade de Kadena, onde hoje praticamente toda a área é ocupada pela polêmica base de Funtenma.

Kamila Sato Kanashiro, bolsista *kenshusei* por dois meses pela cidade de Naha, me narrou um fato interessante. Era a primeira vez que se encontrava em Okinawa, um desejo nutrido por muitos anos. Postulou para a bolsa de Naha por temer não conseguir caso pedisse por Oroku, a *son* ou vila de origem da família de seu pai. Hoje Oroku é um bairro incorporado à cidade de Naha, a capital da *ken* ou província. *Sonjinkai* são as associações por *son* ou *vilas*, muitas das quais, como Oroku, estão administrativamente inseridas em unidades maiores. No entanto, a forte identificação e os estreitos laços de amizade entre os descendentes de cada *son*, a unidade menor da divisão administrativa de Okinawa, permanecem definindo quem são os *shimanchu* ou contrerrâneos. A Oroku *sonjinkai*, da qual seu pai e avós fazem parte é uma associação muito ativa, com intensa participação de jovens e portanto sua bolsa é muito concorrida. Os chamados *orokunchu*, ou nascidos em Oroku e seus descendentes, possuem a fama, na comunidade uchinaanchu, de terem as associações mais fechadas e serem muito endogâmicos. A mãe de Camila é *nikkey* não descendente de Okinawa. Assim, em sua fala, diz que sua mãe foi muito bem aceita na casa de seu pai e na comunidade de modo amplo, o que Camila utilizou como exemplo do espírito uchinaanchu. Seu pai é o *choonan* (primogênito) e como já estava

demorando para casar, sua avó ficou feliz por não ter sido com uma mulher *gaijin*¹², apesar de não ter sido o ideal: uma *orokunchu*. Até mesmo uma pessoa nascida em outras partes de Okinawa seria “melhor”. Além de escolher, eliminando as possibilidades de maior concorrência para as bolsas, Camila revelou já participar das atividades do *Urizun* anteriormente à obtenção da bolsa. A troca de informações é de grande importância para preparar os futuros bolsistas para a seleção e principalmente quanto às obrigações e responsabilidades a cumprir durante e após o retorno. Atrair os jovens interessados em postular uma bolsa com palestras explicativas faz parte da estratégia de manter o interesse em alta. É sabido, de modo geral, que muitas das oportunidades de bolsas *kenpiriyugakusei* pelas outras províncias (um total de 47 *ken*) são perdidas, enquanto a disputa para a bolsa por Okinawa sempre é alta. A principal particularidade na dinâmica de bolsas entre os *uchinaanchu* é a existência das *kenshusei*, as bolsas oferecidas pelas associações *shi chi sonjinkai* e prefeituras de pequenas ilhas, cidades ou bairros em Okinawa.

Entre 1969, quando Okinawa começou a receber os bolsistas, e 2003, o governo central dividia os custos do programa com o governo da província. Com a crise mundial os programas *Kenpi Ryugaku* e *Kenshu* administrados pelas unidades *shi cho son* foram reavaliados pelo órgão responsável pela reforma administrativa. Juntamente com outros 36 projetos da prefeitura da província de Okinawa, foi o único a ser considerado como desnecessário segundo publicações dos principais jornais de Okinawa. Tal notícia levou a *Urizun* a manifestar sua preocupação declarando que as “Bolsas de Estudos, com duração de um ano, são de suma importância para a preservação e divulgação da Cultura de Okinawa no Brasil, além de ser o mais importante vínculo e responsabilidade periódica que o Okinawa *Kenjinkai* do Brasil possui diretamente com Okinawa *ken*.”

http://www.utinapress.com.br/bolsistas_24.html

Com o empenho do círculo de ex-bolsistas de Okinawa, *Urizun*, foram mantidos o envio de bolsistas por um ano, *kenpiriyugakusei*, e os programas *kenshusei shi cho son*. Alguns passaram por modificações, por exemplo, a bolsa de Naha passou a ter revezamentos e receber apenas dois participantes em cada edição. Com as mudanças, os descendentes de Naha no Brasil passaram a pagar as passagens dos

¹² *Gaijin* é o termo abreviado e pejorativo para *gaikokujin* 外国人 que contém os *kanji* (ideogramas importados do alfabeto chinês, um dos 3 alfabetos utilizados na língua japonesa) que representam fora, país e pessoa. Curiosamente na comunidade *nikkey* no Brasil o termo é usado para se referir aos demais nacionais brasileiros sem descendência japonesa.

bolsistas e assim todos os anos um bolsista é enviado. Bolívia, Peru e Argentina se revezam na outra vaga, mas não arcam com as passagens.

A coluna do *Urizun* no jornal *Utiná Press* divulga e noticia diferentes programas de bolsas envolvendo Okinawa e Brasil, e programas como o *Junior Study* no qual jovens descendentes de uchinaanchu de vários países visitam Okinawa, e o *Niseta Tour* no qual um grupo composto por jovens de vários países visitam a comunidade uchinaanchu do país eleito para aquele ano, na América do Sul. O tom emocionado dos relatos e entrevistas sobre as experiências do intercâmbio e “despertar da identidade” é uma constante.

O que atrai muitos bolsistas e faz com que busquem maneiras de permanecer em Okinawa por alguns anos é o interesse em desenvolver pesquisas e habilidades na língua uchinaaguchi; em *sanshin* e outros instrumentos como *taiko*, *koto* em seus estilos clássico *kooten* e popular *miyo*; em dança *odori* ou Ryukyu *buyo* que segue a mesma divisão clássica e popular; no estudo da presença das bases, da história, da memória e da genealogia familiar. Não é incomum que a mesma pessoa participe em mais de uma modalidade de bolsa. A dinâmica dos programas de bolsa e intercâmbio é um pilar fundamental na construção da rede transnacional uchinaanchu. A atuação consciente e objetiva visando a construção da rede transnacional está presente no discurso tanto oficial como pessoal nos eventos relacionados aos programas de intercâmbio.

***Okinawa Kenpiryugakusei* – programa de bolsa para os descendentes da província**

As práticas de intercâmbio se articulam em torno de diferentes programas e durações. Mais especificamente no Brasil, a Embaixada do Japão oferece a bolsa de um ano destinada aos descendentes das quarenta e sete províncias. Chamada *Kenpiryugaku*, com ela o bolsista desenvolve atividades ligadas às universidades e às suas profissões. O governo japonês custeia passagens, alojamento, despesas nas universidades e um valor mensal da bolsa.

O programa de bolsas por província, mesmo sendo uma iniciativa do governo central japonês, tem sido um importante pilar na construção da rede transnacional uchinaanchu. Participar das seleções para o programa inclui uma preparação com intensa troca de informações acerca de cultura e atualidades envolvendo Okinawa. A existência de uma concorrência para ingressar no programa é vista por muitos como

prova da vivacidade da comunidade okinawana no Brasil em comparação com as outras províncias que têm perdido muitas oportunidades por falta de candidatos.

Acompanhei três cerimônias de *shiriashiki* (formatura) durante minha estada em Okinawa. Curiosamente, ter chegado em dezembro foi bastante proveitoso com relação aos eventos envolvendo os bolsistas, pois os períodos são planejados para encerrar perto da virada do ano fiscal que no Japão é no primeiro de abril. Assim, encontrei os bolsistas finalizando suas atividades. As entrevistas aconteceram já em um momento de balanço final e preparação para as apresentações do *shiriashiki*. Fui a uma formatura, uma cerimônia formal, em um hotel em Naha em março de 2014. Os participantes receberam, de autoridades como o reitor da Universidade Meio e o vice governador, os certificados, um a um. O grupo dos bolsistas 2013/2014 era formado por dois bolivianos, Carlos Akiyo Inoue e Tomohito Yara, engenheiros, que estudaram na Ryudai; duas peruanas, a professora e musicista Julia Saori Takaesu que estudou na Geidai e Cláudia Uribe Chinen que estudou na Okikoku; duas brasileiras, Larissa Asami Uezato que estudou na Meio e Karina Satomi Matsumoto, cientista social, que estudou na Okikoku, onde também estudou Eliana Tanabe estudante de medicina argentina; e suas primas Karen Uehara e Débora Nakamatsu, argentinas que estudaram na Universidade Meio. A cerimônia constou de muitas apresentações artísticas musicais de *sanshin*, *kooten*, violão, *teodori e odori*, bem como de performances do grupo de *taiko* RKMD, para as quais os bolsistas vestiram indumentárias próprias. A estudante peruana Julia Saori Takaesu, a única do grupo que havia estudado na universidade de artes, a única também com *kimono* clássico por toda a cerimônia, foi responsável por muitas apresentações de música clássica tocando *koto*, *sanshin* e *fue*. Ao fim de cerca de três horas de cerimônia e apresentações dos bolsistas em violão, *sanshin*, *taiko*, *eisaa e teodori* serviu-se um variado e saboroso jantar.



Shiriashiki dos bolsistas kenpiryugakusei, Naha, Março de 2014

Como os bolsistas foram divididos por áreas de estudo, Julia Saori Takaesu teve que fazer todas as apresentações sozinha ou acompanhada por outros musicistas da universidade onde estudou. Assim, anteriormente à cerimônia estava muito nervosa, devido a estar se preparando para sua apresentação. As áreas a que se dedicaram a estudar Karina, Cláudia e Larissa, mais culturais e sociais, fez com que apresentassem juntas os resultados de um ano de pesquisas. Já os engenheiros Carlos e Tomohito apresentaram sua experiência na empresa que instala painéis solares geradores.

Todos realizaram mais de uma apresentação artística. Todos tocaram *taiko* dançando *eisaa* tradicional. O *taiko* moderno ou *sousako eisa* também esteve presente, uma vez que Carlos é membro do grupo *Ryukyu Koku Matsuri Daiko* em uma filial da Bolívia, se manteve treinando com um grupo em Okinawa e juntos executaram as coreografias de algumas músicas. Débora, Larissa e Karen, que residiam em Nago e estudaram na Meio *daigaku* ensaiaram juntas coreografias de *teodori* (*te*, de mão), danças executadas sem instrumentos, pelas mulheres, acompanhando os homens que dançam *eisaa* e tocam *taiko*. Muitas coreografias

agregam um lenço ou faixa de tecido que é manuseado e posto sobre o ombro várias vezes durante cada música.

Um fator observado nestas cerimônias, que imagino ser também um dos objetivos da existência do programa, é a presença dos familiares dos bolsistas. O pai de Júlia, que morava em Okinawa há muitos anos, estava presente em companhia de duas irmãs pequenas. Muito carinhosas com a irmã mais velha, que viera do Peru para a estada de um ano de bolsa, as meninas corriam para abraçar Júlia a cada apresentação. Os grupos familiares de todos os bolsistas formalmente vestidos demonstravam muito orgulho ante as apresentações e aplaudiam entusiasmados. Muitos *flashes*, fotos e vídeos sendo registrados com a presença de autoridades da prefeitura e das universidades, fizeram da solenidade um evento tanto formal como familiar que terminou com todos dançando o *kachiashi*¹³ ao som dos assobios e *taiko*.

A seção da prefeitura responsável pelos intercâmbios é muito preocupada em acompanhar os jovens bolsistas e trabalha para garantir que tudo corra conforme os planos. Os chamados *tantoucha* são os responsáveis diretos pelos bolsistas, pelo cumprimento da agenda e também o meio de comunicação entre eles e a burocracia oficial. Arturo Koyama, bem como outros colegas do mesmo *JET programme*, atuam junto às repartições responsáveis pelos intercâmbios, a exemplo da americana Mariko Cook que visitei na sede administrativa de Urasoe. Ambos são descendentes de Okinawa. Arturo, por atuar junto aos *kenpiryugakusei*, trabalha na sede administrativa da província ou *Kencho*. A principal função destas divisões internas a cada unidade administrativa, responsáveis pela divulgação das bolsas e captação dos bolsistas, bem como por toda sua programação, é não perder a conexão existente entre Okinawa e cada associação em diversos países e cidades. São as divisões de intercâmbio que mantêm ativa a circulação de pessoas periodicamente na rede transnacional *uchinaanchu*.

As cerca de dez entrevistas com bolsistas *kenpiryugakusei* foram reveladoras de como o empenho em participar neste programa de bolsas é parte de uma construção identitária que supervaloriza a cultura e a origem em Okinawa. A entrada nos fluxos que impulsionam a construção da rede transnacional por meio das bolsas *kenpiryugaku* é o que pode se dizer ser uma entrada triunfal. Há um reconhecimento

¹³ Dança muito animada e contagiante que imita o movimento das ondas do mar com as mãos e cabeça que sempre encerra os eventos *uchinaanchu*. É uma expressão corporal muito espontânea entre os *uchinaanchu*.

da comunidade de onde saíram com relação ao merecimento de terem sido contemplados. Reconhecimento de seu interesse em pesquisar, se dedicar à línguas e principalmente em participar das atividades da associação, contribuindo com seus conhecimentos e práticas culturais. Os demais membros das associações de onde foram selecionados os bolsistas se ufanam e preparam despedidas ante a partida dos bolsistas.

Ter sido contemplado com a bolsa e ter encarado presencialmente a realidade de Okinawa faz com que muitas idéias pré concebidas e idealizadas por estes jovens sejam desfeitas. A expectativa de compartilhar a identidade *uchinaanchu* entre estes bolsistas e os okinawanos de modo amplo é relatada como uma grande frustração por alguns. A dinâmica de dominação ideológica vivida com a transformação de Okinawa em território japonês, o extermínio da língua e o desprezo, chegando mesmo à discriminação dos hábitos e tradições okinawanas, instauraram uma vergonha relacionada a este pertencimento étnico. A expectativa de encontrar pares em Okinawa é frustrada, pois, como dizem alguns bolsistas, eles dão o sangue por uma cultura e tradição que consideram estar sendo perdidas.

***Kenshusei*, intercâmbio *Shi Cho Son* – programa de bolsas para os descendentes das vilas**

As práticas de intercâmbio se articulam em torno de diferentes programas especificamente de Okinawa. Há bolsas variando de dois a seis meses de duração, destinada aos descendentes dos locais que são hoje como bairros em cidades de Okinawa, as unidades *shi cho son*. Trata-se da organização político geográfica de Okinawa, formada por *shi*, as cidades, *cho* ou *machi*, povoados, e *son* ou *mura*, as vilas, que são as unidades administrativas originadas na antiga divisão por *magiri* ou vilas do período Sanzan. Estas localidades específicas definem quem são os *shimanchu*, entre os quais os laços de amizade são estreitos. Se fundaram associações específicas de cada *shi cho son* entre as quais as visitas e circulação de bens e informações são constantes. Nesta modalidade de bolsa o governo da província de Okinawa financia as passagens enquanto o bolsista se hospeda com algum parente em seu *shi cho son*. Uma das condição para se candidatar à bolsa é ter algum parente residindo na localidade. Há ainda outras formas de hospedagem para bolsistas desta modalidade, ante a possibilidade de nem sempre haver disponibilidade de parentes.

Mas sempre que possível, a hospedagem com familiares ocorre e a família recebe uma ajuda também. O contato com familiares e a busca pelo local de origem de seus antepassados ocorrem mesmo quando os bolsistas se hospedam em alojamentos e universidades.

De modo geral, participar desta bolsa é não apenas um incentivo a conhecer o local de origem de seus pais, avós e bisavós, mas de certa forma demonstra a inserção das famílias nas redes de associações e do governo de Okinawa. O objetivo declarado das bolsas *shi cho son* é fortalecer os vínculos entre os *shimanchu*, divulgar a cultura okinawana e fortalecer a própria rede transnacional. Na realidade não se fala exatamente em construir elos entre pessoas que nunca se viram, mas o discurso gira no sentido de não se deixar perder conexões e, se necessário, resgatá-las. Os encontros, principalmente com a geração dos chamados *ojisan* e *obasan* (tios e tias, termos muito utilizados genericamente, sem relação de parentesco), que muitas vezes conheceram e conviveram com os seus antepassados diretos, *ojiisan*, *obaasan* (avós e avós) são relatados com muita admiração ao modo de ser destes senhores. É frequente a afirmação de que estes jovens convivem durante o período de bolsa mais com os *ojisan* e *obasan* do que com jovens de sua idade, o que se justificaria pela falta de tempo e mesmo pelo fato da maioria dos jovens ter que sair de Okinawa para ter melhores oportunidades de estudos e empregos.

Os vínculos familiares criados ou restabelecidos com esta modalidade de bolsa se mostram envoltos em carinho e atenção. Principalmente por parte das pessoas que residiram com familiares, como Liana Sayuri Nakahodo e Victor Kanashiro. Encontrei Liana em um momento em que ela retornava a Okinawa, cerca de 15 anos mais tarde. Buscando contato com o tio-avô que assumiu a responsabilidade pela sua estada, Liana reconhece o gesto como de extrema confiança por parte deste senhor que sequer a conhecia ou aos seus pais diretamente. Ele se encontrava em estado de saúde muito debilitada e Liana demonstrava não apenas grande preocupação, mas principalmente expressava seu forte desejo de permanecer por mais tempo em sua companhia. Chegou a comentar um desagrado referente aos passeios que outros familiares a convidaram, mas que não implicavam a companhia de seu tio-avô.

Melissa da Argentina e Miyuki do Brasil estavam vestidas com kimono *bingata*¹⁴ no dia da cerimônia *shirishiki* que contou com a presença do recém reeleito prefeito de Nago, Susumu Inamine. Havia exposição de seus trabalhos em *sumi-e* (pintura em tinta *nankin*), *shodo* (arte da caligrafia japonesa) e um exuberante *ikebana*. Melisa e Miyuki tocaram *sanshin* acompanhadas do *sensei* que ensinou a ambas em Nago. Todos os professores estavam presentes na cerimônia. Os convidados dos bolsistas contribuíram com mil ienes para a refeição, o que se repetiu na cerimônia de Naha mas não na cerimônia dos bolsistas *kenkiryugakusei*. O ponto alto foram os discursos de agradecimento, altamente emocionados.



Miyuki, Melisa e Inamine, o prefeito de Nago

Kamila, muito envolvida com o *kaikan* (como são chamados os prédios sede das associações *nikkey*, também referido como *shibu*) de Vila Carrão, na zona Oeste de São Paulo, capital, já “ajudava na *Urizun*” anteriormente à vinda à Okinawa. Me explicou que o programa *kenshu* de Naha foi ameaçado de ser suspenso por falta de verba, então fechou-se um acordo com a AOKB e a administração da cidade de Naha para dividir os custos dos bolsistas vindos do Brasil. Todos os anos a AOKB custeia as passagens do bolsista brasileiro e a prefeitura de Naha custeia o valor da bolsa e a hospedagem do brasileiro.

¹⁴ Bingata é uma técnica de pintura em stencil com motivos tradicionais de Okinawa como nuvens, pássaros e flores.

Kamila cursava na época gerontologia e seu desejo de ir a Okinawa se relacionava com o fato de ser o local onde há mais centenários no mundo. Após um estágio profissional, apresentou na sua cerimônia de formatura, uma palestra sobre o comprimento dos telômeros que, quanto maior forem, mais longevos serão seus portadores. Misaki, estudante de administração, também falou sobre seu estágio profissional em Okinawa. Revelou ainda que ela e sua mãe buscavam os registros de família, ou *kakezu*. Ela estava em contato com o Museu Histórico de Naha para este fim. Misaki e Kamila já se conheciam das reuniões do WYUA realizadas no Brasil e Estado Unidos. Nas aulas de *nihongo* (língua japonesa), tiveram contato com muitos estrangeiros como suecos, chineses e paquistaneses. A declaração de estar realizando um sonho, de pisar na terra de seus antepassados, é comum a todos os bolsistas. Mesmo para quem já havia estado em Okinawa, as atividades proporcionadas pelos programas de bolsa, ainda que com agendas apertadas, são muito diferentes daquelas de uma viagem.

Em Naha a cerimônia de formatura, *shiriashiki*, contou com apresentação de *sanshin*, com uma música composta pelas estudantes Camila e Misaki, cantando agradecidas e emocionadas. Com um grupo de jovens, a dança *eisa* foi executada juntamente com *taiko*. O professor de *sanshin*, bem como outros praticantes se juntaram nesta festiva cerimônia. Um *slide* com fotos das visitas e experiências das bolsistas foi projetado, da mesma maneira que em Nago e na formatura dos bolsistas *kenpiryugakusei*. Por ter se realizado em um local de mais fácil e rápido acesso na ilha, no bairro de Shintoshin, onde há muitos *shoppings*, museus, cafés estações de ônibus e *monorail* ou como dizem モノレール *monoreru*, todos os bolsistas que residiam na região centro sul da ilha estiveram na cerimônia de *shiriashiki* de Naha, com exceção dos bolsistas de Nago, ao norte da ilha.

Foi bastante proveitosa a conversa com uma japonesa que vivia há quatro anos em Okinawa, Sakiko Nagatsuka e uma *ginozanchu* (nascida em Ginoza, Okinawa) com laços estreitos em seu local, Aimi Kinjo. Ambas são funcionárias responsáveis pelas bolsas *kenshu* de Nago. Sakiko observou que as pessoas que participam do programa de bolsa no qual trabalha, muitas vezes encontram os parentes pela primeira vez e estabelecem vínculos familiares instantaneamente. Falou inclusive sobre seu ambiente de trabalho, afirmando ser como uma família, enquanto em Tokyo, os colegas saem juntos, mas sempre é “*business*”. Aimi Kinjo nasceu e sempre viveu em

Ginoza, Okinawa. Dedicar-se à prática de *odori*, sua mãe toca *sanba* e seu pai *sanshin*. Por isso, os almoços em família terminam sempre em música, dança e *kachiashi*, quando todos dançam juntos com as mãos imitando as ondas do mar. Tendo participado de um programa de intercâmbio promovido pela sua vila, Aimi realizou uma visita de um mês às comunidades *uchinaanchu* na América do Sul – Brasil, Peru e Argentina. Declarou que os *ginozanchu* que a receberam nestes países confraternizaram, tocaram *sanshin*, dançaram como se estivessem em Okinawa. Aimi afirmou que o programa de bolsa mais antigo é o de Ginoza, que em 2014 existia há 28 anos, enquanto o programa do qual participou, que visita as comunidades *ginozanchu* da América Latina, existia há 8 anos.

***Daidousoukai* - encontro dos vários programas de intercâmbio**

A bolsista Karina Satomi pediu ao seu *tantousha* (responsável pelos bolsistas *kenpiriyugakusei*), Goya San, que me autorizasse a acompanhar as reuniões preparatórias de um grandioso evento que reúne todos os bolsistas e ex-participantes dos variados programas de intercâmbio. As reuniões eram assistidas por funcionários da divisão de intercâmbio da administração da província, ocorriam na sede da JICA, *Japan International Cooperation Agency*, em Ginowan, Okinawa. Contava sempre também com o “*facilitator*”, Tadashi Hirai, que trazia escrito “Papa Latino” em seu *meishi* 名刺めいし, o ritualizado e formalizado cartão de visitas. Em uma das três reuniões em que participei, Tadashi ministrou uma oficina para atuar no evento *daidousoukai* como “*facilitator*”, algo como quebrar o gelo e propiciar interações. Curiosamente, desta reunião participou a professora do filho de Tadashi que cursava o equivalente ao primeiro ano do ensino médio. Declarando-se curiosa em relação à profissão de um pai de aluno que afirmou querer seguir a mesma carreira de seu pai, acompanhou as dinâmicas de grupo e as diferentes técnicas de facilitação em reuniões e eventos. As técnicas e dinâmicas de grupo visavam sempre à cooperação em soluções, bem como a estimular os agrupamentos das subdivisões a pensarem em determinado tema e elaborar propostas. As propostas eram escritas em pequenos papéis coloridos com adesivo, *post it*, então organizadas em cartolinas por temas em cada grupo. As reuniões começavam cedo e se estendiam até o começo da noite, na que houve a oficina almoçamos no refeitório da JICA.

A primeira reunião que participei foi a maior em número de participantes e procedeu-se a um balanço do grande evento que havia se realizado em outubro. Um grupo dos chamados OB, OG (*old boys* e *old girls* ou *senpai*) falou sobre sua experiência. A maioria tinha tomado parte nas reuniões do WYUA no Brasil 2012 (São Paulo) e Estado Unidos 2013 (Los Angeles). Todas as reuniões foram capitaneadas por Minami Tamamoto, presidente e fundadora do WYUA.

De modo geral, todas as reuniões preparatórias para o *daidousoukai* giraram em torno do esforço de contruir a rede transnacional Uchinaanchu por meio de diversos programas de intercâmbio. A palavra ネットワーク (*network*) estava sempre estampada no *data show*. Além dos programas de bolsa de estudo *kenpiryugakusei* e *kenshusei* há o *Junior Studies*, onde uma vez por ano um grupo de jovens vindos de vários países visitam Okinawa. O foco nestas reuniões é justamente agregar todos os participantes dos programas de intercâmbio, juntamente com os *senpai*, os antigos participantes neste grandioso evento. A principal questão posta em jogo nas reuniões preparatórias era realizar uma organização tal que propiciasse uma grande apresentação, onde todos se conhecessem. Daí o nome *daidousoukai*, literalmente grande apresentação. Assim, com as sugestões dos participantes da edição anterior que ainda se encontravam em período de bolsa, planejavam a execução de mais uma edição do evento, com uma antecedência de sete meses. Estas longas reuniões eram uma atividade prevista para de certo modo ter um feed back da participação e opiniões sobre o que funcionou bem e o que poderia mudar na próxima edição, com sugestões pragmáticas.



Minami Tamamoto e Tadashi Hirai na reunião preparatória para o evento Daidousoukai, sede da Jika em Okinawa, março de 2014

Sensei e historicidade

A simples existência de um termo específico, きべい *kibei*, para designar as pessoas que foram enviadas das colônias ao Japão para serem educadas nos mostra que a mobilidade e o fluxo de pessoas em torno das práticas educacionais e intelectuais é intensa. O papel preponderante dos intercambistas na articulação da rede transnacional é algo que pude constatar também no Brasil. As pessoas que vivenciam a experiência de participar de um intercâmbio, de ter estudado em um território cujo capital simbólico (Bourdieu, 1971, 1989) tem maior valor para o grupo, declaram ter sido tomadas por um sentimento de quase obrigatoriedade de preservar a cultura e o espírito *uchinaanchu* como um legado para as futuras gerações. Cria-se como que um pacto, um compromisso diante da descoberta ou despertar de uma identidade antes confusa em meio a trânsitos entre Brasil, Japão e Okinawa.

Como sabemos, pessoas que são contempladas com bolsas para ir a Okinawa ou outros locais importantes para a construção da identidade transnacional em questão, declaram abertamente que a viagem mudou seus sentimentos em relação ao

espírito uchinaanchu. Ocorrem processos de profunda identificação que geram tanto um sentimento de gratidão, e consequentemente uma vontade de querer retribuir para com a rede uchinanchu, como, principalmente, um despertar para o valor e peculiaridade desta cultura. Nas viagens de intercâmbio ocorre o processo de descobrir-se portador desta identidade, de compartilhar o espírito uchinanchu. As práticas de intercâmbio têm sido eficazes não somente para a valorização da cultura e história uchinaanchu como para o fortalecimento e incentivo a pensar em como preservar a união do grupo, a memória diaspórica, a língua, a cultura, o espírito uchinaanchu e transmiti-lo às próximas gerações. Há que se demonstrar gratidão pela oportunidade da viagem e aprendizado para a vida mantendo o espírito uchinaanchu.

A prática de transmissão de um conhecimento específico, o reconhecimento público atingido por uma pessoa que além de dominar um conhecimento específico é capaz de transmiti-lo, acompanham os *sensei*. A presença do *sensei* é notória na comunidade uchinaanchu, como na comunidade japonesa e *nikkey*. É de conhecimento geral a valorização do profissional de educação no Japão que se expressa como o único que não tem a obrigação de se curvar diante do imperador. Mais do que isso, o respeito para com os *sensei*, em qualquer área, das artes e artesanatos, à língua, caligrafia, música, dança, folclore, é demonstrado com reconhecimento público. É facilmente identificável quem é o *sensei* que, como o intelectual orgânico definido por Gramsci (1982), forma visões de mundo. Os *sensei* uchinaanchu são tratados com toda reverência e consideração, pois são vistos como fonte de um conhecimento acerca daquilo que é mais precioso: a cultura e o modo de ser tipicamente uchinaanchu, ou seja, transmitem o próprio pertencimento e compartilham o *mabui* ou espírito uchinaanchu. A capacidade de transmitir os conhecimentos, mais do que a própria habilidade técnica, é o que distingue o *sensei* de um bom praticante das artes uchinaanchu. E claro, o professor, formal e inserido em uma instituição também é chamado *sensei*, apostado ao nome, substituindo o vocativo respeitoso *san*. Uma coisa muito interessante na dinâmica de intercâmbios é a prática do envio de *sensei* de Okinawa para países como Peru, Brasil, Havaí, e mesmo entre comunidades uchinaanchu em um mesmo país, recordemos que o grupo de *taiko / sousako eisa* de Brasília teve início com a iniciativa de uma ex-bolsista que propôs cotizar as passagens de um *sensei* que veio de Campo Grande ministrar aulas. No Havaí, residentes em Honolulu, Eric Wada e Norman Kanashiro, *sensei* de *odori* e *sanshin*, além de *taiko* e da dança do leão *shishimai* ou *shisa*, frequentemente viajam

às outras ilhas para participar dos festivais e ministrar oficinas. Também recebem *sensei* de várias artes e artesanatos bem como grupos musicais e de *odori* ou Ryukyu buyo vindos de Okinawa. É sempre muito noticiado este tipo de intercâmbio envolvendo *sensei* e mesmo associações.

Anteriormente aos contratos para trabalhar no Havaí, que marca a primeira emigração dos okinawanos, já havia uma longa tradição de intensa mobilidade e conexão entre os conterrâneos que se fixavam em outros locais ou ilhas dentro de Uchinaa. Os uchinaanchu se dirigiam também por mar e terra a importantes cidades asiáticas como Nankin, Beijing, Fuhzou, Fukien ou Fujian na China. O sistema de país tributário da dinastia Ming permitia a Ryukyu enviar estudantes para viver longos períodos estudando na China. Logo nos primeiros anos da migração, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, a comunidade *nikkey* enviava jovens ou mesmo crianças para serem educados no Japão e em Okinawa. Yamazato (2007) observa o papel proativo dos *nisei* (segunda geração, filhos de imigrantes japoneses nascidos em outro país) *kibei* okinawanos na fundação das associações Okinawa *kenjinkai* e também das associações por *shi cho son*. Desta forma, é possível identificar uma continuidade histórica de grande profundidade na prática do intercâmbio. Os atuais programas de bolsa e mesmo os fluxos voluntários buscam aprimorar conhecimentos específicos ou mesmo estabelecer conexões com familiares e *shimanchu*, conterrâneos. Tanto a prática de intercâmbios como a manutenção dos laços de amizade entre os conterrâneos e mesmo os laços de parentesco e prestações familiares como o *butsudan*¹⁵ são bastante ativos. Seguem impulsionando uma grande mobilidade e fluxos de pessoas, objetos e informações a nível transnacional (Hannerz, 1997; Ribeiro, 1997).

Um ponto em comum a todas as cerimônias *shiriashiki* ou formatura dos programas de intercâmbio foi a entrega solene de certificados seguidos de discursos nos quais a construção da rede é declarada como um objetivo consciente. As trajetórias de vida dos bolsitas se mostram interligadas à estrutura transnacional uchinaanchu. As bolsas e os intercâmbios marcam as histórias de vida e consequentemente a percepção dos sujeitos destas experiências em seus sentimentos de pertencimento étnico. Ao adquirir a identidade que chamo de スウパ ウチナアン

¹⁵ *Butsudan*, também chamado de *totome*, é o templo doméstico familiar passado do pai para o filho mais velho. No quarto capítulo, veremos inúmeros arranjos para seguir as determinações e regras do *butsudan*.

チユ *suupa* uchinaaanchu tomam a iniciativa de conectar com grupos *shimanchu* ou contrerrâneos dispersos em vários países, para compartilhar seu *mabui* ou espírito uchinaaanchu e assim continuar construindo a rede transnacional.



Certificados entregues por autoridades no *Shiriashiki* dos bolsistas *kenpiryugakusei* 2013/2014, em Naha, março de 2014

4 – Universidades onde a rede transnacional é construída

O papel das universidades no intercâmbio é de importância incontestável. Elas são outros nós de um sistema que agrega e dinamiza a circulação de informações e pessoas. Apesar da ideia de uma rede planejada, no caso da rede transnacional Uchinaaanchu há um centro que possui um maior valor simbólico (Bourdieu, 1971, 1975, 1980). Em uma comunidade diaspórica onde o conhecimento se relaciona a tradições locais em artes, música, dança, artesanatos diversos em têxteis, cerâmica, estêncil, vidro, laqueado, ter cursado e aprendido estas técnicas neste centro tem um valor único. E mesmo que nem todas estas práticas e tradições sejam ensinadas nas universidades, os espaços universitários proporcionam reflexões sobre a história e cultura okinawana de modo que não acontece na educação padronizada pelo governo central até o nível médio de ensino, voltado para a área técnica e tecnológica. Assim,

nas universidades em Okinawa é onde existe a possibilidade de se matricular em disciplinas que se dediquem à cultura, história do reino de Ryukyu e à sua geopolítica. Mas Okinawa também é pensada em centros de ensino superior fora do Japão.

Hawaii University em Manoa

A *University of Hawaii Press* tem lançado livros sobre Okinawa e seus descendentes como: Molasky e Rabson (2000), Suzuki (2010), Wakaizumi (2002), Nakasone (2002), Chinen (2007). Nessas obras, vislumbramos um intenso interesse por parte destes intelectuais, alguns uchinaanchu, em pesquisar a história, memória e atual configuração enquanto um povo disperso pelo globo em uma dinâmica migratória. Na universidade do Havaí em Manoa, está sediado um ponto importante da rede de intelectuais uchinaanchu, abrigada no COS - *Center for Okinawans Studies*. Como sabemos, também em Honolulu está o *East West Center*, com cerca de nove programas de intercâmbio entre eles o *Obuchi Student Scholarship* que é direcionado especificamente para os nascidos em Okinawa. Voltado para financiar estudantes com bolsas de pós graduação, os alunos da Universidade do Havaí devem regressar e contribuir com o desenvolvimento de Okinawa. É dito com muito orgulho que egressos do programa Obuchi atuam em cargos chave como reitores e professores. Até mesmo o cargo de governador de Okinawa já foi ocupado por um ex-aluno. A WUB - *Worldwide Uchinaanchu Business Association* financia também a participação dos uchinaanchu, sem restrição de residência, em outro programa do EWC, chamado APLP – *Asia Pacific Leadership Program*, um curso de pós-graduação com duração de cinco a nove meses que inclui seminários, estudos de campo, estágio. O APLP já recebeu brasileiros descendentes de uchinaanchu.

Outro espaço importante é a biblioteca Hamilton da *Hawai'i University* que, em seu quarto andar, abriga a *Hawley Sakamaki Collection*, em uma área reservada e de acesso controlado. Trata-se da coleção do jornalista Frank Hawley (1906 – 1961), que residiu em Okinawa, casou-se com uma okinawana e assim conectou-se a muitos intelectuais okinawanos que o ajudaram a organizar a coleção. Nutria verdadeira paixão por Okinawa e passou a colecionar livros, documentos e pinturas sobre sua história e cultura. Após sua morte, a coleção foi comprada em um esforço conjunto da comunidade okinawana do Havaí e do professor Shunzo Sakamaki que complementou a coleção. É possível ler a história da coleção na página de internet da universidade